



UDESC
UNIVERSIDADE
DO ESTADO DE
SANTA CATARINA

FAED
Centro de Ciências
Humanas e da Educação



DCH
Instituto de Documentação e
Investigação em Ciências Humanas

**Instituto de Documentação e Investigação em Ciências Humanas
Espaço Eglê Malheiros & Salim Miguel**



Documentos, Comentários e Notícias Sobre o Livro:
A Voz Submersa

Organização e digitalização: Iraci Borszcz e André Luiz Fernandes da Silva
Coordenação: Profa. Dra. Maria Teresa Santos Cunha

Florianópolis, 2016

Sumário

01	FERREIRA,Edda Arzua. A voz submersa. [s.n., s.l., 198--?]
02	UFSC. ACESSORIA DE COMUNICAÇÃO. A voz submersa (romance) e a crítica. Florianópolis, [198--?]. Cópia de Laudas originais da matéria.
03	UFSC. ACESSORIA DE COMUNICAÇÃO. Escritores lançam novos livros. Florianópolis, [198--?]. Laudas originais da matéria
04	ESCRITORES lançam novos livros. [198--?]. Pag. datilografada
05	MENEZES,Carlos A. A voz submersa,de Salim Miguel,uma radiografia do Brasil a partir de 1968. O Globo , Rio de Janeiro 6 out. de1984. Segundo caderno p.3
06	JUNCKES, Lauro. A Voz submersa. [s.l., 198--]. Cópia de pág. Impressas.
07	CONVITE para lançamento do livro A Voz submersa. Florianópolis, [198-?]. Assembléia Legislativa, UFSC, Editora Global e Distribuidora Lunardeli
08	ISTO É recomenda. Isto É. São Paulo,14 jan. de 1984
09	DOIS livros novos de escritores catarinenses. A Gazeta. Florianópolis, 19 de maio de 1984
10	AQUINO, Flávio. A voz de Salim. Manchete , ago.1984
11	PEREZ, Renard. A voz submersa. Suplemento Literário , [S.l.], 20 jul.1985
12	MENEZES, Cacau. Salim como gosta. O Estado. Florianópolis,10 ago. de 1984, p. 21
13	CAETANO, Maria do Rosário. A voz submersa: nova ficção de Salim Miguel. Correio Braziliense , Brasília.19 ago. de 1984, p.2.
14	CORREA , Nereu. Livros de autores catarinenses. O Estado. Florianópolis, 23 jun.1985.
15	RODRIGUES, Nélio.Os fantasmas de Dulce. Última Hora. Brasília, 21 ago. de 1984.

16	A VOZ subersa. A Gazeta . Florianópolis, 26 ago.1984
17	JUNCKES, Lauro. Salim Miguel e a voz submersa. A Gazeta . Florianópolis, 26 de ago. de 1984, p.4.
18	ALVES, Herique L. A voz submersa. Jornal das Letras . Rio de Janeiro, set.1984. Segundo caderno p. 5
19	AVOZ submersa de Salim Miguel. A Notícia , Joinville, 02 set.1984
20	COELHO, Fernando. Salim Miguel, um escritor e sua intimidade com a leitura. O Popular .Goiânia, 04 set.de 1984.
21	MAIA, Adinoel Motta. Livros. Jornal da Bahia . Salvador, 09 e 10 set. de 1984.
22	MACHADO, Ubiratam. A voz submersa. Fatos e Fotos . Rio de Janeiro10 set. de 1984.
23	OS CONTOS de Raul Caldas. E a volta de Salim ao romance. O Estado . Florianópolis, 21 set. de 1984. p. 23
24	FAGUNDES, Eron Duarte. Romance. Zero Hora . Porto Alegre, 18 jun. de 1986. p.6.
25	SCHMITZ, Paulo Clóvis. Salim Miguel: unindo o psicológico, o político e o Social . O Estado . Florianópolis, 23 set.1986. p.32
26	MURAL. Suplemento Literário de Minas Gerais . Belo Horizonte, 29 set.1984.
27	CARVALHO, Ilmar. Salim & Raul, autores ilhéus. O Estado . Florianópolis, 30 set. de 1984. p.34
28	GLOBAL. Lista de preços . São Paulo, out. de 1984.
29	LITERATURA brasileira. A voz submersa. Leia . São Paulo, out. de 1984. p.38
30	ENCONTRO da empresa privada com a cultura. ZH Cultura . Porto Alegre, 13 out. de 1984. p. 13
31	SUGESTÕES do editor. ZH Cultura . Porto Alegre, 13 out. de 1984.
32	GLOBAL. Correio das Artes . João Pessoa, 21 out. de 1984. p.15

33	FEIRA DO LIVRO, 84 ^a . Programação da feira . Porto Alegre, 11 nov. de 1984. Folder da feira
34	SUGESTÕES do editor. ZH Cultura . Porto Alegre. 1 nov. de 1984. Segundo caderno p.5
35	HOHLFELDT, Antônio. Sob o domínio do tempo. Isto É . 07 nov. de 1984. p.88.
36	COSTA, Magalhães da. Vol. 261: a Voz submersa. Folha do Piauí . Teresina, 11 mar. de 1985. p.4.
37	SALIM Miguel, escritor brasileiro. Correio Brasiliense . Brasília, 25 nov. de 1984.p.9
38	COUTINHO, Edilberto. Febre amara, romance corajoso e estória sem rei. F&F . [S.l.], 3 dez. de 1984. p.23.
39	PONTES, Mário. À beira da ruptura. Jornal do Brasil . Rio de Janeiro, 08 dez. de 1984.
40	SIMÕES JUNIOR, Antônio. Breves considerações acerca de "A voz submersa". O Estado . Florianópolis, 31 mar. de 1985.
41	SOUZA, Silveira de. Salim Miguel: a voz submersa. Colóquio / Letras . Lisboa, mar. de 1984. p.114
42	BRANCO, Aloisio G. Um autor procura dar voz à sua personagem fugidia. O Globo . Rio de Janeiro, 09 dez. de 1984.
43	CALDEIRA, Almiro. A voz submersa. O Estado . Florianópolis, 12 dez. 1984.
44	SANTANA, Valdomiro. Um descida aos infernos. O Estado . Florianópolis, 16 dez. de 1984.
45	SOUZA, Silveira de. Esta nossa voz submersa. O Estado . Florianópolis, 07 fev. de 1985
46	A SAFRA do romance. Afinal . São Paulo, jan. de 1985.
47	DUARTE, José Afrânio. Resenha literária: os estigmas e a A voz submersa. Diário de Minas . Belo Horizonte, 10 de jan. de 1985.
48	MACHADO, Ubiratan. Sobre a Voz submersa. Correio das Artes . João Pessoa, 13 jan. 1985.

A VOZ SUBMERSA

EDDA ARZUA FERREIRA*

Parece-me importante enfatizar que Salim Miguel retoma em *A VOZ SUBMERSA* (S.P. Global, Ed., 1984) os recursos discursivos já trabalhados em seus melhores contos, especificamente em seu livro - *A MORTE DO TENENTE E OUTRAS MORTES*. Isto, entretanto, não minimiza o seu romance, visto que aqui aqueles recursos são reelaborados com maior amplitude e profundidade, favorecidas até mesmo pela própria natureza do gênero romanesco.

A VOZ SUBMERSA obedece a uma organização triádica: a primeira parte, a mais longa e a mais densa de todas, intitula-se: **Tu mentendes** (21-126); a segunda, **Arremates** (129-190), é organizada através de sete tópicos: "A perseguição", "Daqueles pestes", "A família dele"; "Os queridos diabinhos", "Retrato no espelho"; "Na Ilha, o bom-do-papai" e "Um passeio"; a terceira e última parte, intitulada **A fuga (in)desejada**, na verdade funciona como uma espécie de arremate da primeira, visto que retoma a questão central - a crise depressivo-alucinatória de Dulce, o paroxismo de sua mente perturbada. Assim, a sintaxe narrativa desse romance, longe de organizar uma história em ordem lógica e cronológica, subverte-a já no arranjo de suas partes.

*Dr.^a em Teoria Literária pela USP.
Professora da UFSC.

Uma pequena introdução (a meu ver dispensável) antecede as partes propriamente constitutivas do romance e tem a função de explicar a deflagração da crise de Dulce, como também a de esboçar a atmosfera que envolve o romance.

Em A VOZ SUBMERSA não acontece literalmente, factualmente nada (em termos do seu presente narrativo), a não ser a morte do estudante no Calabouço, morte esta que sendo enfocada já na Introdução, é apenas evocada durante o desenrolar da narrativa (24, 36, 49, 60, 79, 87, 102, 169 e 189) - e que ao mesmo tempo em que denuncia a repressão no País, nos idos de 68, funciona como ponto detonador do agravamento do quadro patológico de Dulce: ... "Vê só ontem o horror, não foi só o que presenciei **mas o que aquilo provocou em mim**" (36); "... vê só, escuta então, **por que se tudo foi provocado pela cena da tarde...**" (10). E a protagonista, em crise alucinatória vai radiografando, embora caoticamente, a crise da sociedade brasileira, com todas as suas seqüelas: a ascensão da classe média a qualquer preço, o enriquecimento ilícito, a corrupção, as negociatas, os lucros escandalosos, enfim o período áureo do chamado "milagre brasileiro"...: "... como é possível, palacete, móveis, tudinho novo, com mordomo, mercedes à porta, de motorista, não entendo, ontem não tinham nada, uns pés-rapados, em menos de três anos vê tu só, não é mesmo, pra isto 64 ajudou, mas cala-te boca que as paredes têm ouvidos" (41).

"... me contaram que o marido da Nelinha se meteu numa imobiliária aproveitando as vantagens de um negócio de habitação popular, mamata, outros dizem que foi também coisa de empreitadas, construção de estradas, botou um figurão na parada, um milico..." (61)

"... daí pra diante ninguém segurou mais ele a começar por aquele fornecimento pro Governo, houve concorrência ou não pouco importa, e daí, mamãe, que ingênua és tu, as concorrências sem um jeitinho não se resolvem não..." (72)

"... reclamam que estamos posudos e que o Silvio se valeu de segredos, aquilo dos dólares, que a sociedade no escritório com o coronel ajudou..." (113)

"... que sócio mamãe, já não te disse que é só fachada, só pra abrir as portas, facilitar junto aos órgãos oficiais e

para participar nos lucros, ... o dito sócio só aparece na hora de pegar o tutu, em solenidades ou se tem um galho prá quebrar..." (117)

"... o sócio é só de arques pra que possam entrar nas jogadas altas com um bom respaldo, nem é bom mesmo que apareça..." (116).

Tudo isto ao mesmo tempo em que cria como que o lado espetacular da história, provoca o drama da solidão individual e coletiva, dos desencontros, das angústias e insatisfações; enfim, viabiliza a vida pequena e pobre - porque vazia de sentido - das personagens que povoam o mundo romance: "... não se pode confiar nos outros não mamãe, **vivemos numa selva, cada qual por si**, que dramatizo que nada, bem sabes que não vejo novela de televisão, essa parte é tua, a minha é **que cada qual se cuide, nem amigos nem parentes**, eu sei, aprendi a minha lição bem cedo..." (68) Mas, curiosamente, é esta mesma "vida pequena" que constitui um dos pontos altos do romance: a mineração da sensibilidade, o amesquinamento e até a petrificação das relações humanas, a tragicidade do estar-não-estando no mundo conferem ao romance de Salim Miguel um indiscutível grau de densidade: "... mas são as pestes das irmãs, lhe deram o escritório certas de que o Sílvio ficaria com o pior, tão bom e confiante que meu marido é, não sabe exigir aquilo a que tem direito, afinal ele era o afilhado do tio, o filé foram pros outros parentes..." (72)

"... Na praia ou no carro os pais pouco se falavam. Conversa entrecortada de silêncios, de interrogações, de dúvidas, de incompreensões. Mamãe comentava fatos miúdos da semana... Eram comentários lerdos e desinteressantes... o pai atento à estrada abanava a cabeça, resmungava sem interferir. ... Se era na praia, os pais ficavam estirados sob a barraca, cada qual virado para a sua banda..." (159).

Na primeira parte do romance domina a figura da Dulce que traumatizada com os episódios da morte do estudante Edson Luís, no Calabouço, entra em crise e tenta desabafar com sua mãe, ao telefone - não apenas na esperança de se acalmar; mas, através do fluxo de consciência procura, inutilmente, uma explicação para o caos que se instaurou em sua vida: "a vida im-

prestável, a vida pobre." (130)

A personagem, tida como "compulsiva", "doente mental", e/ou "maníaco-depressiva" é, em última instância, um ser extremamente angustiado que pressente vagamente outros valores, mesmo em uma sociedade degradada, e tenta traduzir, exasperadamente, através de sua mente fantasiosa e conturbada, a sua voz submersa: "... há uma voz submersa dentro de mim mamãe, será que tumentendes..." (122)

"... cansada de tudo em especial de mim mesma, numa depressão que me toma o corpo, se a gente pudesse mudar de corpo, corpo não, cérebro, isto, mais o cérebro, mudar o cérebro como uma cobra muda a pele, recomeçar, mas sem deixarmos de ser nós mesmos, me compreendes não é, a alma cansada e esgotada, velha, alma de milênios, nem imaginas." (123)

O narrador, absolutamente distanciado, transfere o seu discurso para a personagem, então narrador "ad hoc". E através da fala de Dulce vão se configurando as demais personagens: Sílvio, seu marido, as cunhadas, os filhos, a mãe, o sogro, as primas; bem como vai sendo delineada a topografia da sociedade brasileira.

O fluxo de consciência da personagem, que organiza a primeira parte da narrativa e que tem seu correspondente discursivo em um longo e exaustivo monólogo interior (com pretensões dialogizantes), instaura e veicula a confusão do real e do imaginário, de tal modo que nem mesmo Dulce sabe discernir entre o acontecido e o imaginado, entre sonho, pesadelo e a realidade: "... tu sabes mamãe, eu repeti pro doutor Castro impossível continuar assim, e ficamos conversando, melhor, eu fiquei falando... saltando de um assunto a outro mas retornando sempre ao mesmo tema pra me sentir, me acalmar, caí numa dormência, **realidade-fantasia se confundindo...**" (35)

"... mas mamãe há um mecanismo interior bem mais forte do que nós... que não sabemos como e porque funciona e de que maneira é acionado e que cria e **inventa coisas calcadas numa realidade deformada que não deixa de ser realidade**, concordo que é absurdo, mas será que basta eu concordar pra que elas sumam de vez, me diz, hein, basta nada, não basta não..." (80)

"... e o que digo a nível de consciência não correspon-

de ao que sinto e quero explicar..." (123)

A ambigüidade constante em toda a fala de Dulce é acentuada pela oscilação e até mesmo pela simultaneidade entre presente x passado, entre **o que é** x **e o que foi**; essa ambigüidade é marcada por uma espécie de acoplamento entre dois espaços visceralmente distintos - a metrópole Rio de Janeiro e Florianópolis, cidade então provinciana: "... procuro reconhecer as pessoas que me observam, logo estou correndo no mercado de Florianópolis mas quem corre é a **eu** de hoje e não a meninota de então, logo sou atingida pelas balas e me vejo morta carregada jogada nas escadarias da Câmara em plena Cinelândia, logo tudo se confunde e quem me observa lá de Florianópolis são as pessoas que só vim a conhecer aqui no Rio... e "seu" Doca que não é ele o que faz colocado na avenida Atlântica que nem conhece..." (104)

"... No meu sonho eu corria mas era na avenida Atlântica e não na Rio Branco perto da Cinelândia e o "seu" Doca surgia sempre mas não se fixava se transformando naquele teu primo de quem nunca lembro o nome..." (102)

"... são figuras de sonho de quem eu não me recordava... e eis que depois de sonhadas me surgem como se meu sonho tivesse o poder de torná-las realidade, **e tudo se baralha, presente, passado, futuro, infância, adolescência, maturidade, ontem o hoje e o amanhã...**" (103)

O ritmo ofegante do seu discurso (não há pontos, nem pausa de qualquer espécie), carregado de palavras repetitivas, caóticas eleva a um grau quase insuportável as inquietações, perplexidades e angústias da personagem.

O verbo obsessivo de Dulce a desnuda diante do leitor, assim como em seus sonhos/pesadelos ela se vê sempre, obsessivamente nua - nas Avenidas do Rio de Janeiro e ao mesmo tempo nas ruas de Florianópolis, sempre perseguida por olhares maliciosos, cheios de desejo sexual, ávidos de possuí-la - aliás, o componente erótico marca o seu comportamento, tanto a nível de fantasia quanto da realidade: Dulce se vê sempre como o protótipo da "femme fatale"...

A evocação recorrente de "seu" Doca, que a teria despertado para o sexo, quando menina (no mercado de Florianópolis); um

episódio com o primo da mãe, evocado sempre de maneira nebulosa (este teria relações amorosas com sua mãe, ou desejava a ela, Dulce?) apontam para algo que Dulce não quer ou não pode lembrar, e que a martiriza como se ela pudesse se sentir culpada de um erro irreparável: "... o senhor vem sempre com essa conversa, não se lembra daquela experiência tão traumatizante e dolorosa lá em Florianópolis, aquilo me marcou, e depois meu pai perdendo tudo que tínhamos, nós tão bem, tão considerados..." (34)

"... depois existem elementos permanentes no sonho, no pesadelo, eu correndo sempre nua, algumas vezes homens desconhecidos me perseguindo... eu a ponto de ser violada sem o ser, querendo não querendo, outras vezes eu impudicamente me oferecendo em vielas por onde nunca andei, noutras ainda eu-menina sendo encurralada por uma figura que é sempre 'seu' Doca em qualquer situação mas que intimamente me parece possuir traços de alguém muito próximo..." (80)

"... figuras se fundem e confundem, as cunhadas, o primeiro patrão no Rio, o primo-não-primo, dela ou da mãe..." (23)

De qualquer forma, a despeito de seu desvario, de suas alucinações, Dulce guarda ainda uma certa lucidez: "... sei vou reentrar numa das minhas crises agudas, sei de certeza certa nem a lucidez perco..." (123). E Dulce não a perde, não só porque tem plena consciência do seu problema (embora resista, inconscientemente a escavar as suas origens e chegar à raiz dos seus conflitos), mas porque consegue, apesar de tudo, apreender o que há de mesquinho, de sórdido, de degradante na sociedade em que vive.

A oralidade da fala de Dulce ratifica, e com muita força, o sentido de desabafo que atravessa todo o seu discurso.

O que conta é que a leitura dessa primeira parte do romance nos prende do começo ao fim e arrasta-nos desvairadamente para um mundo conturbado, alucinante do qual não conseguimos fugir...

.....

Na segunda parte do romance temos a narrativa de visão múltipla. De início, o longo monólogo de Dulce é interrompido pe-

lo narrador (sujeito da enunciação), que se reaproxima do mundo narrado e retoma a palavra como que tantando pôr ordem na história fragmentada pelo discurso caótico de Dulce.

Na verdade, essa parte intitulada **Arremates**, na qual são encaixadas as histórias da família de Sílvio, dos pais de Dulce e do meio em que vivem (e viveram) tem uma função explicativa, esclarecedora de algumas questões levantadas de forma inters-ticial na primeira parte da narrativa: através, por exemplo, do "flash-back" que evoca a infância de Dulce em Florianópolis, o passado da família de Sílvio em Campos, etc. Mas, mesmo aqui não se abandona o estado alucinatório de protagonista; ao contrário, essa segunda parte começa e termina, exatamente, retratando-a em primeiro plano. Entretanto, sua crise agora é veiculada, não mais através do seu verbo, mas sim através da visão onisciente do narrador e do discurso indireto livre: sintaticamente, o discurso é do narrador; mas este é perpassado nitidamente, a nível semântico, pelos pensamentos, pelas emoções da personagem: suas perplexidades, suas angústias, enfim seu desequilíbrio em grau paroxístico atravessa o discurso narrativo, sobretudo nas sub-partes intituladas: **A perseguição** (129-135) e **Um passeio** (185-190); e aí ocorre, novamente, a superposição dos espaços e a ambigüidade temporal que ratificam a ambigüidade da própria personagem (e o sem-sentido do mundo em que vive) - Rio de Janeiro e Florianópolis, presente e passado se fundem, se confundem:

"... O mal-estar aumenta, toma conta dela. O vulto se transforma em realidade palpável. Adquire uma fisionomia quase comum. Já não é bem pânico o que sente, mas um certo alívio, ao constatar a existência de algo de que há muito desconfiava. Será? Sim! Não era, então, como insinuavam, fantasia de sua mente ou resultado de doenças. Mas algo ao mesmo tempo tangível e intangível, a que Dulce precisa dar consistência." (129)

"Quando o sentira pela primeira vez? Não se lembra, não tem certeza. Imagina-o nos longes do tempo, num passado distante, inalcançável. Que processo interior, que motivação exterior lhe reativaria a memória? Esforça-se por intuir a razão. Inútil. Sabe que a acompanha desde sempre. Latente, agachado e aguardando, pronto para dar o bote." (130)

"Está sô com sua angústia. E quer, mais do que nunca, ficar assim... Depois uma lassidão funda, **a vida imprestável, a vida podre**. Corre-fugindo, perseguida-perseguidora. É cercada. Minúsculos vermes se infiltram nela, lhe mastigam o cérebro, lhe investigam o corpo... Fundem-se num ser único, peludo, suarento, que sobe por ela, apalpa-lhe as coxas, titila-lhe no sexo úmido, aperta-lhe os bicos dos seios. Ela berra, geme, se contorce." (130)

"... Os homens a cavalo. Armas embaladas, cascos retinindo no calçamento. Com o pai, ela-menina tenta se refugiar na loja. Os tiros. O corpo do estudante varado de balas..." (188-189)

Mas Dulce não é vista apenas pela ótica do narrador: aparecem aí vários pontos de vista sobre a protagonista, que é retratada através dos depoimentos das cunhadas, do diálogo dos seus filhos e do monólogo de Sylvio, seu marido. Observamos a curiosa discordância entre os enfoques das cunhadas a respeito de Dulce, como por exemplo:

"... Até meu casamento se em parte desmoronou foi culpa dela. Devo reconhecer que Dulce tem qualquer coisa que atrai os homens, que os chama. Sexo puro..." (138)

"... Ela se aproveitou... como foi que Sylvio se deixou envolver não compreendo. Ninguém compreende. Mais idoso que Dulce, tão mais experiente - ou não? Mais vivido sim - e no entanto quando viu não tinha como escapar. Até eu, diante do mal feito, fui favorável ao casamento" (139). "Os médicos que a trataram.. é que a conhecem bem." (140)

"... não compreendo de que maneira se grudou a alguém assim, uma mulherzinha daquelas. Ou está aí a explicação? Se ainda fosse uma beleza fascinante, inteligência superior. Nem puro sexo como acha minha irmã. Nada disso. Medíocre em tudo, deselegante e desgraciosa até, e para cúmulo instável, doente, nervosa, inquieta - ora, demos logo nome aos bois: doente mental." (142)

Já os meninos parecem retratar com uma certa objetividade não apenas sua mãe, como também Sylvio; e acima de tudo desvendam a desarmonia, ou ao menos a frieza e o distanciamento nas relações entre o casal. O narrador onisciente resume, através

do discurso indireto livre, a fala dos meninos, seus diálogos fragmentados, no início desse tópico - **Os queridos diabinhos** (157-164):

"Mal viam o pai, para eles figura distante, quase uma entidade mítica. ... Raramente vinha almoçar... Nos fins de semana era preciso deixar o papai se recuperar do esforço dispendido. Papai recolhia-se ao quarto, ia remexer papéis, preparar documentos... Também saía para espairar. Se acontecia levá-los, os meninos vibravam. Uma festa. Mas não estranhavam se eram deixados de lado..." (157)

"Mamãe atendia-os sim. Só que era imprevisível nas suas manifestações... Não tinha meio termo: cuidados extremos ou abandono completo - tudo dependendo do seu estado de saúde ou do humor" (157) ... "A imagem que tinham da mãe era de uma loura descabelada, rosto coberto de creme, roupão aberto, sentada com uma revista cheia de figuras coloridas no colo, estirada com um livro nas mãos, mastigando bombons ou grudada ao telefone..." (158)

"Na praia ou no carro os pais pouco se falavam... o pai atento à estrada abanava a cabeça, resmungava sem interferir... Se era na praia os pais ficavam estirados sob a barraca, cada qual virado para a sua banda..." (159)

"... Muitas noites, no silêncio do quarto, insones, ficavam a conversar baixinho. Nem eram bem conversas, mais monólogos em que ambos procuravam entender-se, entender os pais, os amiguinhos... o mundo que se abria" (159).

E o monólogo de Sylvio, ao mesmo tempo que ratifica o estado mórbido de Dulce, vai desnudando-o diante de nós: e o homem "íntegro", dedicado, fiel - como é visto pela sua família e pela própria Dulce vai se despojando desses atributos para se nos mostrar, através do seu verbo também fragmentado, como realmente ele o é: egoísta, desonesto, oportunista, corrupto, etc., etc. E aí se configura com clareza a relação entre os níveis do **ser** e do **parecer**...

Mas sempre que o narrador retoma a narração esta é marcada pelo eco - o mais sensível da fala das personagens; ou seja, ocorre em toda essa segunda parte do romance a interpenetração das falas - narrador/personagens, de tal sorte que a narra-

ção aparentemente na terceira pessoa traz consigo, sub-repticiamente, um **eu** que se mascara em **ele**, um **eu** travestido em **ele**. E a ambigüidade de um **ele** que é **eu** e vice-versa representa não apenas a ambigüidade visceral de Dulce, mas também o paradoxo da sociedade brasileira; sobretudo, nos episódios intitulados: **A perseguição**, **A família dele** e **Na Ilha o bom-do-papai**. É interessante observarmos que se substituirmos a terceira pessoa pela primeira, isto não acarretará nenhuma alteração na trama narrativa: temos então, também, uma ambigüidade de sujeitos na enunciação narrativa. Vejamos:

"Meninota que era envolvia-se naquele movimento, ficava correndo de uma barraca para outra, as pernocas compridas... Todos a conheciam. Ali era mais ela mesma. Ou não, ali era a outra, a ensimesmada, a chucra do pai? Entre a multidão anônima com quem convivia superficialmente não estava também só? ... O convívio direto e o diálogo íntimo é que lhe eram difíceis."(176)

"No mais fundo dela parecia existir um outro pai. Um outro que estranhamente era o mesmo. Mais autêntico? Quem sabe! ... O-bom-do-papai se subdividia: era um o de meninazinha que ela fora, pai que sumira nos longes do tempo, no emaranhado da infância, ser poderoso e soberano, que lhe fazia afagos e sumia; e outro era o pai da meninota-quase-moça, esquivo, arredio, derrotado, raras vezes assemelhando-se ao antigo que ela procurava recuperar... Mas dentro dela, em certas ocasiões, ambos se fundiam, se interpenetravam." (181)

"Agora é meninota, o mercado... o fascínio dos navios... as conversas com "seu" Doca, a insistência do primo tão velho, insistência em que, que queria ele, com ela ou com a mãe, precisa esclarecer este ponto, melhor, esquecer este ponto, submergi-lo..." (182)

"As vezes sente saudades; nem é bem saudade, algo indefinido que não consegue explicar, mais curiosidade de rever o velho casarão que não mais existe..." (183)

Dissemos, anteriormente, que a terceira parte configura a continuação lógica e cronológica da primeira: esta termina no momento em que Dulce despede-se de sua mãe ao telefone, e o nar-

rador inicia a parte final do romance retomando, exatamente, este fato: "Acabaste de falar ao telefone, Dulce. Isto ao mesmo tempo em que te dá alívio, te esvazia." (193)

Seria de esperar que Dulce fosse o sujeito da enunciação também ao final do romance, visto que o que está em questão é, mais uma vez, especificamente, a história de sua vida conturbada, caótica. Entretanto, não só a personagem se cala e como que deixa entreouvir apenas sua "voz submersa", mas ocorre aí uma absoluta depuração da mistura de falas, de vozes, de visões do mundo narrado (que marca a segunda parte do romance) e avulta, nítida, apenas uma voz narrativa. Entretanto, até mesmo essa "voz única" é portadora de uma ambigüidade intrínseca; ou seja, ficamos em dúvida se o narrador concede a palavra a uma outra personagem - o analista de Dulce (quem em tese deveria conhecer os meandros da mente conturbada de sua paciente), ou se o próprio narrador intervém na narrativa, não apenas assumindo-a explicitamente, mas desnudando (estranhamente) o seu envolvimento afetivo com sua personagem (Dulce).

À primeira vista inclinamo-nos a conceder estatuto de narrador ao analista fundamentada, por exemplo, em enunciados como estes:

"O presente está longe, o passado avança célere enquanto o futuro não é. Não será. Não será - me perguntas. Quem sou eu para afirmá-lo. Busco te reconstruir, mas me foges. Muitas vezes não me aceitas. Parece-me que lutamos, cada qual querendo se afirmar sobre o outro. Mas não é nada disto, Dulce." (194)

"Não entendo: parece que lutamos em campos opostos quando deveríamos estar unidos. Há tanto vives em mim." (196)

"Há em ti uma espécie de bloqueio, não consegues te explicar contigo mesma, não queres te abrir comigo..." (197)

"Temo por ti. Como reagirás diante do que virá? Não sei. Não consigo prever com certeza. Posso apenas imaginar. Problemas se acrescentarão aos que já tens. Aos que já temos... Temo por ti... Mas se te deixo, não te abandono." (198)

Entretanto, através de uma leitura mais atenta, e considerando:

1) que durante toda a trajetória narrativa a figura do analista

foi apenas evocada, funcionando quase que apenas como um figurante; e que este, na qualidade de personagem "ausente" não poderia descrever olhares, atitudes, movimentos de Dulce dentro de sua casa (logo após desligar o telefone, por exemplo): "Largaste o telefone. Ficas um instante parada, imóvel, mal respiras, sem olhar. Olhando sem ver, olhar vazio, mente vazia. Tua mão ainda pende, abandonada, decepada do seu centro vital, um centro que a sustinha..." (194)

"Maquinalmente te afastas do telefone. Vais à cozinha. Movimenta-te do fogão para o armário, para a geladeira. O rádio está ligado no mais alto. Benwarda, no tanque, lava roupa... Benwarda entra. Te olha com espanto." (195)

2) e sobretudo considerando que o narrador quando sujeito da enunciação manifesta-se sempre, nos vários episódios do romance, como narrador onisciente (v. ex. acima) - aquele que tudo sabe, tudo segue, comenta, analisa - optamos pela segunda hipótese: ou seja, o narrador (e não a personagem-analista), sujeito da enunciação romanesca é o sujeito do discurso narrativo ao final do romance - o que não exclui a ambigüidade que permanece sub-repticiamente, não apenas nessa última parte da narrativa, mas que a marca do começo ao fim: ambigüidade paroxística do modo de ser da personagem principal; ambigüidade do seu verbo fragmentado e caótico; ambigüidade da interpenetração das falas narrativas, da superposição de espaços distintos, da fusão e confusão entre passado x presente; ambigüidade do sujeito do discurso que é às vezes, ao mesmo tempo, um **ele** que é **eu** e vice-versa. Mas é preciso apontar a ambigüidade maior, um verdadeiro paradoxo: uma voz que em sendo "submersa" ecoa bem alto dentro de nós, incomodando-nos, espicaçando-nos, pois ao mesmo tempo em que faz emergir em cada um de nós os nossos próprios fantasmas, coloca-nos questões igualmente graves sobre a realidade sócio-econômico-política do nosso país...

Concluindo: parece-nos que ninguém poderá atravessar impunemente esse romance de SALIM MIGUEL...

UFSC. ACESSORIA DE COMUNICAÇÃO. A voz submersa (romance) e a crítica. Florianópolis, [198--?]. Cópia de Laudas originais da matéria.

DATA / /	PAGINA	NÚMERO	FONTE	CORPO	MODO	MEDIDA	TÍTULO
REDATOR							LEGENDA

123456789¹ 123456789² 123456789³ 123456789⁴ 123456789⁵ 123456789⁶ 123456789⁷

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25

A VOZ SUBMERSA (romance) E A CRÍTICA

"Retornando à narrativa longa, ele retorna dono de uma técnica soberba, que lhe permite aprofundar de maneira radical um elemento ficcional que sempre o fascinou: o tempo e seus reencontros e desencontros na mente das personagens e na psicologia de suas figuras." (Antonio Hohlfeldt, in IstoÉ/SP-07+11-984)

"Com a habitual segurança e maturidade literárias, já provadas nos contos de sua fase mais recente, Salim Miguel constrói um romance denso e forte, no qual a linguagem flue viva e precisa, envolvendo e instigando a inteligência do leitor na labiríntica trajetória psicológica e existencial de suas criaturas." (Silveira de Souza, in Colóquio/Letras/Bisboa-nº 84-março-985)

"Mas, curiosamente, é esta mesma "vida pequena" que constitui um dos pontos altos do romance: a mineração da sensibilidade, o amesquinamento e até a petrificação das relações humanas, a tragicidade do estar-não-estando no mundo conferem ao romance de Salim Miguel um indiscutível grau de densidade." (Edda Arzua Ferreira, in Travessia/SC, nº 10)

"Um dos pontos altos deste livro ...é sua linguagem literária, ora caracterizada por imagens rápidas, desconcertantes, quase hipnóticas, feito um caleidoscópio, ora direta, contundente... O efeito é poderoso: a narrativa fica impregnada de vida, de elementos sensoriais." (Valdomiro Santana, in O Estado/SC-16-12-984)

"Salim Miguel, contistas competente e respeitado, não é de hoje,

DATA / /	PÁGINA	NÚMERO	FONTE	CORPO	MODO	MEDIDA	TÍTULO
REDATOR							LEGENDA

123456789¹ 123456789² 123456789³ 123456789⁴ 123456789⁵ 123456789⁶ 123456789⁷

1 nos confirma a sua total seriedade de escritor neste romance em que a
2 linguagem é fortemente trabalhada, num estilo por vezes nervoso, sin-
3 copado, sufocante, sobretudo quando se trata de trazer até nós a alma
4 cambiante da protagonista." (Aloísio G. Branco, in O Globo/RJ, 09-12-1984)

5 "A voz submersa é um romance de muitas vozes (algumas irôni-
6 cas) e de muitas técnicas no processo de construção. A sua complexida-
7 de, porém, não obscurece. Nada nele é conclusivo, mas tudo nele é in-
8 teligente." (Mário Pontes, in Jornal do Brasil/RJ, 08-12-1984)

9 "Realiza-se Salim Miguel aqui amplamente, apresentando os ele-
10 mentos essenciais - a excelência do estilo, o grande domínio da técni-
11 ca, perfeita identificação com o tema abordado - para que a história
12 tenha a sua melhor ressonância." (Renard Perez, in Suplemento Literá-
13 rio de Minas Gerais, nº 981)

14 "Romance de técnica apurada, essa obra reafirma as qualida-
15 des de um escritor que trabalha seu material com o rigor de um arte-
16 são." (Ubiratan Machado, in Correio das Artes/Pb, 13-01-1985)

17 "A voz submersa é, reiteramos, uma obra de trama moderna,
18 sem concessões a qualquer escolástica, fiel a si mesma, ao seu conteú-
19 do estético e humano, servida por um realismo lírico." (Antonio Simões
20 Júnior, in O Estado/SC, 31-03-1985)

21 "Em A voz submersa, recém lançado romance, Salim Miguel apri-
22 mora a técnica alquímica de fundir num único tempo os tempos que marca-
23 ram a sensibilidade das personagens." (Almiro Caldeira, in O Estado/SC-
24 12-12-1985)

25

DATA / /	PAGINA	NUMERO	FONTE	CORPO	MODO	MEDIDA	TITULO
REDATOR							LEGENDA

123456789¹ 123456789² 123456789³ 123456789⁴ 123456789⁵ 123456789⁶ 123456789⁷

1 "Salim Miguel não escreveu um retrato sob medida para nós.
2 Mais do que isso, propõe uma galeria de espelhos. Em cada fragmento
3 que cintila e filtra o corpo de Dulce, lampejos de nossa condição hu-
4 mana." (Mário Henrique, in Última Hora/Brasília, 27-08-984)

5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25

DATA / /	PÁGINA	NÚMERO	FONTE	CORPO	MODO	MEDIDA	TÍTULO
REDATOR							LEGENDA

123456789¹ 123456789² 123456789³ 123456789⁴ 123456789⁵ 123456789⁶ 123456789⁷

1 "Salim Miguel não escreveu um retrato sob medida para nós.
2 Mais do que isso, propõe uma galeria de espelhos. Em cada fragmento
3 que cintila e filtra o corpo de Dulce, lampejos de nossa condição hu-
4 mana."(Mário Henrique, in Última Hora/Brasília, 27-08-984)
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25

UFSC. ACESSORIA DE COMUNICAÇÃO. Escritores lançam novos livros. Florianópolis, [198--?]. Laudas originais da matéria

DATA / /	PAGINA	NUMERO	FONTE	CORPO	MODOS	MEDIDA	TITULO
REDATOR							LEGENDA

123456789¹ 123456789² 123456789³ 123456789⁴ 123456789⁵ 123456789⁶ 123456789⁷

1	<u>ESCRITORES LANÇAM NOVOS LIVROS</u>
2	<u>A voz submersa</u> , romance de Salim Miguel e <u>O jogo infinito</u> ,
3	ficções de Raul Caldas Filho, serão lançados na próxima sexta-feira,
4	dia 21, às 20 horas, tendo como local o hall da Palácio Barriga Verde,
5	na Assembléia Legislativa, numa promoção da Assembléia Legislativa do
6	Estado de Santa Catarina, da Universidade Federal de Santa Catarina,
7	da Global Editora (São Paulo) e da Livraria Lunardelli.
8	O livro de Salim Miguel foi publicado pela Global Editora;
9	de acordo com palavras da profa. e ensaísta Edda Arzua Ferreira, que
10	assina a apresentação, é um texto que faz a radiografia da sociedade-
11	de brasileira a partir de 1968, particularmente da classe média. Já o
12	livro de Raul Caldas Filho, publicado pela Editora da UFSC, compõe-se
13	de títulos que o autor denomina de ficções. São textos que vão do con-
14	to tradicional até pequenos flagrantes, ou diálogos fantásticos. De
15	modo geral, ressalta a apresentação, há nos trabalhos a preocupação
16	com a linguagem e com o ser humano em sua totalidade.
17	<u>SALIM MIGUEL</u> é nome conhecido nos meios jornalísticos e li-
18	terários do Estado, desde a década de 50, quando foi um dos líderes do
19	Grupo SUL, movimento estético-literário que marcou época. É autor de
20	seis livros (quatro de contos e dois romances), participou de numero-
21	sas antologias e organizou outras. De 1965 a 1979 morou no Rio de Ja-
22	neiro, onde exerceu a profissão de jornalista, sendo redator e repor-
23	ter de revistas pertencentes a Bloch Editores e colaborando na Enciclo-
24	pédia Delta-Larousse. Foi também um dos editores da revista <u>Ficção</u> , im-
25	portante veículo cultural surgido nos anos 70. De volta a Florianópolis,
	é diretor executivo da Editora da UFSC, crítico literário do jornal
	<u>O Estado</u> , além de prosseguir em sua atividade literária.
	<u>RAUL CALDAS FILHO</u> já é mais conhecido por suas atividades
	jornalísticas, muito embora sua constante atividade na área literária.
	A partir de 1963 esteve, durante anos, ligado ao jornal <u>O Estado</u> , on-
	de exerceu diversas funções, de cronista a editor. Trabalhou na revis-
	ta <u>Manchete</u> , primeiro como correspondente em Santa Catarina e depois
	como reporter no Rio. Escreveu também no <u>Jornal de Santa Catarina</u> e
	no <u>Jornal da Semana</u> , e foi editor da revista Quem <u>Quem</u> . No campo li-
	terário participou de oito antologias e publicou, em 1980, pela Edi-
	tora Lunardelli co-edição Editora da UFSC, o livro de crônicas <u>Delirante Desterro</u> . Atua, também, no setor de criação e redação da EXA Propaganda e Marketing.

ESCRITORES LANÇAM NOVOS LIVROS

A voz submersa, romance de Salim Miguel e O jogo infinito, ficções de Raul Caldas Filho, serão lançados na próxima sexta-feira, dia 21, às 20 horas, tendo como local o hall do Palácio Barriga Verde, na Assembleia Legislativa, numa promoção da Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina, da Universidade Federal de Santa Catarina, da Global Editora (São Paulo) e da Livraria Lunardelli.

O livro de Salim Miguel foi publicado pela Global Editora; de acordo com palavras da profa. e ensaísta Edda Arzua Ferreira, que assina a apresentação, é um texto que faz a radiografia da sociedade brasileira a partir de 1968, particularmente da classe média. Já o livro de Raul Caldas Filho, publicado pela Editora da UFSC, compõe-se de títulos que o autor denomina de ficções. São textos que vão do conto tradicional até pequenos flagrantes, ou diálogos fantásticos. De modo geral, ressalta a apresentação, há nos trabalhos a preocupação com a linguagem e com o ser humano em sua totalidade.

SALIM MIGUEL é nome conhecido nos meios jornalísticos e literários do Estado, desde a década de 50, quando foi um dos líderes do Grupo SUL, movimento estético-literário que marcou época. É autor de seis livros (quatro de contos e dois romances), participou de numerosas antologias e organizou outras. De 1965 a 1979 morou no Rio de Janeiro, onde exerceu a profissão de jornalista, sendo redator e reporter de revistas pertencentes a Bloch Editores e colaborando na Enciclopédia Delta-Larousse. Foi também um dos editores da revista Ficção, importante veículo cultural surgido nos anos 70. De volta a Florianópolis, é diretor executivo da Editora da UFSC, crítico literário do jornal O Estado, além de prosseguir em sua atividade literária.

RAUL CALDAS FILHO já é mais conhecido por suas atividades jornalísticas, muito embora sua constante atividade na área literária. A partir de 1963 esteve, durante anos, ligado ao jornal O Estado, onde exerceu diversas funções, de cronista a editor. Trabalhou na revista Manchete, primeiro como correspondente em Santa Catarina e depois como reporter no Rio. Escreveu também no Jornal de Santa Catarina e no Jornal da Semana, e foi editor da revista ~~Quem~~ Quem. No campo literário participou de oito antologias e publicou, em 1980, pela Editora Lunardelli co-edição Editora da UFSC, o livro de crônicas Delirante Desterro. Atua, também, no setor de criação e redação da EXA Propaganda e Marketing.

MENEZES, Carlos A. A voz submersa, de Salim Miguel, uma radiografia do Brasil a partir de 1968. *O Globo*, Rio de Janeiro 6 out. de 1984. Segundo caderno p.3

Salamandra em nova fase programa mais sete lançamentos

A editora Salamandra inaugura nova fase e programa para novembro e dezembro os seguintes lançamentos: *Tancredo Neves*: a trajetória de um liberal; *E por falar em amor*, de Marina Colassanti; *Nossa escola é uma calamidade*, de Darcy Ribeiro; *Emoções no divã de Eduardo Mascarenhas*; *As duas faces da medicina*, de Jayme Landmann; *O ovo apunhalado*, de Caio Fernando Abreu; e *Michael*, uma biografia de Michael Jackson.

Hoje, a partir das 14 horas, Marina Martinez Quintanilha estará no Pátio do Museu da Cidade (Parque da Cidade, Gávea, Estrada Santa Mariana s/n.º) para lançar para a garotada seu novo livro *Por uma questão de saudade*, editado pela Nova Fronteira, com ilustrações de Juarez Machado. Na oportunidade, em clima de festa, Noel Rufino dos Santos vai inaugurar uma biblioteca infantil no Museu.

Amanhã, às 16 horas, Nélida Piñon estará na Biblioteca Regional de Santa Teresa (Monte Alegre, 306).

Amanhã, também, na Galeria Espaço do Planetário (Av. Padre Leonel Franca, 240, Gávea) Francisco Pinto Júnior (Chico Jr.) e o ilustrador Jorge Guidacci lançam a história infantil *Brincando nas estrelas*.

Até a próxima quinta-feira, dia 11, prosseguirá no Calçadão de Madureira (Rua Ministro Edgar Romero), das 9 às 18 horas, diariamente, a I Feira do Livro Espírita de Madureira, que dá desconto de 20%.

'A voz submersa', de Salim Miguel, uma radiografia do Brasil a partir de 1968

Libanês de nascimento (1924), brasileiro (cariolinense) naturalizado, Salim Miguel está de volta às livrarias com o romance *A voz submersa*, recente lançamento da Global, através do qual faz a radiografia da sociedade brasileira a partir de 1968. Aqui ele fala sobre esse seu novo livro, que dá prosseguimento à sua obra ficcional iniciada com *Velhice e outros contos*, *Alguma gente*, *A ponte*, *O primeiro gosto* e *A morte do tenente e outras mortes*:

— Rio, março de 1968. Involuntariamente, uma mulher se vê envolvida nas manifestações de protestos contra o assassinato de um estudante no Calabouço. Por entre a multidão, na Cinelândia, ela tenta escapar do tumulto. Esse o eixo acionador da trama deste meu romance, que se desenrola em três blocos, o segundo em sete subdivisões. No primeiro, um longo telefonema, espécie de diálogo/monólogo, a personagem tenta contar à mãe o que foram aquelas horas de horror e angústia, tenta apreender seu mundo interior. Não consegue. Há um bloqueio, uma voz submersa que não vem à tona. En-



Salim Miguel

tão, num jorro incontido e tumultuado, ela fala de tudo, desordenadamente, avança e recua no tempo e no espaço, refere-se à infância em Florianópolis e Biguaçu, à vida no Rio, à família do marido originária de Campos, aos parentes e amigos. É um relato angustiante e tenso, fátuo e dramático, que funde o real e o imaginário, buscando retratar por igual aquela mulher e as quimeras da classe média.

— Nas sete subdivisões do segundo bloco narrativo tentei respeitar uma lógica interior, iluminando certos aspectos da trama, toda ela centrada na personagem principal, tudo filtrando através dela. Gostaria de chamar a atenção para o fato de que tais sub-blocos não são arbitrários. Há neles uma coerência intrínseca a comandar tudo, pois aí só temos situações e/ou personagens que interferem diretamente na vida da protagonista. Enfim, no último bloco, é o próprio autor, sob certos aspectos vencido pela complexidade de sua criatura, debruçando-se sobre ela e a ela se dirigindo em busca de um diálogo, quando lhe diz que embora todo o

esforço despendido e a luta com o texto, por vezes ela lhe escapa, não tendo ele conseguido transmitir toda a complexidade de vida que emana e explode daquele ser humano, personalidade deformada que vê deformado o mundo que a cerca.

Salim Miguel tem opinião própria sobre a tese que defende a necessidade de a linguagem literária ser acessível:

— Penso que ela deve ser, em primeiro lugar, autêntica e refletir o autor, sua maneira de ser e sentir, buscando transmitir sua visão do mundo. Quanto ao acessível, sem querer fazer jogo de palavras, eu diria que é um termo difícil. Acessível como, em que sentido? Se por "acessível" quer-se dizer simplificação e empobrecimento do texto, não creio. Pois a vida nunca é simples nem simplificada. Ao contrário, é profunda e complexa. Além disso, quem escreve quer se comunicar, dar seu recado. E precisa dá-lo de modo coerente, através de formas e fórmulas que levem em consideração a necessidade de expressão para atingir o público. Convém considerar, também, que há temas e temas. Uns podem ser tratados com mais acessibilidades; outros não. Alcançar o tom exato vai depender da sensibilidade e da capacidade de cada um.

A VOZ SUBMERSA

Com um romance na fase inicial e após acurada prática do conto, Salim Miguel volta com outro romance: *A voz submersa* (S. Paulo: Global, 1984), escrito em 1969 e revisto em 1983. A data inicial é importante, porque situa a escritura no calor da hora, tendo em vista que a protagonista passa por choque transtornante e sente emergir de si uma *voz submersa* após a traumatizante experiência que vive, no Calabouço/Rio de Janeiro, com o assassinato do estudante Edson Luís, em pleno recrudescer dos arbítrios do Golpe de 1964.

Estruturada em três partes, o cerne decisivo encontra-se na primeira, cujo título é formado pela sugestiva aglutinação “Tumentendes”, já prefigurando o exaustivo monólogo oralizante que desvela a protagonista e simboliza toda a época: a desnorteante busca de luzes e rumos, os jogos escusos e de subterfúgios, as indevassáveis forças ocultas (psicológicas, políticas), as aparências e os subterrâneos, as violências e interferências, a insegurança e angústias da instabilidade.

Antes, porém, a narrativa abre com texto em versos, numa construção paratática formada pelo entrecortado de frases nominais, num ansioso ir e parar, que retrata como ela, a protagonista, presencia o choque do estudante morto e a multidão revoltada, ela como que alheia e alienada, mas atingida e desestruturada, sobrepondo-se a fusão com outro tempo/cidade – “Medo. Angústia. Pânico”: ela-menina com o pai, na fuga, interfundindo-se angustiantemente presente e passado. Aliás, essas fusões cinematográficas marcarão toda a narrativa.

A primeira parte – “Tumentendes” prossegue com o pesadelo da fuga alucinada da Cinelândia pelo Aterro, Botafogo, avenida Atlântica, marcada pelas cores dos sinais de trânsito e dos carros, já à noite, com ação intensificada pela multiplicação dos verbos e pelo amálgama de palavras em composição, tudo sem um ponto final, sem tréguas nem descanso, até nova fusão com Florianópolis do “seu” Doca” e o Rio de Sílvio/sogro, ela perpassada por um fremito de sensualidade, pela insistência em nudez, sexo, frio penetrando-a, sempre num impressionante dinamismo e fusões interior/exterior, presente/passado, “gozo-dor”, ânsia/repulsa.

E passa-se ao telefonema de fluxo unilateral/infundável/entrecortado para a mãe (p.23-126), um disfarçado desnudamento de traumas e angústias, num longo processo catártico de psicanálise: Ela com ânsia explosiva de falar, numa atordoante confusão mental “quero não querendo” – as empregadas irresponsáveis (que não a livram devidamente dos filhos), a perseguição e as intrigas das três cunhadas: “complexadas, doentes”, uma víboras, “precisam é de homem, é de um bom macho sinsenhora” (p.56). “O que elas precisam é de macho” (p.70), só “pensando sempre no mal e por mal, no pior, complexadas, recalçadas, doentias”(p.97), uma “bruxas venenosas bruacas velhas e maledicentes”(p.120)em crises afetivas com o marido, no vazio e inutilidade da sua vida, seu nome – Dulce, apenas revelado na página 31. Vive em tratamentos psicológicos, terapias psicanalíticas, com suas quedinhas e transferências com os doutores, o sempre falado Dr. Castro, acariciada por sua voz, que “lançava seu anzol no mais profundo e insondável de mim mesma e nós nunca sabíamos o que poderia aparecer...”(p.36), qualifica-se como “sempre fui assim, uma passional mesmo”, com “temperamento explosivo e contraditório”(p.37), reiterando seu apelo à mãe “tumentendes”, revê a infância e a falência do pai, depois sua morte súbita, reconstitui a Biguaçu antiga e a indispensável

referência ao “seu” Zé Gringo e a Ti Adão, evoca o sogro sempre distante, à janela, sonhado com seus antigos canaviais de Campos e as usinas decadentes, tenta solidificar sua relação com Sylvio e o vê envolvido com os novos modos de enriquecimento fácil, em jogos escusos, na Bolsa de Valores, nas altas do dólar, contando com sociedade/proteção de milico, que faz o serviço secreto, as jogadas (p.117)

Tudo isso numa irresistível fluência coloquial/oralizante, palavras puxando outras, cenas se sucedendo, episódios do passado se desvelando, num quero-não-quero, numa exibição maníaca, numa carência implenificável, num discurso verbal a desfilar vivência e fantasia. As recorrentes referências ao fato de estar/sentir-se nua em público, diante de homens, perseguida, Freud certamente explicaria. As dezenas de referências ao marido Sylvio talvez tentem camuflar harmonia e fidelidade. A cena de sandice psicológica no desaparecimento da pulseira e inculpação das crianças exemplifica seu relacionamento com esses queridos “diabinhos”, sempre empurrados para a babá, sacos de pancada, na paradoxal vivência entre mimos exagerados e alucinadas erupções psicológicas. Explicitando que “não me preocupo com a vida alheia” (p. 121), suas fofocas incondidas fazem desfilar homens – Raul, Henrique, Will, o homem de Copacabana “me comendo com os olhos pidões”, e mulheres socialites – Luci, Ruth, Nelinha, Matilde, manifestando afinidades, desejos, uma inclinação ou quedazinha por este ou por aquele, porque eles a preferiam a essas outras, que os perseguiam, claro que lisonjeada, mas sem outras conseqüências, porque a ti, mamãe, nunca nada escondi!... Ocorrem freqüentes incorporações dramáticas de cenas passadas, falas de outras personagens, reposição ao vivo das referências feitas. O diálogo embutido/interno vem imediatamente seqüente, sem *verba dicendi* a estabelecer atribuições ou especificação dos donos do discurso. Quanto à freqüência narrativa analisada por Genette, fatos ocorridos uma só vez são retomados inúmeras vezes, comprovando seu caráter marcante, como as imagens do “seu” Doca (da infância) e do estudante assassinado (do momento), este último denunciando a violência do governo arbitrário e desencadeando a perturbação interior de Dulce.

A II parte – “Arremates” vem constituída de sete subcapítulos que introduzem arremates, acabamentos, esclarecimentos sobre o universo familiar que rodeia Dulce, em contrapontos diversos, na impossível orquestração polifônica, pois as vozes diversas não se harmonizam, resultando num agressivo rebater de bolas de lado a lado, sem possibilidade para uma avaliação definitiva de caracteres.

“A perseguição” prossegue na visão *com* Dulce, que “tem certeza: está sendo seguida, vigiada, caçada” (p. 131), sempre no mesmo trauma de dúvidas, temores, incertezas e excitação sexual. Em Copacabana, na lanchonete, na rua, “a perseguição extenuante continua. Fora dela, junto dela, com ela, ao lado dela, dentro dela”(p.133). Interpõem-se freqüentes fusões de passado/presente, interior e exterior, pensamento-imaginação/realidade, retomando a “desengonçada e desgraciosa Dulce”, em Florianópolis: a raiz de todo o trauma persecutório?

“Daquelas pestes (depoimentos)” constitui-se de três “depoimentos” em primeira pessoa, através dos quais as três cunhadas de Dulce, irmãs de Sylvio, se revelam ao desfazer Dulce. Segundo a “desquitada”, Dulce seria falsa e enganadora, “sexo puro” a atrair facilmente homens, culpando-a pelo fracasso do seu casamento. Como tal, “uma instável, uma inconstante, uma impulsiva”, uma “maníaco-depressiva” (p.139), ardilosa em enganar Sylvio e o sogro, desestruturado pela morte de Júlio, sua esperança de refazer a usina de açúcar em Campos. E a “carolice” da santarrona – “amparo-me em Deus. Ele a todos salvará”- só tem pena de Sylvio e dos sobrinhos, vítimas nas mãos da falsidade de

Dulce, de “olhos selvagens, alucinados” e de “grito animal vindo das entranhas” (p.141). Tereza igualmente tem pena do irmão e sobrinhos, e quer enfrentar Dulce, “uma víbora”, uma “doente mental”, uma “fingida de merda”, uma “matusquela complexa” ou, com carga total, “uma depravada, uma desavergonhada, uma fingida”(p.145), junto a quem os inocentes filhos pagam – “gente assim nunca deveria ter filho”(p. 142), resultando “Sylvio um troucha”. “Maníaco-depressiva”, ela “não presta”. Uma cena que antegoza o prazer do desmascaramento vingativo, a cunhada com outro, resulta em frustrante depressão. Acusa as irmãs de conivência.


“A família dele” é apresentada por narrador que busca restringir a onisciência sobre o pai e a mãe de Sylvio, na Praia do Botafogo, Rio de Janeiro, após a vinda da usina de açúcar de Campos “para as grandes usinas mecanizadas”, o pai sempre à janela, vendo, saudoso, no mar o onduloso dos canaviais, após a morte de Júlio. Na rotina da idade, vivem de rendimentos, sem folgas, ele “deslocado mais do que envelhecido, desiludido e descrente”(p.152), “conversava horas com seus fantasmas tão familiares...” (p. 156)

“Os queridos diabinhos” dá vez às crianças, narrado *com* os meninos, em terceira pessoa, percebendo o pai sempre ausente e a mãe entre extremos: “ataque de atenção” e “crises de melancolia ou nervosismo”. Mas, nessa análise o vocabulário extrapola da visão das crianças: para a mãe, “o telefone era sua segunda natureza. Ali monologava, nele seu temperamento compulsivo extravasava e se aliviava das tensões internas e externas...” (p.158). Sem dúvida, um narrador, superior e senhor, se superpõe à consciência conjunta dos pequenos, na racionalização adulta. Mas, do olhar desprevenido de criança, escapam informações de maior repercussão: “sócio do pai, um militar” (p.159). Já o diálogo posterior capta com sensível felicidade o mundo físico-mental dos meninos e sua complexa situação de crianças cercadas/oprimidas por adultos.

E chega a vez do marido Sylvio, no “Retrato ao espelho”: um longo e autêntico monólogo interior, em bloco único e compacto, enquanto se barbeia, de manhã, já que a extensa fala de Dulce com a mãe, entrecortada, ao telefone é caracterizado como “monólogo a dois” (p.193). Manifesta-se, primeiramente, convincente exemplo de temporalidade interior, subjetivo, psicológico, nas nove páginas compactas de fluxo de idéias nesse reduzido tempo; mas também se desvela a personalidade superficial da personagem, sem raízes sólidas, sem visão marcante da vida, carregado pelos ventos e destinos, amparado por suportes “quentes” e sólidos da época militarizada. O fluxo e refluxo descompromissado repõe jogadas e mulheres entre preocupações com aparência e idade.

“Na ilha – o bom-do-papai” retoma o passado de Dulce, no passado remoto em Florianópolis, no velho casarão dos pais, com cerca de cinco anos. O pai viera de Biguaçu – melhor: Rochadel, São Miguel, Biguaçu – depois a ilha/Florianópolis (poder-se-ia ver a trajetória do próprio Salim!). Se a mãe teve melhor berço, o pai não se distinguia por grandes objetivos e habilidades, e a sua derrocada, após a guerra, reduziu-o a simples empregado de loja de sapatos. A narração em terceira pessoa se equilibra entre foco mais generalizante e restrição a personagem.

Na cinematográfica cena *com* Dulce “Um passeio” quase que se completa a circularidade narrativa. A protagonista ainda sob o impacto do dia, inquieta e irritada, querendo retomar telefonema à mãe, vagando pelas ruas do Rio, sua mente ainda tomada pelas fusões de imagens que confundem as cenas do estudante morto e do passado em Florianópolis. E fecha-se o pano final, quando, no calor e no vazio, ela “sufoca”.



Nesses “Arremates”, o romance assume, de fato, seu aspecto polifônico, mesmo que de forma bastante simples e direta, quanto ao dialogismo, porque os vários monólogos, as diferentes visões que se sucedem, cinematograficamente estanques, impõem ao leitor um entrecruzar de discursos, mesmo que a polifonia das várias vozes permaneça intransitiva e dissonante no seu conteúdo, porque o digladiar-se está sobreposto à harmonia.

Na III parte – “A fuga (in)desejada”, justapõem-se duas pessoas narrativas: a segunda e a primeira. Logicamente, poderá ser lida, como tem acontecido, a partir de uma invasora voz do autor: fala a Dulce em segunda pessoa e do seu relacionamento com ela em primeira. Entretanto, poder-se-ia tratar de belo exemplo do uso da técnica de Segunda pessoa, tal como criada e desenvolvida por Michel Butor em *La modification* (1957). Como em Butor e, entre nós, em Hélio Pólvora no conto “Bicuíba”, de *O grito da perdiz*, em Emanuel Medeiros Vieira no conto-título de *Teu coração despedaçado em folhetins*, poder-se-ia ler perfeitamente a segunda pessoa como um desdobramento do eu num segundo-eu que, em situação complexa, recebe, perplexo, o tom acusatório ou de busca de caminho do primeiro. Entretanto, de forma inusitada, a primeira pessoa do *autor* interfere junto à sua personagem, que lhe foge do controle ou da dominação, como justifica a epígrafe inicial tirada de Marques Rebelo: *Não a abandonei, mas como romancista, perdi-a...*”

A narrativa, entre psicológica e política, apresenta-se numa arquitetura narrativa de primeira linha. Sem insinuação panfletária alguma, publicada em época de abertura, denuncia, em segundo plano, a desmedida violência militar e os jogos financeiro escusos. Aliás, o próprio título deixa *A voz submersa* não apenas dentro da complexa terapia dos traumas de Dulce, mas também por ser inviável abordar claramente assuntos tais em época de repressão. Com certeza esse título ficou melhor do que o primeiro, que devia ter sido *O cordão umbilical*, e que remeteria direta (e mais exclusivamente) a Dulce, cujo único refúgio certo era a mãe: “quando será que vamos nos livrar deste cordão umbilical hein...” (p.122). Já na mesma página, entretanto, a própria Dulce confessa que “há uma voz submersa dentro de mim mamãe (...) e o que digo a nível de consciência não corresponde ao que sinto e quero explicar”. E na parte final, ao dirigir-se à sua criatura indevassável, o *autor* indaga: “Como alcançar a voz submersa a que te referes?...” (p. 196) Essa ambigüidade plurissignificativa torna o segundo e definitivo título bem superior, porque o mistério humano instiga e desafia e a prudência no trato sócio-político, num processo de *radiografia da sociedade brasileira a partir de 1968*, se impunha, sem dúvida, na época e, de certo modo, sempre! Eis um romance para ler e reler, sem medo, não por simples diversão.

Lauro Junkes

CONVITE para lançamento do livro A Voz submersa. Florianópolis, [198-?].
Assembléia Legislativa, UFSC, Editora Global e Distribuidora Lunardelli

O JOGO INFINITO



RAUL CALDAS Fº

EDITORA
DA UFSC

A Assembléia Legislativa, a Universidade Federal, a Global Editora e a Distribuidora Lunardelli têm a honra de convidar V.Sa. para o lançamento dos livros:

*O JOGO INFINITO,
ficção de Raul Caldas Filho*

*A VOZ SUBMERSA,
romance de Salim Miguel*

21 de setembro

20 horas

*Local: hall do Palácio Barriga Verde, na
Assembléia Legislativa do Estado de
Santa Catarina.*



ISTO É RECOMENDA

FICÇÃO

■ O DESTINO BATE À PORTA – James M. Cain. Brasiliense, 128 páginas, Cr\$ 6.000. *Um texto seco, rude, de saudável cinismo é a virtude maior deste clássico policial americano, que tornou Cain um escritor incomum na literatura contemporânea de seu país.*

■ A VOZ SUBMERSA – Salim Miguel. Global, 199 páginas, Cr\$ 7.300. *Segundo romance deste autor catarinense, é um painel extenso sobre 1968 e arredores, com hábil emprego dos reencontros e desencontros do tempo na mente de suas personagens.*

■ SOB OS OLHOS DO OCIDENTE – Joseph Conrad. Brasiliense, 320 páginas, Cr\$ 10.500. *Na Rússia czarista, um estudante vê sua vida mudar quando tem de abrigar um terrorista. Num drama à Dostoievski, um dos melhores livros de Conrad.*

■ O HOMEM DO CARRO-MOTOR – Renato Modernell. Melhoramentos, 270 páginas, Cr\$ 18.000. *Premiados na Bienal Nestlé, os contos deste gaúcho mostram estilo inconfundível, delicadeza e emoção.*

NÃO-FICÇÃO

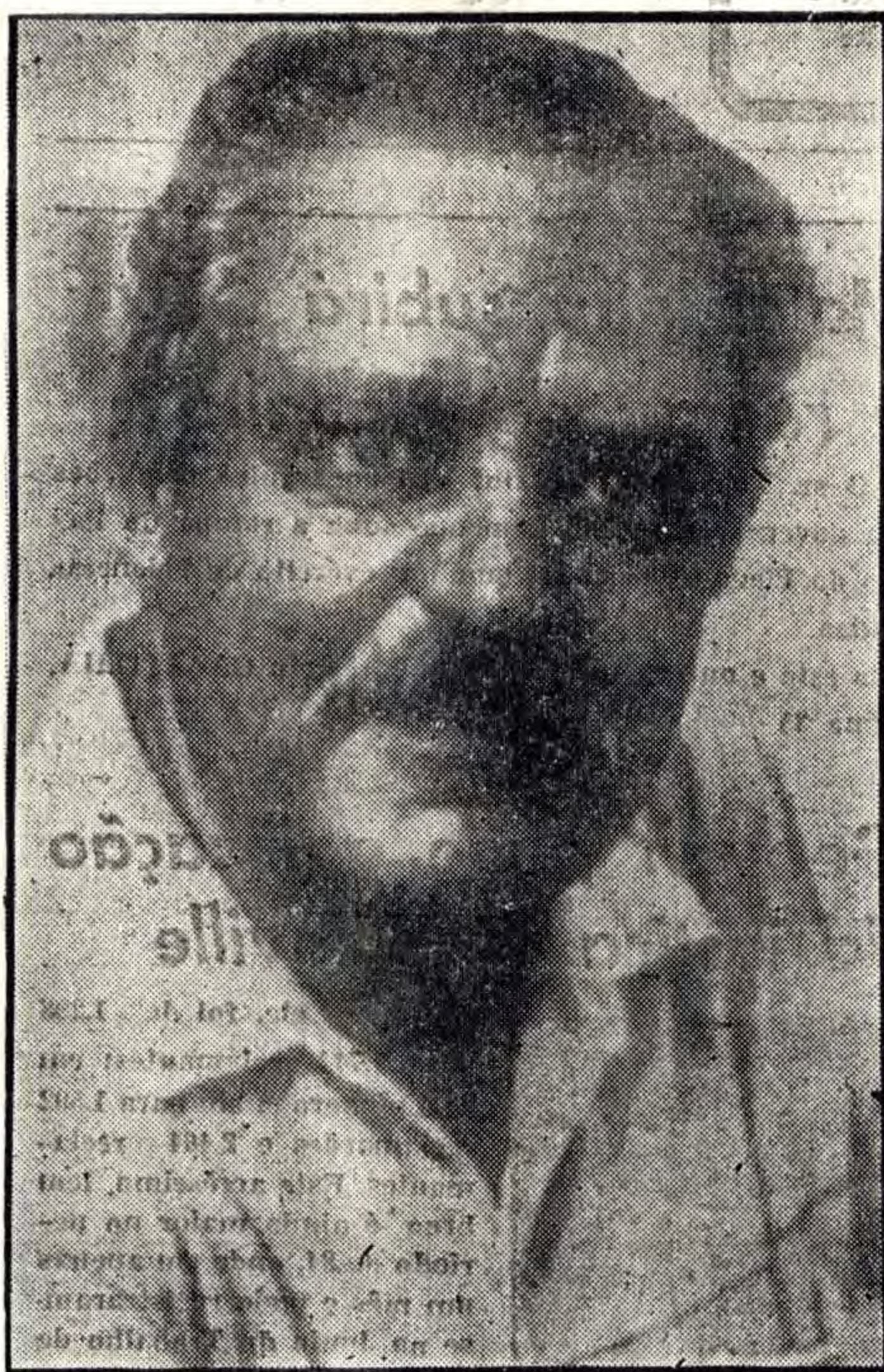
■ WALDEN ou A VIDA NOS BOSQUES – Global, 322 páginas, Cr\$ 17.800. DESOBEDECENDO – Rocco, 169 páginas, Cr\$ 8.300. *A obra-prima de Henry David Thoreau, caderno de notas de um poético aficionado da natureza e de um crítico social contra os males do progresso e do supérfluo; também de Thoreau, uma antologia de textos com destaque para A Desobediência Civil, contra os desmandos do poder.*

■ O BRASIL REPUBLICANO – ECONOMIA E CULTURA (1930-1964) – Organização de Bóris Fausto. Difel, 666 páginas, Cr\$ 23.200. *Após 24 anos, sai este 11º e último volume da preciosa História Geral da Civilização Brasileira.*

■ AO LEITOR SEM MEDO – Renato Janine Ribeiro. Brasiliense, 264 páginas, Cr\$ 9.800. *Uma defesa das idéias do filósofo Hobbes, com elegante erudição.*

■ MEU CORPO DARIA UM ROMANCE – Herbert Daniel. Rocco, 399 páginas, Cr\$ 17.000. *Um "ensaio autobiográfico" que reúne as histórias que vão, segundo o autor, "de Herbert a Daniel".*

Dois livros novos de escritores catarinenses

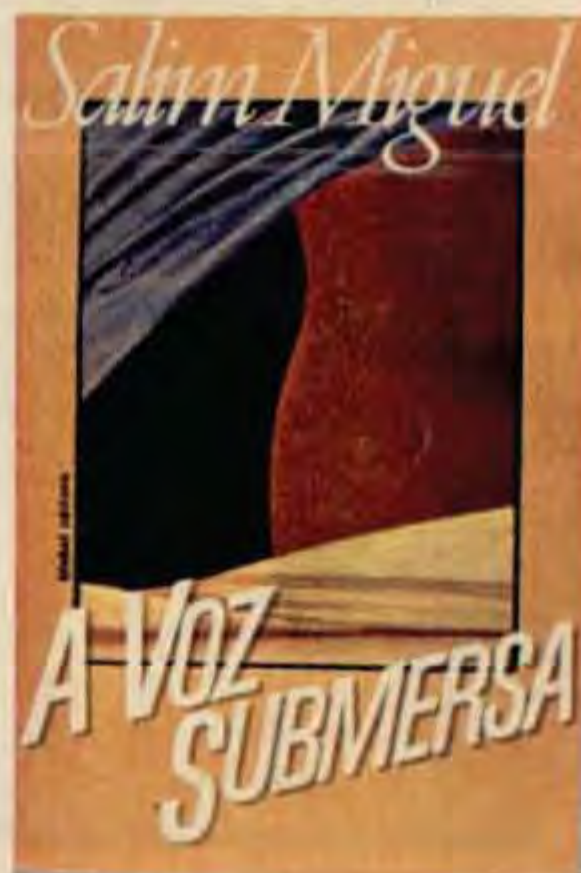


A voz submersa, romance de Salim Miguel (foto), e O jogo infinito, ficções de Raul Caldas Filho, serão lançados na próxima sexta-feira, dia 21, às 20 horas, tendo como local o hall do Palácio Barriga Verde na Assembléa Legislativa, numa promoção da Assembléa Legislativa do Estado de Santa Catarina, da Universidade Federal de Santa Catarina, da Universidade Federal de Santa Catarina, da Global Editora (São Paulo) e da Livraria Lunardelli.

O livro de Salim Miguel foi publicado pela Global Editora; de acordo com palavras da profa. e ensaísta Edda Arzua Ferreira, que assina a apresentação, é um texto que faz a radiografia da sociedade brasileira a partir de 1968, particularmente da classe média. Já o livro de Raul Caldas Filho, publicado pela Editora da UFSC, compõe-se de títulos que o autor denomina de ficções. São textos que vão do conto tradicional até pequenos flagrantes, ou diálogos fantásticos. De modo geral, ressalta a apresentação, há nos trabalhos a preocupação com a linguagem e com o ser humano em sua totalidade.

SALIM MIGUEL é nome conhecido nos meios jornalísticos e literários do Estado, desde a década de 50, quando foi um dos líderes do Grupo SUL, movimento estético-literário que marcou época. É autor de seis livros (quatro de contos e dois romances), participou de numerosas antologias e organizou outras. De 1965 a 1979 morou no Rio de Janeiro, onde exerceu a profissão de jornalista, sendo redator e repórter de revistas pertencentes a Bloch Editores e colaborando na Enciclopédia Delta-Larousse. Foi também um dos editores da revista Ficção, importante veículo cultural surgido nos anos 70. De volta a Florianópolis, é diretor executivo da Editora da UFSC, crítico literário do jornal O Estado, além de prosseguir em sua atividade literária.

RAUL CALDAS FILHO já é mais conhecido por suas atividades jornalísticas, muito embora sua constante atividade na área literária. A partir de 1963 esteve, durante anos, ligado ao jornal O Estado, onde exerceu diversas funções, de cronista a editor. Trabalhou na revista Manchete, primeiro como correspondente em Santa Catarina e depois como repórter no Rio. Escreveu também no Jornal de Santa Catarina e no Jornal da Semana, e foi editor da revista Quem. No campo literário participou de oito antologias e publicou, em 1980, pela Editora Lunardelli co-edição Editora da UFSC, o livro de crônicas Delirante Desterro. Atua, também, no setor de criação e redação da EXA Propaganda e Marketing.



A voz de Salim

Salim Miguel surge com mais um livro, *A Voz Submersa* (Global Editora). Seu currículo de jornalista, assinalado por vários livros, antologias e roteiros cinematográficos começa marcando a verdadeira revolução modernista em Florianópolis, onde agora reside, por sua atuação na revista *SUL* (1947-1958). *A Voz Submersa* é obra de um escritor absorvido pelos acontecimentos político-sociais surgidos a partir de 1968 no Rio de Janeiro com a morte do estudante Edson Luiz, no Calabouço. O tumulto da multidão segue, como uma vaga — e aumentando a repressão. Dulce, personagem central do livro, passa a ser porta-voz e eco dos acontecimentos. Mais complexo em sua primeira parte, quase linear em sua segunda, a partir do capítulo *Arremates*, Salim usa metáforas poéticas, relações entre cores, ruídos e sensações, *flashes* de roteirista, uma visão caótica e moderna do Rio que, depois, se transpõe para Florianópolis. É um reflexo de um mundo em caos que merece uma leitura atenta. □ **Flávio de Aquino**



Salim Miguel

A VOZ SUBMERSA

Renard Perez

Um muito bom romance este *A Voz Submersa* (Global Editora, 1984) do catarinense (por adoção) Salim Miguel, sob certos aspectos, mesmo, um romance excepcional. O que de resto não é de surpreender a quem conhece a fase mais recente da obra do escritor, os contos de *A Morte do Tenente e outras Mortes* (1978) em particular. Da mesma maneira que nesse livro, realiza-se Salim Miguel aqui amplamente, apresentando os elementos essenciais — a excelência do estilo, o grande domínio da técnica, perfeita identificação com o tema abordado — para que a história tenha a sua melhor ressonância. A propósito da alta qualidade desses dois livros, é o caso mesmo de se referir ao fato de o autor — hoje com seis títulos, quatro de volume de contos —, estreando muito bem em 1951 com *Velhice e outros contos* a que logo se seguem *Alguma Gente* (1953) e o romance *Rede* (1955) — só tornar a aparecer como ficcionista dezpoito anos depois, com os contos de *O Último Gosto*. Contos em que conservando sua mesma linha funcional — o mundo da infância, um certo tom evocativo, determinado espaço geográfico, a presença dos tipos simples do povo, a temática chave da falta de comunicação humana — se mostrará muito mais amadurecido literariamente, muito mais definido no seu universo ficcional. Como se aqueles livros iniciais e os anos de silêncio não fossem, os primeiros, já agora senão um ensaio, e esse intervalo — uma preparação interior para o *Último Gosto*, este por sua vez para *A Morte do Tenente e outras Mortes*, com seu virtuosismo de técnica e sua perfeita unidade de temática. Altura em que, já senhor absoluto de seus instrumentos de expressão, entra para a largueza do romance. Só que agora — sem se

afastar de suas preocupações ficcionais — a dar um eloqüente documento dos tempos de hoje.

Tomando como base do romance determinado episódio, de grande repercussão, de um estudante assassinado no Calabouço no Rio, durante a fase mais aguda da repressão política entre nós — e o impacto por ele provocado —, passa o autor a desenvolver da melhor maneira toda uma história — história que se é, na verdade, a do retrato interior de sua personagem-chave — é também, em última análise, a de um tempo conturbado. E história que nos é dada na técnica mais original — um interminável telefonema da personagem (Dulce) para sua mãe — o que é, a nosso ver, uma grande *trouvaille* — e onde ela se vai mostrando em seu modo de ser, seus traumas, suas neuroses, suas escamoteações. Isso realizado pelo autor da melhor forma, o que dá ao livro a sua grande força, e o faz sofrido.

Mas não é só a grande maneira de apresentar e desenvolver sua história — esse telefonema a nos trazer todo o caráter da personagem e o quadro que se insinua além dele — todo um ambiente, um dia-a-dia doméstico, as figuras que deste ou daquele modo se entrelaçam nessa vida (não nos lembramos de um coloquial levado a tais conseqüências, a frase, a palavra, o tom assim transmitidos em sua absoluta oralidade, sua leitura a exigir tanta participação do leitor — participação saborosa, em sua procura de ajustar o tom exato em que o discurso é feito, ou o que é paralelo a esse discurso); o que para nós fica como a grande arte do livro é antes o que está subjacente nele — uma etapa no tempo, o conflito de uma época — esse mundo exterior que sabemos está ali se justapondo, se

completando, nesse jogo singular onde o autor induz ao geral.

Geral que o "Arremates" e "A Fuga (in) desejada" — já aí, com a utilização de uma nova forma, cada uma de suas partes na sua correspondente diversidade — tom, estilo, enfoques — irão complementar: "Daquelas pestes", "Os queridos diabinhos", "Retrato no Espelho", o capítulo sobre o velho sogro (que nos lembra, em sua força telúrica, o melhor Zé Lins), a personagem central na ótica do narrador — e a sensação de pungência que dessa parte se evolva, e nos é transmitida. No fundo, é a melancolia que fica, a sensação da grande falta de comunicação, cada um desses figurantes dentro do seu mundo particular, na sua solidão, em sua própria defesa, e que parece o jeito de ser de nosso mundo de hoje. Esse retrato de uma época, que, se em seus aspectos mais duros felizmente já ficou para trás, ressoará ainda muito tempo dentro de nós. Ressonância de que esse livro é um duro (doloroso) depoimento.

Há ainda um outro aspecto a assinalar no romance, agora em relação à literatura do autor em seu conjunto. É no que se refere à questão do espaço geográfico. Embora com sua ação no Rio de Janeiro, de vez em quando aí aparece a pequena Biguaçu do livro anterior (de certa maneira, o mesmo tipo de cidade catarinense de suas demais obras) — na infância da personagem, nas lembranças de sua adolescência. Assim, como um Autran entre nós, lá fora um Faulkner, um Steinbeck, um Silone, um García Márquez, liga o autor através desse espaço o seu universo ficcional, continua inscrevendo sua literatura nesse seu mundo, o que dá em conseqüência (não houvesse outros pontos comuns) a unidade de toda uma obra.

Salim como gosta

Avesso a badalações, noite de autógrafos e lançamentos festivos, Salim Miguel descobriu uma boa razão para não fazer o que não gosta. As enchentes. Sendo assim, sem clima para festas, o escritor catarinense Salim Miguel anuncia seu novo livro. Trata-se do romance **A voz submersa**, publicado pela editora Global, de São Paulo, na coleção múltipla.

* *

Entre Florianópolis, Biguaçu (sua terra natal) e Rio de Janeiro (onde atuou profissionalmente e com êxito) se desenrola a ação do novo livro de Salim Miguel, que acaba de chegar às livrarias.

CAETANO, Maria do Rosário. A voz submersa: nova ficção de Salim Miguel. *Correio Braziliense*. Brasília, 19, ago. 1984. p. 2.

VALDIR MESSIAS



Salim Miguel está lançando seu segundo romance, uma história política

“A Voz Submersa”, nova ficção de Salim Miguel

MARIA DO ROSÁRIO
CAETANO
Repórter Especial

O escritor Salim Miguel está em Brasília. E traz boas novas, embora seu Estado, Santa Catarina, viva, pela segunda vez, num prazo de 12 meses, mais uma grande inundação. Esperançoso, ele aguarda dias melhores.

Enquanto isto, cumpre seu papel de escritor e diretor da Editora da Universidade Federal de Santa Catarina, uma das mais bem-sucedidas do País, na área de editoras universitárias. Igual à editora catarinense, só a gaúcha, que, também, vem desenvolvendo trabalho muito especial.

Miguel chegou a Brasília com uma missão: contatar a Gráfica do Senado para que seja co-editora do registro da vida do poeta e senador catarinense, Luiz Delfino, relatada em 300 páginas e ilustrada por rico acervo iconográfico, no ano do sesquicentenário de seu nascimento. Missão cumprida, Salim Miguel, catarinense nascido no Líbano, há 60 anos (chegou ao Brasil com três), fala de sua nova alegria: o lançamento de seu segundo romance: *A Voz Submersa*.

Nesta semana, o livro chega às livrarias brasileiras, num lançamento da Editora Paulista Global. E de saída, dá para garantir que causará muita polêmica, por sua ousadia estética e temática. Afinal, o ponto de partida do romance é a morte do estudante Edson Luis, no restaurante Calabouço, Rio, março de 68, que Miguel presenciou. Esta história, porém, não é tratada com enfoque meramente jornalístico. Em sua carpintaria romanesca, o autor trabalha com o tempo, acronologicamente, e compõe perfis psicológicos bem delineados. Nada de mero retrato jornalístico e nem de usar um acontecimento que apaixonou o País — a morte de Edson Luis — para reportagens romaneçadas. *A Voz Submersa* é um romance no verdadeiro sentido da palavra, matéria de ficção lavrada com muito esforço.

Salim conta que, depois de presenciar a morte do estudante, ficou tomado pelo assunto. Apaixonou por este motivo temático e quis, a qualquer custo, transformá-lo em palavras. Primeiro, pensou numa grande reportagem. Não ficou satisfeito. Optou, então, por um conto. Também não se satisfaz. Em março de 69, partiu para o romance. Até novembro, trabalhou ardentemente. O resultado, porém, não

agradou. Guardou os originais, por 14 anos. Ano passado, de março a junho reescreveu o romance e, finalmente, encontrou a forma que lhe agradava.

Salim Miguel é autor de vários livros: *Velhice e Outros Contos*, *O Primeiro Gosto e A Morte do Tenente e Outras Mortes* (contos), *Alguma Gente* (histórias) e *Rede* (romance). Sua carreira profissional se desenvolveu no jornalismo, em Florianópolis e Rio de Janeiro e, no cinema, onde atuou, na maioria das vezes, como roteirista.

BRASIL PÓS-68

A ensaísta Edda Arzua Ferreira, no prefácio de *A Voz Submersa*, diz que o livro é, antes de tudo, “um romance que faz a radiografia da sociedade brasileira a partir de 1968 — particularmente da classe média em ascensão — recriando episódios que ainda hoje estão vivos em nossa memória e que (alguns) não perderam de modo algum a sua atualidade: a repressão configurada pela morte do estudante, no Calabouço, e que é o elemento detonador da história; o enriquecimento ilícito de alguns, sacralizado pelo mundo oficial; as negociatas, o jogo perigoso da Bolsa de Valores, os lucros escandalosos, a ganância irrefreável”.

O personagem central de *A Voz Submersa*, porém, não é o estudante morto no Calabouço. A voz submersa, que muita fala, mas nunca se faz entender, é de Dulce, a “doce Dulce” (como a chama, carinhosamente, a cunhada).

Dulce, como o estudante Edson Luis, passou pela vida de Salim Miguel. Quando ele morava na Rua Paissandu, no Rio, tinha uma vizinha que costumava pedir-lhe o telefone emprestado e gastar horas conversando com a mãe, que residia distante. Ainda atordoado pela morte de Edson Luis, Miguel ficou espantado ao ouvir o monólogo (assim lhe parecia a conversa da vizinha, já que ele não ouvia as respostas da mãe) de Dulce. E Dulce não tinha nada a ver com a morte do estudante. Nem estava preocupada com isso. Naquele dia, Salim descobriu que ela seria um grande personagem.

Edda destaca, no prefácio, que “ao mesmo tempo em que cria como que o lado espetacular da história, Salim Miguel provoca o drama da solidão individual e coletiva, dos desencontros, das angústias e insatisfações; enfim, viabiliza a vida pequena e pobre — porque vazia de sentido — das personagens que po-

voam o mundo romanesco”.

A ensaísta constata, então, que “curiosamente, é esta mesma vida pequena que constitui um dos pontos altos do romance: a mineralização da sensibilidade, o amesquinamento e até a petrificação das relações humanas, a tragicidade de ser-não-ser, a sensação caótica do estar-não-estando no mundo”.

MÓDULOS

A Voz Submersa compõe-se de três partes, como módulos. Na primeira, uma multidão carrega o corpo morto de um estudante. Este corpo é colocado nas escadarias da Cinelândia. Esse fato deflagra a ação do romance, que porém, toma novo caminho, para acompanhar uma mulher problematizada, que passando pelo local, é envolvida pela multidão. Ela tenta escapar da agitação mas só consegue com muita dificuldade. Ao chegar em casa procura alguém para conversar. Liga para a mãe e o analista. Não encontra nenhum dos dois. Toma tranquilizantes. Passa uma noite mal dormida. Começa então, o romance propriamente dito: *Tu me entendes?*

Esta expressão, explica Miguel, “é muito usada no Sul. Quando uma pessoa pergunta: tu me entendes?, isto significa que o diálogo está difícil, ninguém está entendendo nada”.

Na segunda parte — *Arremate* — vêm à tona dados ligados à vida de Dulce, a mulher problemática. O livro vai à sua infância, no interior de Santa Catarina (a Birigui, cenário permanente da obra de Miguel), fala de seus familiares, marido, cunhada, filhos. O sétimo capítulo desta parte tomou de Salim muito tempo e reflexão. *Passado* é seu nome. Houve, porém, este passeio? Fica para o leitor a dúvida. Afinal, num clima de delírio, Dulce sai de casa. Na Rua Paissandu não vê ninguém. No Largo do Machado, toma um ônibus, onde não há passageiros nem cobrador, nem motorista. Entra num cinema. O filme mostra a história do livro. Entra numa livraria, onde não há ninguém. Só livros, muitos livros.

Na terceira e última parte do livro, o autor, na segunda pessoa, dirige-se a Dulce, tentando dialogar com ela. Terá sua luta com as estruturas sintáticas e com a palavra conseguido apreender a complexidade da vida de sua personagem? Ou esta complexidade lhe fugiu?

Para saber, nada melhor que ler *A Voz Submersa*.

Livros de autores catarinenses

A safra de livros de autores catarinenses aparecidos no decurso do corrente ano, é das melhores e das mais abundantes dos últimos tempos. Vejamos alguns títulos::

Do cronista Raul Caldas-Filho saiu, pela Editora Lunardelli, um volume das suas melhores crônicas, com o título de **Esta delirante Desterro**. Raul com o seu estilo leve e irônico, sabe tecer os fios da crônica com admirável perícia. Pode-se dizer que ele resgatou a crônica do seu caráter aliatório e da efemeridade jornalística.

Ainda pela Editora Lunardelli foi editado o romance **Confissões de uma filha do século**, de Silveira Júnior, uma narrativa que flui sem tropeços, o autor conseguiu retratar o drama íntimo de uma jovem que, pela sua inexperiência, viu-se envolvida por uma série de acontecimentos que entram em conflito com os seus sentimentos pessoais. A história é narrada pela protagonista do romance através de um diário, em cujas páginas vai lançando, dia a dia, as ocorrências da intimidade do lar, deixando-se envolver, finalmente, por um romance com o próprio padrao.

A grande surpresa desta safra foi o livro **Judeus de bombachas e chimarrão**, de Jacques Schweidson, edição da Livraria José Olympio Editora. Comerciante há mais de trinta na praça de Fpolis, Jacques Scweidson revela-se nesse livro um escritor com pleno domínio da língua. O livro vem acompanhado de vários depoimentos de críticos e historiadores sobre esta importante pesquisa realizada pelo autor em Santa Maria, no Rio Grande do Sul, onde se alojaram as primeiras famílias de imigrantes judeus, vindas da Rússia. É sobre a integração dessas famílias no meio brasileiro que o autor desenvolve o seu trabalho, oferecendo com ele uma contribuição preciosa aos estudiosos da formação brasileira. Além da pesquisa histórica, há muitas páginas autobiográficas, prelúdio de um livro de memórias que o autor promete para breve.

De Enéas Athanázio recebemos a boa notícia da reedição, pela Secretaria de Cultura de Minas Gerais, da sua biografia de **Godofredo Rangel**, inteiramente refundida e ampliada. Godofredo Rangel é o escritor que se tornou mais conhecido pela sua correspondência com Monteiro Lobato do que propriamente pela sua obra literária. Enéas é um pesquisador incansável, e um admirável contista. Esse livro está sendo aguardado com grande in-

teresse pelos admiradores do autor de **Vida Octosa**, e outros livros de contos em estilo regional, cujas razizes mergulham no terrunho mineiro.

Com o título de **Integração**, o Senador Carlos Gomes de Oliveira, acaba de lançar o primeiro volume de um amplo estudo sobre a história de Santa Catarina. Uma história multifacetada, abrangendo vários aspectos da formação e das estruturas da sociedade catarinense, com alguns enfoques sociológicos. O primeiro volume é sobre o município de Joinville, que é a terra do autor. O livro foi editado sob os auspícios da Assembléia Legislativa do Estado.

Virgílio Várzea, o mais importante contista catarinense do passado, acaba de ter publicado pela Editora Lunardelli uma coletânea dos seus contos intitulada "A Canção das Gaivotas, selecionados pelo Professor Lauro Junkes que é, ao mesmo tempo, o autor de um penetrante estudo introdutório. De há muitos que se fazia sentir a reedição desse escritor tão famoso nos meios literários nacionais, onde deixou a marca do gênero marinhista. Aliás, o marinhismo não existe como gênero literário, o que existe são temas marinhistas. Esses temas foram muito bem explorados por Virgílio Várzea nos seus contos e nos seus romances, tornando-se por isso, um clássico da nossa literatura.

Mais uma vez nos congratulamos com o Editor Lunardelli pela publicação desta obra que precisa ser distribuída por todos os Estados e por todas as escolas catarinenses. Ainda do mesmo autor é o livro **A Ilha** que acaba de ser reeditado pelo Governo do Estado, em primorosa edição da Imprensa Oficial do Estado. "A Ilha" seria o primeiro volume de uma história de Santa Catarina que o autor não chegou a terminar. Anunciou o segundo volume que teria o título de O Continente, mas nunca chegou a publicar esse volume, nem o subsequentes. O autor Nas páginas desse livro, vamos encontrar o melhor estudo que já se fez sobre a Ilha de Santa Catarina envolvendo a sua geografia física e humana. O autor enfoca vários aspectos da vida e dos costumes da Ilha de Santa Catarina, a antiga Desterro, como a pesca da tainha, as festas religiosas, o nosso folclore, etc. Não falta, inclusive, uma elucidação das estatuetas que ornãm a fachada do Palácio Cruz e Souza.

Enviamos daqui os nossos parabéns ao Governador Esperidião Amin pela

publicação desse livro.

Salim Miguel brindou-nos com um novo romance **A voz Submersa**, lançado pela Global Editora. O autor procura, mais uma vez, novos recursos para dar forma e expressão ao seu talento criador, num estilo que lembra Joyce. O ponto de partida da história é a morte de um estudante no Rio de Janeiro durante a ditadura. A partir desse episódio, o autor vai tecendo a trama romanesca em que a palavra acaba se tornando o onjeto da própria narrativa. É um livro de leitura difícil, mas ao mesmo tempo encantadora. A narrativa não flui e nem se desenvolve logicamente. Mas a história acontece com toda a sua força dramática e emocional, captada pelo romancista do subconsciente da personagem principal. O autor procura nos transmitir a impressão da realidade em permanente eclosão, numa linguagem de grande riqueza metafórica conseguindo o autor extrair dos seus recursos estilísticos efeitos impressionantes. Este romance destaca-se sobretudo, pela sua força inventiva e pela sua magia criadora.

Poesias Póstumas é o título de um livro de Arnaldo S. Thiago, edição da Federação Espírita Catarinense. Esse volume de quase 600 páginas nos dá uma amostra do quanto era prolífica a veia poética do autor. Aliás, Arnaldo S. Thiago foi sempre um dos escritores mais fecundos de Santa Catarina. Pela relação das obras editadas verifica-se que ele foi um autêntico polígrafo. Diante desse fato, pergunta-se: por que Arnaldo S. Thiago tendo escrito mais de 50 livros, não obteve a consagração da crítica, tornando-se um escritor desconhecido na sua própria terra? Creio que um dos motivos deve-se à circunstância de ter sido sempre um escritor engajado a uma temática espiritualista e religiosa.

Quase toda a sua obra está marcada por uma procura da verdade transcendente. Os críticos em geral, não gostam desse tipo de literatura. Mas não lhe faltou ressonância internacional. A sua exegese da **Divina Comédia** intitulada **Dante, O Último Iniciado**, foi traduzida para outras línguas e ele próprio teve o seu nome indicado ao Prêmio Nobel por uma Academia Italiana. Achamos injusto o silêncio que sempre envolveu o seu nome e a sua obra nos meios intelectuais de Santa Catarina.

Os fantasmas de Dulce

Gritos de voz submersa

Mário Henrique

NÉLIO RODRIGUES

Um romance que faz a radiografia da sociedade brasileira a partir de 1968 – numa síntese, é isso *A Voz Submersa*, do catarinense Salim Miguel, lançado semana passada em Brasília. Um livro aberto pela cabeça de uma personagem que vive, involuntariamente, os acontecimentos de março de 1968 na Cinelândia, quando o estudante Edson Luis foi assassinado, e reconstitui suas várias mortes, as muitas formas de assassinato por que passou.

A Voz Submersa é dividido em três blocos. No primeiro, surge um longo telefonema, quando a personagem se esforça para contar à mãe a experiência pela qual acabara de passar (“mãe, eu clamava por ti, eu chorava, eu corria, eu fugia, me entendes sei, eu precisava me libertar mas algo dentro de mim se recusava e não queria se libertar, não sei explicar bem, escuta só, quem sabe se, sim, é isto, ouve, presta atenção, ontem, tarde já, depois que cheguei em casa exausta tentei relaxar, toquei pra ti, ninguém atendia, fiquei esperando acordada o Sylvio, ele chegou tarde nem me ligou, quando entrei no quarto ele já roncava ferrado no sono...”)

É a voz de Dulce, submersa. Uma voz louca, sozinha, falando sozinha, falando consigo mesma, procurando do outro lado do telefone a voz, uma voz atropelada, redemoinho discurso contra si e contra todos. Recordações de seu universo, de suas humilhações e angústias, suas descobertas de Dulce-menina, Dulce-moça, Dulce-medo, Dulce-amarga. Do outro lado da linha, quem sabe, talvez nem exista uma voz, mas a vontade de subir à tona, se livrar da teia, separar os cheiros, dividir os sonhos, catalogar os pesadelos, dar uma ordem, uma ordem qualquer, àquela sucessão de gostos, àquele rosário de formas, cores, nomes. Da cabeça de Dulce saltam todas as incertezas, todas as vontades não realizadas, desejos não cumpridos como caracóis. Ela fala, colorindo, cinzas, amareloverdeada lembrança. Ódio, tédio, horror.



Salim Miguel, um caçador dos vários meandros da vida

– Nos 7 sub-blocos, tentei respeitar uma lógica interior, iluminando assim certos aspectos da trama, toda ela centrada na personagem principal. Note que esses sub-blocos não são arbitrários, há uma coerência intrínseca a comandar tudo, pois neles só temos situações e/ou personagens que interferem direta e basicamente na vida de Dulce.

(“Dulce não escolheu ainda, sorri, sem jeito: – me deixe ver... me traga um, não, momentinho... quero um lanche quente, é isto, coisa rápida, estou com pressa. Não, com este calor... olhe, me dê um suco e um sand... Não-não, espere. É isto. Deixe-me escolher um sorvete. Um, este aqui, aqui!” Paciente-irritado, o garçom se curva: “– Que mais?” – “Só”. “Pois não, madame”.

Uma perseguição, os passos dela, úmidos, curtos, os do perseguidor, longos, longos, tentáculos. A franga e o polvo. Dois tipos de suor, a mesma esquina se vira duas vezes, de formas diferentes, a sombra maior que o corpo. É o monstro que a persegue. Tem todas as caras que o terror de Dulce alcança. Ela entra na lanchonete, fome de fuga.

Ou, como diz Edda Arzúa na apresentação do livro, Dulce “é um ser extremamente angustiado que pressente outros valores, vagamente e de forma nebulosa, mesmo em um mundo degradado. E seu verbo repetitivo, caótico, representa o próprio discurso da decadência. Além disso, o ritmo ofegante do seu discurso eleva a um grau paroxístico as inquietações, perplexidades e angústias da personagem”.

Radiografia. A palavra cabe no sentido de instrumento capaz de registrar a fratura não-exposta, o osso que fugiu do seu lugar dentro do organismo. Mas é incompleta, já que não trespassa o corpo, não é capaz de revelar o que está por trás das costas, as sombras e fantasmas que povoam a cabeça, os labirintos de Dulce.

(“Os gritos assassinos, assassinos, o grito, corre filhinha, não é mais a Rio Branco, não é mais Copacabana, reconhece Florianópolis, o centro, o calçamento irregular, a porta da loja se fechando, mas a loja é no mercado público, noite ainda, noite sempre, final de feira, restos de movimento, sujeira e lixo, catadores de sobras, varredores, retardatários que vêm às compras, pobres que catam nos montículos de verduras, legumes, frutas, gêneros, cheiro adocicado e enjoativo de peixe que começa a se deteriorar, louça de barro formando pilhas à beira do cais, carregadores, mulheres, risos, fragmentos de frases que se entrecruzam e se perdem, a conversa com “seu” Doca que tem aquela banca de bugigangas bem na ponta do mercado, ao lado da Alfândega velha, ela-mocinha sentada num caixote de sabão Wetzel-Joinville, pernas nuas, recebendo o sopro da aragem que vem do mar, nua, um friozinho gostoso penetrando-a, deitada nua, penetrando-a, começando a lhe tomar todo o corpo informe, a envolvê-lo, balança-se pernilonga, ri, fala, gargalha e soluça estirada e nua em plena avenida...”)

Robert Desnos, o surrealista amigo de Breton e Elluard, sugeria num texto sobre cinema, em 1923, que, quando um cineasta conseguisse colocar na tela um sonho qualquer que tivera, do jeito exato como as imagens se sucederam durante o sono, aí o cinema se desvencilharia das amarras do teatro e da literatura. O discurso de Dulce é sujo por ser completo, e cruel por ser pura realidade – cinema Dulce, ultra-real. “Temos, ao mesmo tempo, um relato angustiante e tenso, fátuo e dramático, fundindo o real e o imaginário, que busca ao mesmo tempo retratar aquela mulher e as quimeras da classe média”, explica Salim Miguel.

No segundo bloco de *A Voz Submersa*, com o título *Arremates*, o autor faz uma segunda investida no universo de Dulce, tentando encaixar, por uma ordem no universo infernal de Dulce. “Concluída a construção de uma casa, num olhar de avaliação vemos que existem minúcias para arrematar, coisas que não foram devidamente resolvidas. Foi isto que busquei, intencionalmente. Deixar nas sombras e em desvãos algo da personalidade desta mulher e da trama que compõe a estrutura narrativa”, diz o romancista.

Arremates aparece dividido em 7 sub-blocos, onde surgem “depoimentos” de personagens que habitam a cabeça de Dulce. Salim Miguel continua a falar sobre como construiu essa segunda parte do seu romance.

Imagens de família do marido, a sogro, os filhos, *Os Queridos Diabinos*. (“Mal viam o pai, para eles figura distante, quase uma entidade mítica. De manhãzinha, um beijo apressado, e lá se atirava ele para a rua. Raramente vinha almoçar. Quando acontecia, eles estavam dormindo ou passeando. Também dormindo estavam, na maioria das vezes, quando, à noite, Sylvio chegava. Nos fins de semana era preciso deixar papai se recuperar do esforço dispendido. Papai recolhia-se ao quarto, ia remexer papéis, preparar documentos, ler um jornal, folhear revistas, dormir na frente da televisão, abrir um romance policial. Também saía para espalhar. Se acontecia levá-los, os meninos vibravam. Uma festa. Mas não estranhavam se eram deixados de lado. Rezingavam por hábito”).

No último bloco – *A Fuga (in) desejada*, “é o próprio autor, sob certos aspectos, que se debruça sobre sua criatura, dirigindo-se a ela e com ela querendo dialogar e lhe dizendo que, muito embora todo o esforço dispendido, ela lhe escapa, não tendo ele conseguido transmitir a complexidade de vida que emana e explode daquele ser humano, personalidade deformada que vê deformado o mundo que a cerca”, explica Salim Miguel.

Um livro duro, difícil. Um mergulho em águas de profundidades variadas. Arreisque o mergulho e você pode quebrar a espinha. *A Voz Submersa* é para ser lido fotograma por fotograma. Mas, iniciado o filme, não adianta pedir para o homem que cuida do projetor voltar o rolo atrás e começar tudo de novo.

Edda Arzúa Ferreira termina assim sua Introdução: *A Voz Submersa* vai exigir do leitor um trabalho de extrema acuidade para penetrar nos meandros sutis da narrativa de Salim Miguel. Ela, a voz, já submersa... Mas, certamente, incomoda a todos nós.

Por tudo isso, esse romance de Salim Miguel que envolve visceralmente o leitor página por página, que obriga a pensá-lo a si mesmo e também a pensar no mundo é, no mínimo, estimulante, excitante...”

Salim Miguel não escreveu um retrato sob medida para nós. Mais que isso, propõe uma galeria de espelhos. Em cada fragmento que cintila e filtra pelo corpo de Dulce, lampejos de nossa condição humana.





Ainda na página 4 inserimos uma entrevista com o escritor Salim Miguel. Ele fala de seu novo livro, "A VOZ SUBMERSA, que está sendo distribuído em todo o país pela Editora Global, de São Paulo. Salim Miguel retomou o ritmo ficcional do romance depois de havê-lo abandonado em 1955, quando passou a produzir apenas histórias curtas. Agora, chega essa Voz Submersa, um livro surpreendente, envolvente, elaborado com arte e grande poder criativo.

Leia o que ele diz, na página 4.

Salim Miguel e a voz submersa

Está chegando a todas as livrarias do Brasil, o novo livro de ficção de Salim Miguel, que desta vez lança um romance pela Global Editorial de São Paulo-Rio, na coleção *Múltipla*, dirigida pela catarinense Edla Van Steen. Desde seu último livro de contos, "A Morte do Tenente e Outras Mortes" que se passou a esperar do Papa do Grupo Sul, um novo romance, gênero por ele abandonado em 1955. A nosso ver, o ritmo ficcional dos contos apresentados naquele livro, evidenciavam a inquietação do escritor por um trabalho de ficção de maior fôlego como o romance. E aí está agora, lançado pela Global, *A VOZ SUBMERSA* que enas primeiras páginas de leitura já deixa transparecer a força de um escritor moderno, capaz de envolver o leitor na trama de tensões e conflitos da história.

...A seguir, publicamos a entrevista de Salim Miguel a Fernando Coelho, onde ele fala de seu novo livro e de coisas ligadas a literatura. (C.F.)

FERNANDO COELHO — Como vê o autor brasileiro hoje em relação com seu público leitor?

SALIM MIGUEL — Vejo o autor brasileiro lutando para sobreviver, da mesmo forma que o público leitor. Quanto ao interrelacionamento, há, sem dúvida, necessidade de se buscar instrumentos que aproximem autor-leitor. Mas esse é um processo que dependido esforço do País como um todo. Lógico que não se pode querer (num País em crise aguda e onde o gosto pela leitura, inexistente, com outros meios de comunicações mais fáceis e superficiais avançando) que camadas amplas do povo se interessem pelo livro que se é fascinante como proposta, exige maior participação. Mais, costume dizer que a não ser uma pequena faixa de fanáticos que sacrificam outros itens em favor do livro, entre escolher o chamado "pão-de-espírito" e o "pão-do-corpo", a maioria fica com este último quando lhe é possível optar. Sem falarmos que tudo podem comprar, mas não se lembram nunca dos livros.

FERNANDO COELHO — De onde vem o seu gosto pela literatura? Há quanto tempo você se dedica a tarefa de escrever?

SALIM MIGUEL — Ao que me lembre, desde sempre me interessei por literatura. Será porque meus pais, libaneses, liam bastante, discutiam conosco, tendo meu pai

sido professor em sua terra e minha mãe estudado inglês e russo? Or porque, no interior de Santa Catarina, onde me criei, eu vivia ouvindo-reinventando causos, que me emocionavam e apavoravam, num jogo lúdico que persiste até hoje? De qualquer forma, ainda em Biguaçu, devorei todas as bibliotecas que encontrei, juntava tostões para comprar livros, lia e relia até os anúncios de jornal quando nada mais existia. Aos 13-14 anos influenciado pelas Tarzans e Buridans da vida, escrevi uma recambolosa aventura desenrolada numa África-Europa biguaçuense. Feliz (ou infelizmente) o cabuloso original se perdeu. Mas foi em Florianópolis, aos 19-20 anos, que começaram a aparecer os primeiros escritos, junto com trabalhos de outros jovens, desembocando e seguir no chamado Grupo SUL, que mexeu com as envoltórias estruturadas da terrinha. Quanto ao "dedicar-me a tarefa de escrever", não creio ter feito outra coisa na vida. Digo escrever em seu sentido mais amplo, pois tendo sobrevivido da profissão de jornalista. Ou então de profissões correlatas, diretamente ligados ao livro e a escrita.

FERNANDO COELHO — Em sua opinião a linguagem literária deve ser acessível?

SALIM MIGUEL — Em primeiro lugar a linguagem literária deve ser autêntica, refletir o escritor, sua maneira de ser, de sentir de captar, suas preocupações, sabendo transmitir com inteligência sua visão de mundo. Quanto ao acessível sem querer fazer qualquer espécie de jogo, eu diria que é uma palavra difícil. Acessível como em que sentido? Se por "acessível" quer-se dizer simplificação e empobrecimento do texto, não creio.

Peis a vida nunca é simples ou simplificada. Ela é profunda e complexa. Por outro lado, quem escreve quer se comunicar, quer dar seu recado. E precisa dá-lo de modo coerente e compreensível. Então, o melhor é procurar realizar-se sendo fiel à sua maneira de ser, através de formas e fórmulas que levem em consideração a necessidade de expressão e a ne-

cessidade de se atingir o público. Mas existe outro componente que merece ser considerado: há temas e temas, e uns podem ser tratados com mais acessibilidade; outros não. Alcançar o tom exato depende da sensibilidade e da capacidade de cada um.

FERNANDO COELHO — Você acredita que as editoras estão dando mais valor para a ficção brasi-

leira?

SALIM MIGUEL — Parece-me que sim. Se algumas editoras insistem em publicar mais o lixo das linhas-demontagem e os "best-sellers" estrangeiros, que já nos chegam pagos lá fora e com uma carga promocional enorme, outras dão força ao autor nacional, valorizando-o e valorizando-se. Veja bem que não sou contra o livro estrangeiro. Nem poderia. Temos que conhecer o que de melhor se produz em todas as regiões e em todas as esferas do saber. Inclusive para que possamos ter um parâmetro de valorização e não nos ilharmos xenofobicamente. Mas se as editoras não derem uma força ao autor nacional (e não me refiro estritamente à área da ficção, mas a todas de uma maneira geral) estagnaremos. E é também da quantidade que acaba por surgir a qualidade.

FERNANDO COELHO — Você vê saída para a classe média brasileira?

SALIM MIGUEL — Que classe média? Isto ainda existe? Aceitando-se que ela não foi de todo tragada, (parte infinitesimal chegando até a classe dita alta, e a grande maioria achatada) a saída não me parece só para este resíduo de classe média. A saída tem que vir para o País como um todo, principalmente para aqueles que sempre estiveram marginalizados e que são hoje a grande maioria do povo brasileiro. Sem profundas

transformações estruturais, em tudo que aí está, não vejo saída nenhuma para ninguém. A crise que nos assola, e que vem se ampliando a cada ano, a cada mês, a cada semana, tem componentes dramáticos que merecem análise mais acurada; e para sairmos dela só com a participação efetiva de toda a Nação.

FERNANDO COELHO — Como é seu livro *A VOZ SUBMERSA*?

SALIM MIGUEL — Rio, março, 1968. Involuntariamente, uma mulher se vê envolvida nas manifestações de protesto contra o assassinato de um estudante no Calabouço. Por entre a multidão, na Cinelândia, ela tenta escapar do tumulto. Eis o eixo acionador da trama, que se desdobra em três blocos, o segundo com sete subdivisões. No primeiro, num longo telefonema, espécie de diálogo/monólogo, a personagem tentar contar à mãe o que foram aquelas horas de horror e de angústia, tenta apreender seu mundo interior. Não consegue. Há um bloqueio, uma voz submersa que não vem à tona. Então, num jorro incoerente e tumultuado, ela fala de tudo, desordenadamente, avança e recusa no tempo e no espaço, refere-se à infância em Florianópolis e Biguaçu, à vida no Rio, à família do marido originária de Campos. Aí temos, ao mesmo tempo, um relato angustiante e tenso, fático e dramático, fundindo o real e o imaginário, que busca ao mes-

mo tempo retratar aquela mulher e as quimeras da classe média, conforme acentua no prefácio a professora e ensaísta Edda Arzuza Ferreira. Para o segundo bloco, o melhor exemplo que posso dar é: concluída a construção de uma casa, num olhar de avaliação vemos que existem minúcias para arrematar, coisas que não foram devidamente resolvidas. Foi isto que busquei, intencionalmente. Deixar na sombra e em recônditos desvãos algo da personalidade desta mulher e da trama que compõe a estrutura narrativa. Nos sete sub-blocos, então, tentei respeitar uma lógica interior, iluminando assim certos aspectos da trama, toda ela centrada na personagem principal. Gostaria de chamar a atenção para o fato de que tais sub-blocos não são arbitrários, há uma coerência intrínseca a comandar tudo, pois neles só temos situações e/ou personagens que interferem direta e basicamente na vida da personagem central. Enfim, no último bloco é o próprio autor, sob certos aspectos vencido, que se debruça sobre sua criação, dirigindo-se a ela e com ela querendo dialogar e lhe dizendo que muito embora todo o esforço dispendido, ela lhe escapa, não tendo ele conseguido transmitir a complexidade de vida que emana e explode daquele ser humano, personalidade deformada que vê deformado o mundo que a cerca.

ALVES, Herique L. A voz submersa. **Jornal das Letras**. Rio de Janeiro, set. 1984. Segundo caderno p. 5

A VOZ SUBMERSA

De suas incursões ao conto, chega ao romance com força total, integrado na construção de uma estória do nosso tempo. Envolve o leitor com palavras que buscam, pesquisam, filtrando, recuando, acuando. Um itinerário que todos nos percorremos no dia a dia com mais ou menos intensidade. É a vida recriada, recomposta, reconstituída dos fragmentos coletados no cotidiano. Linguagem atual, disposta em planos alternativos do imaginário em confronto com a realidade. Mágico alquimista, Salim Miguel chega com "A Voz Submersa", edição da Global para ficar entre os grandes ficcionistas de hoje. Sem espanto algum, o romancista domina situações e fixa uma estória marcada pelos meandros de uma teia de aranha no sonho irrealizado entre a sua ilha, a Florianópolis e o Rio de Janeiro de tantos encantos. Um grande romance de 1984.

A voz submersa de Salim Miguel

Salim Miguel é catarinense de Biguaçu, jornalista e escritor com vários livros publicados. Participou ativamente do movimento cultural do conhecido Grupo Sul, cuja animação artística ia do teatro passando pelas artes plásticas, cinema, editoração; literatura. Atualmente, edita uma página literária em "O Estado". Viveu muitos anos no Rio, onde editou a revista "Ficção", juntamente com Cícero Sandroni, Fausto Cunha e Eglê Malheiros, com quem é casado. Adaptou, juntamente com Eglê e Marcos Faria, para o cinema, "A Cartomante" e "Fogo Morto". Atualmente vivendo em Florianópolis, Salim Miguel dirige a editora da UFSC: Nesta entrevista, fala de seu novo livro — "A Voz Submersa", editado pela Global — de sua experiência, de sua vida:

P — Como vê o autor brasileiro hoje em relação com seu público leitor?

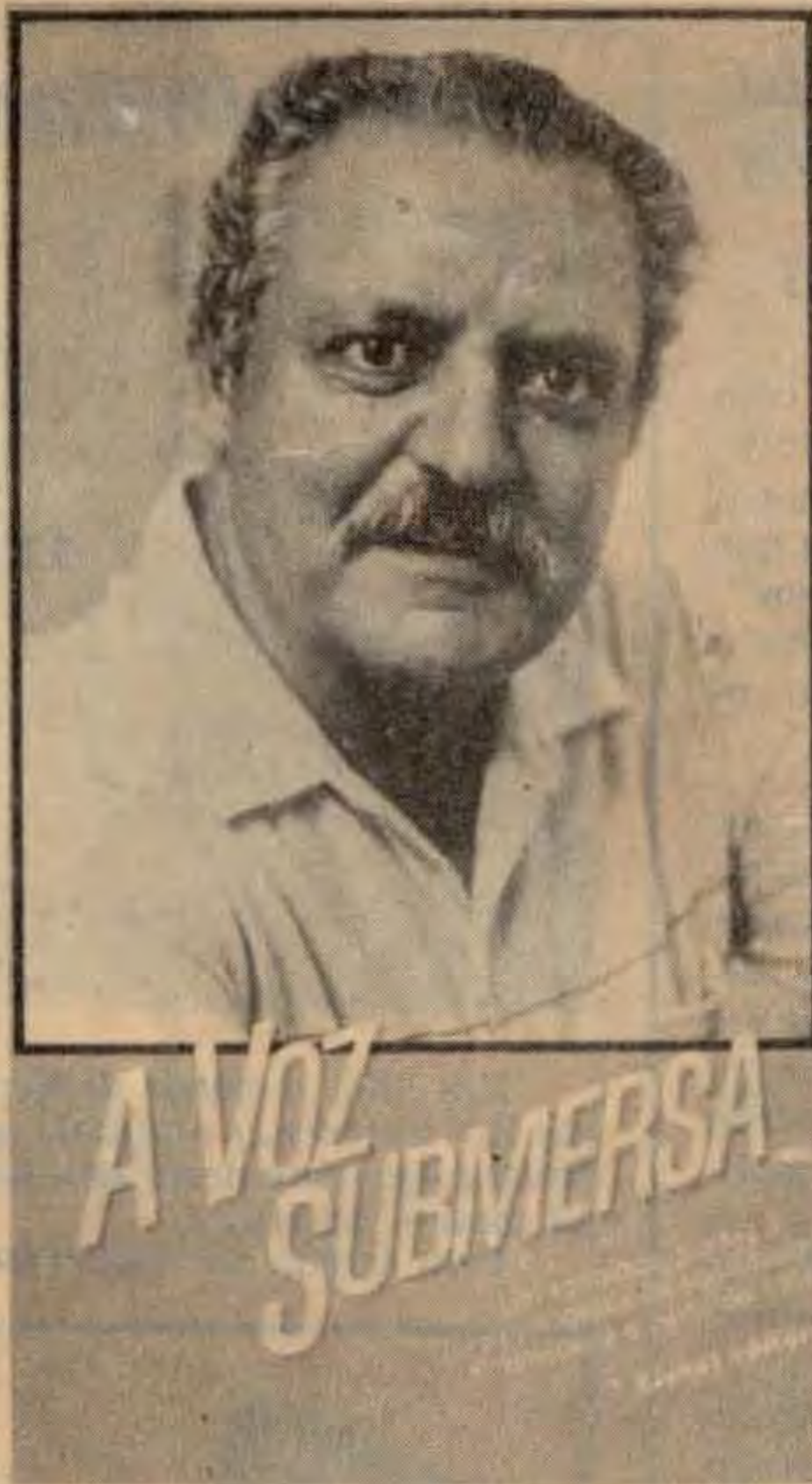
R — Veja o autor brasileiro lutando para sobreviver, da mesma forma que o público leitor. Quanto ao inter-relacionamento, há, sem dúvida, necessidade de se buscar instrumentos que aproximem autor/leitor. Mas este é um processo que depende do esforço do país como um todo. Lógico que não se pode querer (num país em crise aguda e onde o gosto pela leitura inexistente, com outros meios de comunicação mais fáceis e superficiais avançando) que camadas amplas do povo se interessem pelo livro que, se é fascinante como proposta, exige maior participação. Mais: costume dizer que a não ser uma pequena faixa de fanáticos que sacrificam outros itens em favor do livro, entre escolher o chamado "pão-do-espírito" e o "pão-do-corpo", a maioria fica com este último quando lhe é possível optar. Sem falar nos que tudo podem comprar, mas não se lembram nunca dos livros.

P — Agora, como escritor e sendo ao mesmo tempo crítico de literatura, o que acha de estar do outro lado?

R — Nunca me considere "do outro lado". Na verdade, bem criador e o possível crítico. Se bem que, a meu ver, entre nós a crítica literária seja um animal em extinção. Veja, não se pode fazer crítica e engavetar, como se faz com a ficção ou a poesia. A crítica é para já como as eleições diretas para presidente. Então, o que hoje temos, é mais a resenha, que procura situar sucintamente obra e autor, dentro de limitados espaços. Os órgãos de comunicação, também afetados pela crise, se fecham cada vez mais para a área de cultura; que não oferece retorno imediato. Além da resenha, temos é o ensaio universitário, muitas vezes esotérico, feito "de entendidos para entendidos".

P — De onde vem o seu gosto pela literatura? Há quanto tempo você se dedica à tarefa de escrever?

R — Ao que me lembre, desde sempre me interessei por literatura. Será porque meus pais, libaneses, liam bastante, discutiam conosco, tendo meu pai sido professor em sua terra e minha mãe estudado inclusive inglês e russo? Ou porque, no interior de Santa Catarina, onde me criei, eu vivia ouvindo/reinventando causos, que me emocionavam e apaixonavam, num jogo lúdico que persiste até hoje? De qualquer forma, ainda em Biguaçu, devorei todas as bibliotecas que encontrei, juntava tostões para comprar livros, lia e relia até os anúncios de jornal quando nada mais existia. Aos 13/14 anos, influenciado pelos Tarzans e Buribans da vida, escrevi uma rocambolesca aventura desenrolada numa África-Europa biguaçuense. Feliz (ou infelizmente) o cabuloso original se perdeu. Mas foi em Florianópolis; aos 19/20 anos, que começaram a aparecer os primeiros escritos, junto com trabalhos de outros jovens, desembocando a seguir no chamado Grupo Sul, que me-



xeu com as envelhecidas estruturas da terrinha. Quanto ao "dedicar-me à tarefa de escrever", não creio ter feito outra coisa na vida. Digo escrever em seu sentido mais amplo; pois tenho sobrevivido da profissão de jornalista. Ou então de profissões correlatas, diretamente ligadas ao livro e à escrita.

P — Em sua opinião a linguagem literária deve ser acessível?

R — Em primeiro lugar a linguagem literária deve ser autêntica captar, suas preocupações; sabendo transmitir com inteligência sua visão de mundo. Quanto ao acessível, sem querer fazer qualquer espécie de jogo, eu diria que é uma palavra difícil. Acessível como, em que sentido? Se por "acessível" quer-se dizer simplificação e empobrecimento do texto, não creio. Pois a vida nunca é simples ou simplificada. Ela é profunda e complexa. Por outro lado, quem escreve quer se comunicar, quer dar seu recado. E precisa dá-lo de modo coerente e compreensível. Então, o melhor é procurar realizar-se sendo fiel à sua

maneira de ser, através de formas e fórmulas que levem em consideração a necessidade de expressão e a necessidade de se atingir o público. Mas existe outro componente que merece ser considerado: há temas e temas, e uns podem ser tratados com mais acessibilidade; outros não. Alcançar o tom exato depende da sensibilidade e da capacidade de cada um.

P — Você acredita que as editoras estão dando mais valor para a ficção brasileira?

R — Parece-me que sim. Se algumas editoras insistem em publicar mais o lixo das linhas-de-montagem e os best-sellers estrangeiros, que já nos chegam pagos lá fora e com uma carga promocional enorme, outras dão força ao autor nacional, valorizando-o e valorizando-se. Veja bem que não sou contra o livro estrangeiro. Nem poderia. Temos que conhecer o que de melhor se produz em todas as regiões e em todas as esferas do saber. Inclusive para que possamos ter um parâmetro de valorização e não nos ilharmos xenofobicamente. Mas se as editoras não derem uma força ao autor nacional (e não me refiro estritamente a área da ficção, mas a todas de uma maneira geral) estagnaremos. E é também da quantidade que acaba por surgir a qualidade.

P — Como é o livro "A Voz Submersa"?

R — Rio, março, 1968. Involuntariamente, uma mulher se vê envolvida nas manifestações de protesto contra o assassinato de um estudante no Calabouço. Por entre a multidão, na Cinelândia, ela tenta escapar do tumulto. Eis o eixo acionador da trama, que se desdobra em três blocos; o segundo com sete subdivisões. No primeiro, num longo telefonema, espécie de diálogo/monólogo, a personagem tenta contar à mãe o que foram aquelas horas de horror e de angústia, tenta apreender seu mundo interior. Não consegue. Há um bloqueio, uma voz submersa que não vem à tona. Então, num jorro incoerente e tumultuado, ela fala de tudo, desordenadamente, avança e recua no tempo e no espaço, refere-se à infância em Florianópolis e Biguaçu, à vida no Rio, à família do marido originária de Campos.

Ai temos, ao mesmo tempo, um relato angustiante e tenso, fátuo e dramático, fundindo o real e o imaginário, que busca ao mesmo tempo retratar aquela mulher e as quimeras da classe média, conforme acentua no prefácio a professora e ensaísta Edda Arzua Ferreira. Para o segundo bloco, o melhor exemplo que posso dar é: concluída a construção de uma casa, num olhar de avaliação vemos que existem minúcias para arrematar, coisas que não foram devidamente resolvidas. Foi isto que busquei, intencionalmente. Deixar na sombra e em recônditos desvão algo da personalidade desta mulher e da trama que compõe a estrutura narrativa. Nos sete sub-blocos, então, tentei respeitar uma lógica interior, iluminando assim certos aspectos da trama, toda ela centrada na personagem principal.

Gostaria de chamar a atenção para o fato de que tais sub-blocos não são arbitrários, há uma coerência intrínseca a comandar tudo, pois neles só temos situações e/ou personagens que interferem direta e basicamente na vida da personagem central. Enfim, no último bloco é o próprio autor, sob certos aspectos vencido, que se debruça sobre sua criatura, dirigindo-se a ela e com ela querendo dialogar e lhe dizendo que muito embora todo o esforço dispendido, ela lhe escapa, não tendo ele conseguido transmitir a complexidade de vida que emana e explode daquele ser humano, personalidade deformada que vê deformado o mundo que a cerca.

Salim Miguel, um escritor e sua intimidade com a leitura

Fernando Coelho

O jornalista e escritor Salim Miguel acaba de mandar para as livrarias, com o selo da Global Editora, seu mais novo romance, intitulado **A Voz Submersa**, que saiu dentro da coleção Múltipla, que é dirigida pela escritora Edla Van Steen. Salim Miguel é dos poucos escritores brasileiros que tiram do próprio escrever (jornalismo e literatura) a sua própria sobrevivência. Em Santa Catarina, sua terra, onde nasceu em 1924, participou ativamente do movimento cultural conhecido como Grupo Sul, cuja animação artística ia do teatro, passando pelas artes plásticas, cinema, editoração, literatura.

Sem abandonar o jornalismo, colaborou na Enciclopédia Delta Larousse, escrevendo verbetes sobre escritores brasileiros e lançou em 1976 e 1980, juntamente com Eglê Malheiros, Fausto Cunha e Laura Sandroni, a revista **Ficção**. Escreveu no suplemento **Livro**, do **Jornal do Brasil**, artigos de crítica sobre ficção hispano-americana e brasileira. Sem parar um minuto, no corre-corre da criação, Salim Miguel fez a adaptação, com Eglê Malheiros e Marcos Faria, para o cinema, de **A Cartomante, fogo morto**, conto de Machado de Assis. Trabalhou no **Jornal da Semana** e na **EBN** e logo depois, voltando para Florianópolis, na Assessoria de Comunicação da Universidade Federal de Santa Catarina.

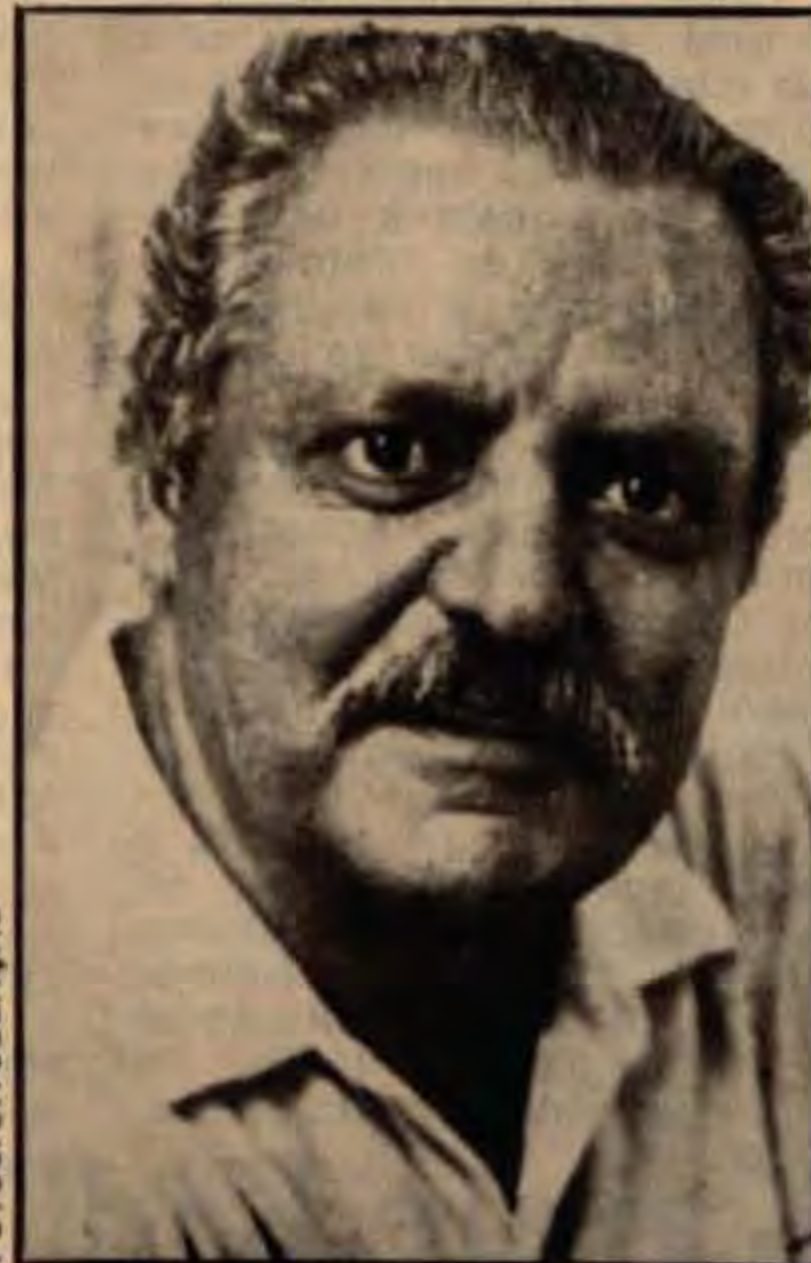
Aqui, uma entrevista com o escritor e jornalista Salim Miguel, onde ele fala de seu livro, de sua experiência, de sua vida.

— **Como vê o autor brasileiro hoje em relação com o público leitor?**

— Vejo o autor brasileiro lutando para sobreviver, da mesma forma que o público. Quanto ao interrelacionamento, há, sem dúvida, necessidade de se buscar instrumentos que aproximem autor/leitor. Mas este é um processo que depende do esforço do País como um todo. Lógico que não se pode querer (um país em crise aguda e onde o gosto pela leitura inexiste, com outros meios de comunicação mais fáceis e superficiais avançando) que camadas amplas do povo se interesse pelo livro que, se é fascinante como proposta, exige maior participação. Mais: costume dizer que a não ser uma pequena faixa de fanáticos que sacrificam outros itens em favor do livro, entre escolher o chamado "pão do espírito" e o "pão do corpo", a maioria fica com este último quando lhe é possível optar. Sem falar nos que tudo podem comprar, mas não se lembram nunca dos livros.

— **Agora, como escritor e sendo ao mesmo tempo crítico de literatura, o que acha de estar do outro lado?**

— Nunca me considerei "do outro lado". Na verdade, bem ou mal, em mim sempre procuraram coexistir o possível criador e o possível crítico. Se bem que, a meu ver, entre nós a crítica literária seja um animal em extinção. Veja, não se pode fazer crítica e engavetar, como se faz com a ficção e a poesia. A crítica é para já, como as eleições diretas para Presidente. Então, o que hoje temos, é mais a resenha, que procura situar sucin-



FOTOS: DIVULGAÇÃO

Salim Miguel: "há os que tudo podem comprar, mas nunca se lembram dos livros"



Capa do romance "A Voz Submersa", de Salim Miguel

tamente obra e autor, dentro de limitados espaços. Os órgãos de comunicação, também afetados pela crise, se fecham cada vez mais para a área da cultura, que não oferece retorno imediato. Além da resenha, temos é o ensaio universitário, muitas vezes esotérico, feito de "entendidos para entendidos".

— **Muita gente tem achado que a crítica literária é pouco original. O que você acha?**

— Em parte a pergunta já foi respondida no item anterior, quando eu digo que a crítica literária entre nós praticamente deixou de existir, substituída pela resenha. Uma primeira observação é que a crítica, não sendo um trabalho de criação, necessita de um embasamento teórico. Para exatamente poder melhor atuar e analisar a obra de criação. Mas aceitando-se a formulação de "muita gente" (só para um exercício de raciocínio), ter-se-ia que chegar a uma conclusão mais ou menos óbvia: se a crítica é pouco original, a criação também será pouco original? Não sei. É uma colocação arriscada. Não me parece que assim seja. E veja você onde a manipulação das palavras pode nos levar.

— **De onde vem o seu gosto pela literatura? Há quanto tempo você se dedica à tarefa de escrever?**

— Ao que me lembre, desde sempre me interessei por literatura. Será porque meus pais, libaneses, iam bastante, discutiam conosco, tendo sido meu pai professor em sua terra e minha mãe estudado inclusive inglês e russo? Ou porque, no interior de Santa Catarina, onde me criei, eu vivia ouvindo e reiventando causos, que me emocionavam e apavoravam, num jogo lúdico que persiste até hoje? De qualquer forma, ainda em Biguaçu, devorei todas as bibliotecas que encontrei, juntava tostões para comprar livros, lia e relia até os anúncios de jornal quando nada mais existia. Aos 13/14 anos, influenciado

pelos Tarzans e Buridams da vida, escrevi uma rocambolesca aventura desenrolada numa África-Europa Biguaçuense. Feliz (ou infelizmente) o cabuloso original se perdeu. Mas nos escritos, junto com trabalhos de outros jovens, desembocando a seguir no chamado Grupo Sul, que mexeu com as envelhecidas estruturas da terrinha. Quanto ao "dedicar-me à tarefa de escrever", não creio ter feito outra coisa na vida. Digo escrever em seu sentido mais amplo, pois tenho sobrevivido da profissão de jornalista. Ou então de profissões correlatas, diretamente ligadas ao livro e à escrita.

— **Em sua opinião, a linguagem literária deve ser acessível?**

— Em primeiro lugar a linguagem literária deve ser autêntica, refletir o escritor, sua maneira de ser, de sentir, de captar, suas preocupações, sabendo transmitir com inteligência sua visão do mundo. Quanto ao acessível, sem querer fazer qualquer espécie de jogo, eu diria que é uma palavra difícil. Acessível como, em que sentido? Se por "acessível" quer-se dizer simplificação e empobrecimento do texto, não creio. Pois a vida nunca é simples ou simplificada. Ela é profunda e complexa. Por outro lado, quem escreve quer se comunicar, quer dar seu recado. E precisa dá-lo de forma coerente e compreensível. Então, o melhor é procurar realizar-se sendo fiel à sua maneira de ser, através de formas e de fórmulas que levem em consideração a necessidade de expressão e a necessidade de atingir o público. Mas existe outro componente que merece ser considerado: há temas e temas, e uns podem ser tratados com mais acessibilidade; outros não. Alcançar o tom exato depende da sensibilidade e da capacidade de cada um.

— **Você acredita que as editoras estão dando mais valor para a ficção brasileira?**

— Parece-me que sim. Se algumas editoras insistem em publicar mais o lixo das linhas de montagem e os **best-sellers** estrangeiros, que já nos chegam pagos lá fora e com uma carga promocional enorme, outras dão força ao autor nacional, valorizando-o e valorizando-se. Se bem que não sou contra o livro estrangeiro. Nem poderia. Temos que conhecer melhor o que se produz em todas as regiões e em todas as esferas do saber. Inclusive para que possamos ter um parâmetro de valorização e não nos ilharmos xenofobicamente. Mas se as editoras não derem uma força ao autor nacional (e não me refiro estritamente à área de ficção, mas a todas de uma maneira geral) estagnaremos. E é também da quantidade que acaba por surgir a qualidade".

— **Como é seu livro "A Voz Submersa"?**

— Rio, março, 1968. Involuntariamente uma mulher se vê envolvida nas manifestações de protesto contra o assassinato de um estudante no Calabouço. Por entre a multidão, na Cinelândia, ela tenta escapar do tumulto. Eis o eixo acionador da trama, que se desdobra em três blocos, o segundo com sete subdivisões. No primeiro, um longo telefonema, espécie de diálogo/monólogo, a personagem a tentar contar à mãe o que foram aquelas horas de horror e de angústia, tenta apreender o seu mundo interior. Não consegue. Há um bloqueio, uma voz submersa que não vem à tona. Então, um jorro incontrolado e tumultuado, ela fala de tudo, desordenadamente, avança e recua no tempo e no espaço, refere-se à infância em Florianópolis e Biguaçu, à vida no Rio, à família do marido originária de Campos. Alí temos, ao mesmo tempo, um relato angustiante e tenso, fático e dramático, fundindo o real e o imaginário, que busca ao mesmo tempo retratar aquela mulher e as quimeras da classe média, conforme acentua no prefácio a professora e ensaísta Edda Arzua Ferreira, para o segundo bloco, o melhor exemplo que posso dar é: concluída a construção de uma casa, num olhar de avaliação vemos que existem coisas que não foram devidamente resolvidas. Foi isto que busquei, intencionalmente. Deixar na sombra e em recônditos desvãos da personalidade desta mulher e da trama que compõe a estrutura narrativa.

— **Como vê saída para a classe média brasileira?**

— Que classe média? Isto ainda existe? Acertando-se que ela não foi de todo tragada (parte infinitesimal chegando até a alta, e a grande maioria achatada), a saída não me parece só para este resíduo da classe média. A saída tem que vir para o país como um todo, principalmente para aqueles que sempre viveram marginalizados e que são hoje a grande maioria do povo brasileiro. Sem profundas transformações estruturais, em tudo que está aí, não vejo nenhuma saída para ninguém. A crise que nos assola, e que vem se ampliando a cada ano, a cada mês, a cada semana, tem componentes dramáticos que merecem análise mais acurada; e para sairmos dela só com a participação efetiva de toda a nação.

livros

Mais um fim de semana e aí vai "munição" para enfrentá-lo. Os **Melhores Contos**, de Breno Accioly, selecionados por Ricardo Ramos (Global Editora), são contos de atmosfera, diferentes, portanto, daqueles que apresentam um impacto final. O autor vai tocando as fases, devagar, gostosamente para uns, chatamente para outros, dependendo do estado de espírito de cada um. Se a manhã estiver úmida o céu cinzento, pode levar este livro para seu refúgio até que o sol apareça.

Da mesma editora, **A Voz Submersa**, de Salim Miguel já é para público reetrado específico que osta de enfrentar desafios literários, esgrimando com o autor. Salim é cataiense dos bons, desses que julgam concursos de literatura e exige invenção a cada página, a cada linha. Este romance "faz a radiografia da sociedade brasileira a partir de 1968".

Não serve para quem quer fotografia, bem clara e fácil de ver.

Para outro tipo de leitor, Fernando Gabeira reaparece com um livro pra ler e ir tirando as páginas, em papel jornal, lançamento da Editora Rocco intitulado "**Diário da Crise**, mas que poderia ser "a crise do diário" (as duas primeiras páginas soltaram antes que eu descobrisse que deveriam ser arrancadas). Claro, o conteúdo só é interessante para quem acha que a opinião de Gabeira é mais importante que a sua. Pra quem quiser ajudar o autor a passar a crise, cada brochura custa Cr\$6.000.

Se o leitor não precisa de ajuda pra sentir a crise de perto, como ela é de verdade, e se pode mandá-la para o inferno, não deve pensar duas vezes: vá direto a livraria mais próxima e compre (Cr\$17.900) o livro **Ciclo do Terror**, reunindo quatro premiados romances de Assis Brasil, que irão mais do que enfeitar sua estante, dar-

lhe material para leitura e releitura, por muito tempo. Os romances são: **Os Que Bebem como os Cães** (Prêmio Nacional Walmap e Prêmio Joaquim Manuel de Macedo, ambos 1975); **O Aprendizado da Morte** (Prêmio Clube do Livro — 1975); **Deus, o Sol, Shakespeare** (Prêmio Fundação Cultural de Brasília — 1979); **Os Crocodilos** (Prêmio Coelho Neto, da Academia Brasileira de Letras — 1982). Quanto aos textos devo advertir que são obras premiadas. Estão informados (e avisados). Editorial Nórdica.

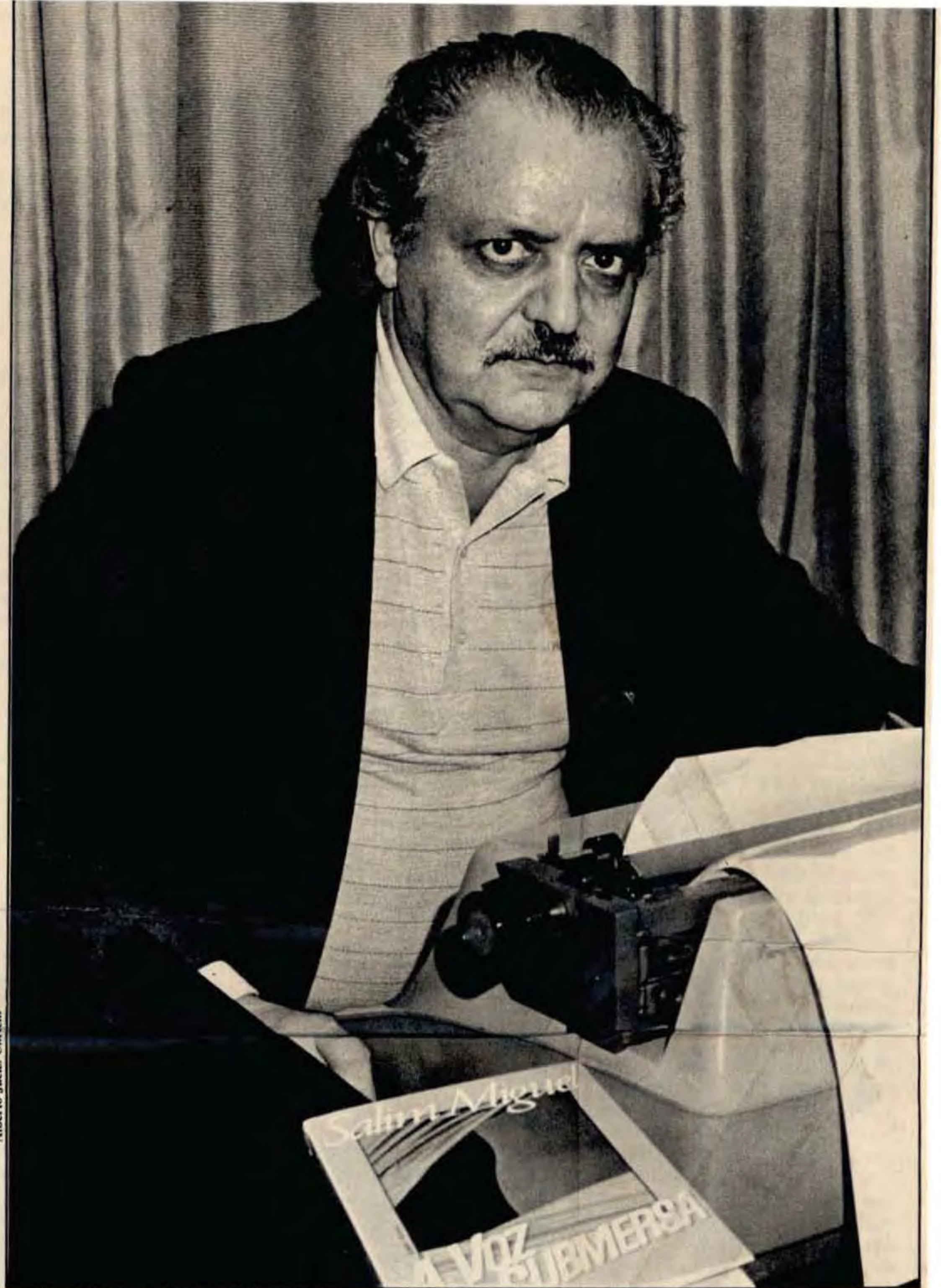
E como você não é bobo, nem nada, leve para casa **Lambisgóia**, livro infantil-juvenil de Edson Gabriel Garcia. Seus filhos vão gostar e você também, na hora de contar para os que não sabem ler. Este é da Editora Nova Fronteira.

ADINOEL MOTTA MAIA

Partindo de acontecimentos reais, Salim Miguel traça o retrato de uma época

A voz submersa

Rio de Janeiro. Março de 1968. A repressão política está no auge. Um protesto de estudantes, no Calabouço, degenera em batalha campal com a polícia. Correria, bordoadas, pedradas. Um tiro. O estudante Édson Luís fica estendido no chão. A multidão enfurecida dirige-se à Cinelândia, conduzindo o corpo do rapaz, que será depositado nas escadarias da Câmara, aos gritos de "assassinos! assassinos!" A massa humana compacta, com a exaltação cega das grandes comoções populares, envolve a todos como um compressor. A maioria nem sabe precisamente o que está acontecendo. Mas é impossível sair daquela torrente humana que, de súbito, comprimida pelos cavalos da polícia e o gás lacrimogêneo, precipita-se pelas ruas laterais. No meio do povo, atirado de um lado para o outro, o romancista Salim Miguel, que acabara de sair do trabalho, vivia aquela inesquecível experiência. Foi partindo desse acontecimento que o escritor catarinense engrenou seu recém-lançado romance, *A Voz Submersa*. A personagem do livro, tal como seu criador, vê-se arrastada pela multidão em fúria, na Cinelândia. A situação desencadeia, e revela, um longo e pungente conflito neurótico. Ao chegar em casa, ela telefona para a mãe, tentando lhe transmitir os momentos de horror que acabara de viver. Não consegue. Há um bloqueio, uma voz submersa que não vem à tona. Mas, de seu diálogo — na realidade, um monólogo, pois em nenhum momento o leitor sabe o que sua interlocutora lhe diz —, desnuda-se a alma de uma mulher de nossos dias, com seus conflitos e inquietações, e desenha-se um angustiada painel da sociedade brasileira dos anos 60. Essa interminável conversa telefônica também foi sugerida ao romancista por um fato de sua vida. "Naquela época — conta Salim —, eu morava em Botafogo. Regularmente, uma



Alberto Jacks Chreem

Aos 60 anos, com espírito de jovem, Salim Miguel continua acreditando no poder da palavra.

vizinha aparecia em nosso apartamento, demorando horas ao telefone, em conversa com a mãe, impedindo-me de trabalhar. Aquilo me fascinava e horrorizava ao mesmo tempo." A temporada carioca do escritor durou 14 anos, durante os quais trabalhou como jornalista e redator da Enciclopédia Delta-Larousse. Mas, ao chegar ao Rio de Janeiro, em 1965, já era um nome nacional, graças à sua participação no movimento cultural que ficou conhecido como Grupo Sul (1947 a 58). Um movimento que encaixou Santa Catarina na caprichosa geografia literária nacional. Desde então, Salim já revelava uma rara qualidade: a de animador literário, que se sente feliz no estímulo que transmite. De volta a Santa Catarina, onde dirige a parte editorial da universidade federal do estado, Salim dispõe de uma boa fatia diária de tempo para dedicar ao lazer. Ou

melhor, ao meio lazer. Há o prazer de ler, mas também a angústia de escrever. Pois, para esse eterno insatisfeito, escrever é um ofício árduo. Um combate com o anjo. Cada texto seu é reescrito em média sete vezes. E Florianópolis, se não oferece tantas opções culturais como o Rio, proporciona essa vantagem: dá ao escritor tempo para escrever e polir seu trabalho.

Aproveitando essa dádiva, o ficcionista conclui um novo volume de contos (o quinto) e uma novela sobre a imigração libanesa no Sul. Estudioso da literatura hispano-americana, está reunindo em livro seus inúmeros artigos sobre o tema. Toda essa atividade demonstra que, aos 60 anos de idade, com a juventude de espírito de um adolescente em férias, Salim Miguel continua acreditando com toda a garra no poder da palavra escrita. (Ubiratam Machado)

Os contos de Raul Caldas. E a volta de Salim ao romance

Salim Miguel, escritor e crítico literário respeitado nacionalmente e Raul Caldas Filho, jornalista militante que começa a dar mais ênfase à carreira literária, até agora não registrada em livro, fazem hoje, às 20 horas, na Assembléia Legislativa, dois dos mais importantes lançamentos do ano. Salim lança oficialmente (um pouco a contragosto, porque não é muito dado a cerimônia de lançamento) seu romance "A voz submersa", o primeiro depois de "Rede" (1955) e após vários livros de contos, gênero que cultivava com mais assiduidade. Raul estreia (havia editado, anteriormente, "Delirante Desterro", livro de crônicas) com "O jogo infinito", subtulado de "ficções", uma coletânea de contos e flagrantes do cotidiano escritos paralelamente à sua atividade jornalística.

Os lançamentos são promovidos pela própria Assembléia Legislativa, Universidade Federal de Santa Catarina (responsável pela edição do livro de Raul), Global Editora, de São Paulo (por onde saiu o romance de Salim) e Livraria Lunardelli.

RADIOGRAFIA

O romance de Salim Miguel é dividido em três partes — Tumentendes, Arremates e A Fuga(In)desejada — e faz uma espécie de radiografia da sociedade brasileira a partir de 1968, especialmente da classe média. Para a professora e ensaísta Edda Arzúa Ferreira, houve um processo que culminou com esse resultado: "...recriando episódios que ainda hoje estão vivos em nossa memória e que (alguns) não perderam de modo algum a sua atualidade: a repressão, configurada pela morte do estudante no Calabouço, e que é o elemento detonador da história; o enriquecimento ilícito de umas, sacralizado pelo mundo oficial; as negociadas, o jogo perigoso da Bolsa de Valores, os lucros escandalosos, a ganância irrefreável. Tudo isso, ao mesmo tempo em que cria como que o lado espetacular da história, provoca o drama da solidão individual e coletiva, dos desencontros, das angústias, e insatisfações; enfim, viabiliza a vida pequena e pobre — porque vazia de sentido — das personagens que povoam o mundo romanesco".

O próprio autor define o romance como "atemporal" e "acronológico". Há episódios ocorridos nas décadas de 30 e 40 em Florianópolis, nos anos 50 e 60 no Rio de Janeiro e em Campos, onde mora a família do marido da personagem central, Dulce, e ainda alguma coisa relacionada com Biguaçu, cidade natal do escritor e que, no livro, representa o local de origem da família da mesma personagem. A trama se desenrola a partir de um episódio real: a morte do estudante Edson Luiz nas manifestações de rua de 1968 no Rio de Janeiro. Usando esse fato, praticamente levantados ao telefone por Dulce, que também vira o ocorrido e ficara traumatizada, o escritor cria uma série de desdobramentos, mesclando o lado social e político com uma eventual leitura psicanalítica do comportamento da personagem.

Salim Miguel é um nome conhecido nos meios jornalísticos e literários de Santa Catarina desde que liderou o Grupo Sul, nos anos 50, fazendo surgir no Estado um movimento estético-literário que marcou época. Tem quatro livros de contos

publicados, participou de várias antologias e organizou outras. Entre 1965 e 1979 morou no Rio de Janeiro, onde exerceu a função de jornalista, sendo redator e repórter de revistas pertencentes à Bloch Editores e colaborando na Enciclopédia Delta — Larousse. Foi também um dos editores de "Ficção", uma das importantes publicações literárias da década passada. De volta a Florianópolis, é diretor executivo da Editora da UFSC, mantém uma coluna semanal em O ESTADO e continua escrevendo, tendo um livro de contos em fase de conclusão e em estudos um romance sobre a migração libanesa no Sul do Brasil.

FIÇÕES

Raul Caldas Filho lança seu primeiro livro de ficção. A propósito, fez questão de ressaltar que "O jogo infinito" não é propriamente um livro de contos — há também flagrantes do cotidiano e diálogos fantásticos. Embora esteja de uma forma ou de outra ligado à literatura desde os 15 anos, editara antes apenas uma coletânea de crônicas publicadas em jornais a que deu o nome de "Delirante Desterro" e que saiu em 1980. A demora em estreitar em livro não tem um motivo muito especial, embora ele admita que "nunca tive pressa nem de escrever nem de publicar".

Sobre a temática predominante, Raul diz que há contos fantásticos, irrealistas, e histórias mais realistas. De qualquer forma, o herói é o homem, apanhando mas sempre se levantando e procurando ir adiante. "O livro tem muito a ver com minha própria postura, ou seja, combate o condicionamento, a burocratização e a hierarquização dos comportamentos, a massificação, as verdades consideradas absolutas". Sobre o título, explica que trata-se de um espelho da "eterna disputa entre o homem e o cosmo, entre a carne e o espírito, a criatividade e a destrutividade, a intuição e o intelecto, o masculino e o feminino, a razão e a loucura".

Seu livro, ilustrado por Rodrigo de Haro, é graficamente bem elaborado — um reflexo de sua vasta experiência como editor e repórter em jornais como O ESTADO, Jornal da Semana e na revista Quem. Acompanhou a diagramação do início ao fim e diz que esse esmero com o lado visual do livro foi uma das contribuições que recebeu do jornalismo, profissão que ainda hoje embora de forma menos intensiva, sustenta como uma forma indispensável de conviver com a notícia, com o dia-a-dia.

Raul Caldas Filho é natural de São Francisco do Sul e mora em Florianópolis desde criança. Bacharel em Direito, fez do jornalismo sua atividade e mais intensa, chegando a trabalhar também de repórter, editor, cronista, redator, colunista e repórter especial.

Atualmente atua também na área da publicidade, criando textos para a Exa Propaganda e Marketing.

Na edição de domingo, O ESTADO publicará entrevistas mais alentadas com Salim Miguel e Raul Caldas, que falarão sobre seus processos de criação, dirão como surgiram os livros agora lançados e responderão a respeito do romance e do conto, gêneros que cultivam e que têm revelado bons valores em Santa Catarina.



Raul e Salim Miguel: atuando no jornalismo e na literatura



"A voz submersa", de Salim



"O jogo infinito", de Caldas

INGLÊS CURIOSO E DIVERTIDO

Regras morfológicas

O prefixo DOWN — confere a idéia de "para baixo", "caído". Vejamos alguns exemplos: DOWNCAST — abatido, deprimido; DOWN FALL — ruína, derrocada; DOWNHILL — em decadência; DOWN POUR — chuvarada; DOWNWARD — para baixo; DOWNWIND — a favor do vento; DOWN FALLEN — derrubado; DOWN GRADE — rebaixar; DOWN HEARTED — desanimado; DOWN STAIRS — no andar de baixo; DOWNSTREAM — rio abaixo; DOWN TRODDEN — oprimido.

Em alguns desses exemplos podemos obter o antônimo trocando DOWN por UP: DOWNSTREAM — rio abaixo; UPSTREAM — rio acima; DOWNWIND — a favor do vento; UPWIND — contra o vento; DOWNWARD — para baixo; UPWARD — para cima, acima de; DOWNSTAIRS — no andar de baixo; UPSTAIRS — no andar de cima; DOWN GRADE — rebaixar; UP GRADE — promover, melhorar de nível; DOWNHILL — morro abaixo, em decadência; UPHILL — morro acima.

SOBRENOMES

Coutinho — três possibilidades: COUghlin, COUrTney, COtIn. (Dos três, o último sobrenome inglês parece ser o mais semelhante) Couto — COUrt, que serve melhor ainda para Cortes.

Crespo — CRISP (o som do -i- é /ê/) é perfeito fonologicamente. (CURL tem o sentido de crespo e também é sobrenome inglês).

Cruz — CRoss. Perfeito fonológica e semanticamente, pois CROSS quer dizer "cruz".

Cunha — três possibilidades: CoNwAy, COONey (os dois —OO— valem /u/) e CUNningHAM, que tem todas as letras de Cunha e na mesma ordem.

Cury — CURry, também com todas as letras na mesma ordem.

TERMS NÃO DICIONARIZADOS

A concordata é um termo desconhecido na legislação comercial dos países de língua inglesa, motivo pelo qual não existe um termo equivalente a esta palavra naquela língua. Uma tradução descritiva que dá para comunicar o sentido do vocábulo é FREEZE ON DEBTS (congelamento das dívidas).

Outras traduções descritivas são: 1) COMPOSITION OF CREDITORS

2) COMPOSITION OF DEBTS

ADIVINHAÇÃO

MY FIRST I HOPE YOU ARE (espero que V. esteja o que diz minha 1.ª sílaba)

MY SECOND I SEE YOUR ARE (vejo que V. está o que diz minha 2.ª sílaba)

MY WHOLE I KNOW YOUR ARE (sei que V. é o que significa a palavra que sou)

pista — procure num dicionário português-inglês a palavra para "bem-vindo". (A palavra tem suas sílabas e cada sílaba daria uma palavra...)

resposta — 1) I HOPE YOU ARE...WELL (bem); 2) I SEE YOU ARE...COME (vindo); 3) I KNOW YOU ARE...WELCOME (bem-vindo).

ANGLICISMO

Em qualquer lugar do Brasil onde há um rio ou lago e muito movimento em ambas as margens, é quase certo que haverá um FERRYBOAT. E o que vem a ser esse anglicismo?

BOAT — barco. Por sinal, a palavra portuguesa "bote" vem do inglês BOAT.

FERRY — transportar por água FERRYBOAT — balsa, barco de travessia.

Espaço Livre

Romance

Fazia muito tempo que não se publicava no país um romance tão fiel aos cânones da narrativa clássica, faltando pouco para o anacronismo formal; o autor desenvolve seu texto dentro das linhas mais puras do realismo crítico do século dezenove: observador sereno e contemplativo de costumes, ele sabe levar o leitor a interessar-se pelas pequenas vidas em cena.

Quando o folheei na livraria, alguns dados pessoais e emocionais me arrastavam para o livro. O ficcionista José Clemente Pozenato é natural de São Francisco de Paula, terra em que nasceu meu pai há 55 anos; desde 1950, quando contava doze anos, Pozenato reside em Caxias do Sul, cidade onde nasci (faz 30 anos) e onde boa parte dos meus parentes ainda mora. Este segundo livro de ficção de Pozenato, "O Quatrilho" (1985), trata de uma comunidade de imigrantes italianos, alojados na serra gaúcha, no início do século; e, graças à admirável precisão pictórica do escritor, pude ver em muitas de suas personagens semelhanças com aquelas criaturas que povoaram minha infância e minha adolescência em Bento Gonçalves, local em que me criei até os dezessete anos de idade.

Mas "O Quatrilho" é muito mais que um encontro emotivo particular. É, indiscutivelmente, um dos bons romances da atual literatura brasileira. Enquanto Moacyr Scliar trouxe para a novelística gaúcha os desesperos judaicos e Lya Luft, as assombrações alemãs, Pozenato transforma em arte um tema que sempre me pareceu difícil, desde os tempos em que eu próprio, adolescente pretensioso, me atrevia a colocar no papel meus desejos de fazer ficção: como tratar, em termos de literatura, o universo popularesco e contraditório dos gringos? A questão da religiosidade, a facilidade com que blasfemam, a sensação de serem estrangeiros numa terra de mestiços; como captar com sensibilidade a vida destes seres em bruto, feitos para o trabalho e, aparentemente, sem nenhuma vida interior? Pozenato mostrou-me um caminho em "O Quatrilho".

Disse, no início, que a obra de Pozenato tem uma estrutura muito clássica. O que lhe dá modernidade é a sintaxe: livre, ao nível da fala, construída sem grande rigor, o que contrasta com a estrutura, que é rigorosa, reflexiva. A sintaxe de Pozenato é singela e popular; sua utilização das liberdades de construção sintática hauridas na voz do povo não tem o sentido de exame e pesquisa dum Guimarães Rosa em "Grande Sertão: Veredas" (1956) ou Salim Miguel em "A Voz Submersa" (1984), antes são instantâneos do primitivismo, do estado bruto, sem depurações, quase à maneira de Simões Lopes Neto. Há sempre, no texto, este fascinante jogo dialético: o cerebralismo da organização ficcional, o classicismo de suas técnicas de contar histórias, enquanto a linguagem é tão desimpedida e rude quanto aqueles italianos cheios de vinho e polenta.

Pozenato, embora nunca se afaste dos cânones clássicos, jamais assume a ingenuidade primitiva do meio e das personagens. Mantém um distanciamento crítico digno de seu confessor mestre, Gustave Flaubert.

a) Eron Duarte Fagundes, Porto Alegre



Os escritores Salim Miguel e Raul Caldas Filho autografando seus livros na Assembleia Legislativa

Salim Miguel: unindo o psicológico, o político e o social

por Paulo Clóvis Schmitz

Uma obra aberta a vários tipos de leitura. Esta é a proposta de Salim Miguel com "A voz submersa", lançada sexta-feira e que já está nas livrarias. Preocupado com a elaboração mas também de olho no leitor, afinal de contas a parte final do processo, o escritor informa que seu livro admite uma leitura social, uma leitura psicanalítica e ainda, para quem estuda literatura, uma abordagem sobre as inovações que tentou em termos de estrutura romanesca.

"A voz submersa" é o primeiro romance de Salim depois de "Rede", escrito de 1.955, que obedecia a um delineamento mais lógico, direto, cronológico e que possibilitava uma leitura essencialmente social. O escritor recriou uma comunidade pesqueira do litoral de Santa Catarina conhecida como Ganchos, hoje Governador Celso Ramos. Agora, quase 30 anos depois, há uma ruptura na sequência da trama e são três os blocos em que se divide a história, cada um com um tratamento próprio de narrativa.

No primeiro, de 125 páginas, aparece o monólogo-diálogo de uma mulher ao telefone, tentando fazer vir à tona uma voz submersa que esconde o trauma de um episódio muito marcante. Ela fala de tudo: da vida no Rio, onde mora, da infância em Florianópolis, dos parentes em Biguaçu (terra da família e também do escritor), da família do marido em Campos (RJ). Mas não consegue falar sobre o episódio que a marcou.

Na verdade, esse fato tem muito a ver com o próprio autor, que parte do movimento de março de 68 no Rio, quando praticamente presenciou a morte do estudante Edson Luiz. Ele conta: "Estava saindo do emprego e de repente fui envolvido pela multidão, que transportava o corpo do Calabouço para as escadarias da Câmara Municipal. O protesto contra o assassinato, que durou várias horas, me marcou profundamente. Fiz anotações, tentei uma reportagem que acabou não sendo publicada e mais adiante arrisquei um conto, que não me satisfiz. Um ano depois, março de 69, fiz o primeiro projeto de um romance, que também não se completava, exigia novas soluções, impunha novos problemas, e por isso durante muitos anos ficou paralisado".

AO TELEFONE

Paralelamente a isso, o escritor tinha uma vizinha na Rua Paissandu, onde morava, que ficava horas a fio ao telefone conversando com a mãe em algum ponto do Brasil. "num papo que me fascinava e me repugnava". Ele tentava adivinhar o que a mãe da moça estava dizendo do outro lado, curioso com o teor da conversa. Ao telefone, a moça levantava fantasmas do passado, falando dos traumas mais variados, da família do marido e, no fundo, querendo extravasar o que sentira presenciando justamente o episódio do assassinato do estudante. Também isso foi projeto para um conto, que não deu certo, e no ano passado, 83, Salim decidiu juntar os dois episódios num romance. Entre abril e junho gastou entre seis a sete horas por dia na máquina de escrever e, quando considerou o livro pronto, mandou cópias para várias editoras do Rio,

São Paulo e Porto Alegre. Ao final, o interesse Global, de São Paulo, acabou prevalecendo e o livro está aí, pronto e à disposição.

Além do primeiro bloco — a mulher ao telefone — há outro, subdividido em sete partes, chamado Arremates (o primeiro chama-se Tumentendes). Este bloco é visto pelo autor como um complemento, uma situação idêntica a uma casa que parece concluída mas de repente descobre-se que faltam diversas coisas para arrematar. "São soluções de estrutura de romance que não consegui resolver na primeira parte e que procuro solucionar na segunda", resume Salim. Finalmente, o terceiro bloco é um diálogo do autor com a personagem principal, Dulce. Ele procura colocar o problema da criação literária, explicando que, embora a personagem fosse em parte o autor, este não conseguiu transmitir como devia a sua mensagem.

Salim Miguel explica que seu romance é "atemporal e acronológico". A primeira parte, ao mesmo tempo em que reflete o Brasil de 68, recua no tempo e no espaço e volta para as décadas de 30 e 40 em Florianópolis, quando a personagem principal era menina, mostrando também fatos dos anos 50 e 60 no Rio e em Campos, além de situar parte da trama em Biguaçu. Por isso, este bloco vai exigir do leitor uma participação mais efetiva, até entrar na proposta que o escritor tenta realizar em termos de ficção.

Perguntado sobre se o grau de dificuldades de Leitura poderia restringir o número de leitores, Salim diz que, em primeiro lugar, o escritor deve ser fiel a si mesmo, embora reconheça que "ninguém escreve para as gavetas". O apelo do social, do político pode ser um atrativo para atingir um leque mais amplo de leitores, principalmente porque são "mostrados os caminhos e descaminhos do Brasil nas últimas décadas". E há, também, vários níveis de leitura, que ele explica:

— Existe a leitura social, do Brasil e da classe média brasileira. Há o ponto de vista psicanalítico, abrindo a chance de explorar a personagem central, os fantasmas que a inquietam, seus problemas, por que está permanentemente necessitada desse contato com a mãe ou com o psicanalista. Outro tipo de leitura seria estudar que tipo de invocação tentei em termos de estrutura de romance.

"A preocupação com o ser humano e o ser social é básica na obra de um escritor", diz ele ao falar sobre o papel fundamental dado ao homem em toda a sua obra. Assim, é inevitável situar o homem em seu meio, com os problemas sociais, por exemplo, vividos pelo Brasil nas últimas décadas, porque afinal o escritor está inserido profundamente em seu tempo e em seu mundo. "A preocupação com o social e o político é uma constante na literatura brasileira, e numa época de crise e descalabro como a nossa certamente essa tendência se acentua, tanto na ficção quanto no depoimento."

Quanto à uma suposta decadência do romance, insinuada por alguns analistas e recentemente sugerida pela não premiação de romances na Bienal Nestlé de Literatura, Salim acha que isso tudo é fruto de especu-



lações comuns no Brasil que sempre questionam o desgas de algum gênero literário. O conto predominou no final de década de 70 e a poesia caminha numa faixa própria. Talvez o problema esteja na quantidade, porque disso vai depender a qualidade do que se produz. De qualquer forma, ele não concorda com essas afirmações:

— O romance brasileiro está em reformulação, em reelaboração. Não devemos aceitar a idéia de que todos os concursos devem atribuir prêmios, e neste sentido o fato de a Nestlé não ter premiado o romance é benéfico porque, na medida em que as condições forem mais rigorosas, os autores vão se cuidar mais na hora de mandar seus originais. O romance brasileiro não está em baixa. Como os outros do gênero, ele tem altos e baixos.

EM SANTA CATARINA

A nível estadual, Salim Miguel, um dos líderes do Grupo Sul, nos anos 50, afirma que a literatura viveu sempre através de ciclos. Houve ciclo da Idéia Nova, de Virgílio Várzea e Cruz e Sousa na virada do século, depois veio o ciclo da Academia Catarinense de Letras na década de 20, o Grupo Sul nos anos 50, e mais recentemente uma série de edições que podem caracterizar um novo ciclo, principalmente depois que a Editora da UFSC multiplicou sua atividade. De qualquer forma, há bons autores, o que falta é um pouco de coragem:

— A poesia e a ficção têm boas perspectivas em Santa Catarina, com uma série de bons nomes. Se eles não estão tendo projeção é porque, como em outras áreas, há muita timidez e o escritor não se arrisca a mandar seus originais para as editoras. Acho que os autores têm a obrigação de procurar as editoras, desde que acreditem nos seus trabalhos. Se estamos atravessando um bom momento, embora não haja um movimento excepcional, uma efervescência cultural, devemos lembrar que nos anos 50 não tínhamos editoras e nem gráficas especializadas e também não dependíamos tanto do poder público. Hoje se espera que o estado tome as pessoas pelo braço, pense e trabalhe por elas.

A crise não pode ser uma justificativa, diz Salim, porque de crises está se refletindo menos no produto livro. Apenas o custo está alto, mas o livro é, na livraria ou na banca, um dos produtos mais baratos. Numa época em que a televisão satura cada vez mais e já não se vai com a mesma assiduidade a restaurantes, a leitura é uma boa saída. E Salim tem outro argumento: "Ninguém reclama do preço do cigarro, que tem seus malefícios. E com dois massos se pode comprar um livro".



Salim & Raul, autores ilhéus

por Ilmar Carvalho

A própria foto estampada no **ESTADO** de domingo passado diz sobre eles: O Salim, sisudo, oclinhos na ponta do nariz, realiza uma dedicatória no seu último livro, imerso no rito. Raul, a seu lado, sorri, cumprimentando um dos futuros leitores de **O Jogo Infinito**. Pelo telefone, ainda agora, reclamo-lhe o volume, como de público faço o mesmo ao autor da **Voz Submersa**. Ansioso para ler e fazer umas notas (não como crítico) nos jornais do Rio, onde escrevo.

Fiquei por cá. Os dois, não. Penaram por aqui. Salim, uns 16 anos, por aí. Raul, um ano e algo mais. Salim, dos Ganchos, Raul de São Francisco do Sul, ambos terrivelmente ilhéus. Geraldo Pereira o grande sambista de "Falsa Baiana" não nasceu em Juiz de Fora? Wilson Batista não nasceu em Campos? E o Ari Barroso, onde é que viu a luz do dia, não foi em Uba? E o Ataulfo Alves, autor desse hino que é "Amélia", por acaso não é de Miraf? E também por acaso, eles todos reunidos, não são uma enciclopédia de carioquice? Pois a minha enciclopédia da ilha, enquanto pude desfrutar das presenças dos nossos escritores, enquanto residirem no Rio, eram os próprios Salim e Raul. Perdi-os para Desterro.

COMEÇOS

Voltava de uma aventura no Norte do Paraná. Funesta aventura que durou de 51 a 54. Organizar a redação de um jornal em Apucarana. Não deu certo, ainda andei escrevendo em pequenos jornais, depois uma revista, "Roteiro", creio que em Arapongas. Voltei para o sul com a roupa do corpo, se tanto. Humilhado, sem emprego, fui bater com os costados em São Francisco, que me recebia pela segunda vez. Secretário da Prefeitura. Lá já estivera, de 46 a 50, de volta de outra aventura. Dessa vez no Rio. Mas lá por 48, 49, conheci Salim, Carreirão (Armando, Silvio), Fúlvio Vieira, Hamilton Alves. O Grupo Sul estava revolvendo os ossos do cemitério da "velha" literatura. De São Francisco fui várias vezes a Florianópolis, e assim estreitei os laços da então nascente amizade com o turco. E com o grupo. Andei escrevendo na última fase da "Sul". Já na ilha, a partir de 54, a convite de Luiz Fiúza Lima fui trabalhar na TAC. Daí por diante, foro, domicílio e alma em Florianópolis até 64, quando vim para o Rio.

Cidade pequena— Florianópolis—, estávamos, os amigos, sempre juntos. A livraria de Salim era o grande ponto. Depois, os bares. Em 57, já no Sesi, Raul Caldas, pai, me recomenda o filho para trabalhar comigo. Foi o começo de outra amizade tão cara, para mim, até hoje. Iniciei Raul na cachaca da redação para jornal. Ele levava jeito, com muita curiosidade intelectual, com muita inquietação, me perguntava tudo, mas o diabo é que o Sesi não era uma redação de jornal. Raul saiu, e voltamos a nos encontrar—os três, Salim, Raul e eu— no Gabinete de Relações Públicas do governo Celso Ramos.

Nosso chefe era o "sorriso" Fúlvio Vieira. Mais velhos e mais traquejados, o turco e o locutor que vos "fala" começamos a dar as dicas de jornalismo, redação, não só a Raul, como também ao Marcílio Medeiros, e à Yara Pedrosa. Na parte de rádio atuavam Helio Silva, Jorge Cherem, e na cinematografia Waldemar Anacleto, Toló e Paulo Dutra. Modéstia à parte, uma equipe razoável. Creio ter sido a primeira equipe que sistematizou o setor de comunicação e de relações públicas de um governo, no Estado. Ao mesmo tempo, funcionou como uma "escola" de redação. Yara, avaramente, até hoje, esconde um talento enorme. Raul, um profissional de primeira água. Marcílio idem, excelente editorialista, administrador e superintendente de jornal. Paulo Dutra entrou em nossa equipe de calças curtas. Esta semana, aqui no Rio, foi devidamente paparicado pelo Jaquito Kappeler, um dos diretores da Bloch, para ser fotógrafo exclusivo da "Manchete". Além de, nos últimos vinte anos, ter feito para essa e outras revistas do mesmo porte, ótimos trabalhos.

CAMINHOS

Nos dez anos passados na ilha, com a convivência dentro do trabalho e fora dele, minhas relações com Salim, com Eglê, os filhos do casal foram ficando cada vez mais fortes. O mesmo acontecia com Raul. E com os demais. Por exemplo, Paulo Dutra: para Salim e para mim ele foi uma espécie de filho adotivo. Até que chega 64. Salim é preso, sou chamado ao V Distrito Naval, sou "demitido" da representação do Globo. Venho para o Rio.

Um ano depois, Salim aporta por aqui. Vai para "Fatos e Fotos" e

em seguida, "Manchete". Outro recomeço para nós. Duro, difícil, a grande cidade não dá moleza. Mas vamos enfrentando. Um fazendo papagaio para o outro assinar, e vice-versa. Até que vamos nos ajustando à nova vida. Salim, embora absorvido quase totalmente por suas funções na revista, reata e amplia suas relações com toda a intelectualidade do Rio.

Co-edita, com Cicero Sandroni, Eglê, Fausto Cunha e Laura Sandroni, a excelente revista **Ficção**, lançando novos contistas e publicando trabalhos de nomes já consagrados. Eglê volta-se para as atividades de tradutora. Os filhos crescem até chegar a hora de cada uma dar seu solo. Contudo, Salim encontra tempo para a sua literatura, tanto que consegue lançar um livro aí em Florianópolis.

Em 67 é a vez de Raul. Recebo um telefonema de seu pai avisando que o filho vinha por aí, e que eu desse uma olhada no moço. Pois muito bem. Eu morava num quarto amplo, em edifício da avenida Pincesa Isabel, em apartamento da viúva do poeta romântico português Antonio Botto. Dia seguinte à chegada do jovem, fomos à "Manchete". Na mesma hora ele conseguiu o tão ambicionado lugar de redator e repórter. Veio a boemia carioca. E Raul, melhor do que eu, deve escrever sobre o clima que ele encontrou num Rio ainda bom de se viver. A velha senhoria portuguesa é quem estranhava ficar o Raul, fim de semana, dentro do quarto, a ouvir discos numa pequena eletrola. E vinha lá a me inquirir, meio ressabiada, com um ar de mistério: "Olhe lá, meu caro jornalista, o doutor Caldas não anda meio esquisito?" E se aproximando mais de mim, abaixando a voz, num tom de confidência grave, entre afirmando e perguntando: "Senhor Carvalho, será que o doutor Caldas não está liru da cabeça, pois não?" Liru era maluco...

Até que o "doutor Caldas liru da cabeça", com a sua proverbial "nonchalance" vai parar na moradia mais boêmia do Rio, o Solar da Fossa, que ficava ali onde hoje é o Canecão, residindo com jornalistas, escritores, artistas plásticos e músicos como Caetano, Gil, etc. No entretanto—deixai-me dizer— o autor de "Delirante Desterro" e o recente "Jogo Infinito", apaixonou-se na ilha pela sua hoje mulher Luiza; saiu da "Manchete"

para vê-la, no aviãozinho do então sogro, e de repente, desses repentinos que dão só nos corações apaixonados, larga a redação por achar que "não se acostumava mais com o matraquear das máquinas de escrever". Ter máquinas de escrever numa redação de revista, até que para o jovem repórter era lógico. O que devia ser incomodativo era justo o barulho que elas faziam. E o Raul se mandou para Santa Catarina, onde se casou com Luiza, tem três filhos, fazendo mais feliz o doutor Caldas, pai, que hoje, com dona Cibela, são triplamente avós. E a ilha enriquecida de montão com a reaquisição desse personagem. Atentai, pois, de como a realidade supera a própria ficção dos livros do "doutor Caldas liru".

Apos dezessete anos, Salim retorna com a família aos pagos. Vai morar numa casa da Trindade, bairro cartão postal. No setor de edições da Universidade, presta ótimos serviços. Conhece o ramo como ninguém. É intelectual e escritor conhecido em todo o país e fora dele, desde os tempos da "Sul". Tem agora o tempo necessário para escrever, o que ama fazer. E tanto isso é verdade que certo dia o Oscar Bloch ofereceu a Salim não só a direção da revista "Tendência" (se não me engano) como de todas as revistas técnicas da Bloch. Salim não quis. Oscar chamou-o de maluco, com toda a sua razão. Resposta do turco: "Eu não quero a direção de revista nenhuma. O que eu quero é escrever livros. E como vou escrevê-los com tal cargo? Se agora como redator não me sobra tempo, que dirá dirigindo revistas?" Ele naturalmente agradeceu, mas não quis ser, e a notícia correu, espalhou-se; ninguém acreditou.

Cada vez que o Oscar se encontra comigo: "Chama o Salim, onde está Salim. Precisamos desse homem. Excelente profissional e muito honesto. O que foi que aconteceu com ele?" O que aconteceu, o Salim conta. Talvez travestindo o assunto em ficção. Que é o seu forte.

E foi assim que tanto ele como o Raul me deixaram na saudade. E ela dói, aumenta, (junto com a inveja) quando vejo a tal foto, na edição de domingo passado deste jornal. Mais, je vous aime, malgré tout... Au revoir. Quem sabe um dia não acabo com minha carcaça lá em Rio Vermelho, pescando e tomando uma cana de alambique dentro de um obscuro pé-sujo...

V

VAGAS NOTÍCIAS DE MELINHA MARCHIOTTI (1461)	
João Silvério Trevisan	Cr\$ 15.700,00
VANGUARDA OPERÁRIA (EA-13)	
Celso Frederico	Cr\$ 7.600,00
VELHO, O MENINO E O BURRO, O (1369)	
Ruth Rocha	Cr\$ 2.500,00
VENDAVAL DA LIBERDADE (1483)	
Edmar Morel	Prelo
VERDADE SOBRE OS DISCOS VOADORES, A (1053)	
Donald E. Keyhoe	Cr\$ 16.300,00
VERDADEIRA HISTÓRIA DE UM ASSASSINO, A (1005)	
Adelaide Carraro	*Esgotado
VERDE VIOLENTOU O MURO, O (1504)	
Ignácio de Loyola Brandão	Cr\$ 12.700,00
VEZES DÁ CERTO, ÀS (1532)	
Lucilia Junqueira de Almeida Prado	Cr\$ 3.400,00
VIAGEM À MONTANHA AZUL, A (1367)	
Roniwalter Jatobá	Cr\$ 2.800,00
VIDA DE LÊNIN, A (1232)	
Trotsky	Cr\$ 12.000,00
VIDA NATURAL N.º 1 (1265)	
.....	*Cr\$ 2.800,00
VIDA NATURAL N.º 2 (1274)	
.....	Cr\$ 2.800,00
VIDA NATURAL N.º 3 (1282)	
.....	Cr\$ 2.800,00
VIDA NATURAL N.º 4 (1293)	
.....	Cr\$ 2.800,00
VIDA NATURAL N.º 5 (1378)	
.....	Cr\$ 2.800,00
VILAREJO, O (1460)	
Dostoiévsky	Cr\$ 10.300,00
VIOLÊNCIA NA LITERATURA INFANTIL E JUVENIL (1500)	
Antonieta Dias de Moraes	Cr\$ 5.700,00
VITAMINAS (1470)	
George Buchner	Cr\$ 8.500,00
VIÚVA, A (1280)	
Adelaide Carraro	Cr\$ 4.300,00
VIVA, EU, VIVA TU, VIVA O RABO DO TATU (1256)	
Roberto Freire	Cr\$ 16.300,00
VOLUNTÁRIOS DA PÁTRIA, OS (1382)	
Júlio J. Chiavenatto	Cr\$ 11.800,00
VOZ SUBMERSA (1499)	
Salim Miguel	Cr\$ 9.600,00

**LITERATURA
BRASILEIRA**

A voz submersa - Salim Miguel - Global, 198 pp. Cr\$ 7.300,00.

Romance que analisa a sociedade brasileira a partir de 1968, centrando-se principalmente na questão da repressão.

Autores consagrados — como Jorge Amado, Lygia Fagundes Telles e Ferreira Gullar — estiveram reunidos com autores novos, "marginais", poetas populares e de vanguarda, numa festa da cultura.



Foed Castro Chamma

Irati

Pedra da Transmutação, de Foed Castro Chamma, conquistou o primeiro lugar entre 3.074 trabalhos inscritos no gênero poesia. Recebeu Cr\$ 2 milhões e a edição com 364 páginas. Nascido em Irati (PR), em 1927, Castro Chamma já publicou **O Poder da Palavra** (1959), **Labirinto** (1967), **Ir e Ti** (1969) e **O Andarilho e a Aurora** (1971). É tradutor e pesquisador no domínio do mistério e reside no Rio. O livro com o qual venceu o Prêmio Nestlé de Poesia foi escrito numa influência direta dos trabalhos desenvolvidos por seu avô paterno, que era alquimista.

O poeta Marcus Accioly, membro da comissão de poesia, diz que o trabalho de Chamma é um livro inteiro — uma forma única, uma unidade —, de artista que governava a sua arte, livro sólido, compactado, forte, punho fechado no leitor, soco no fragmentário. É uma pedra que transmuta, transmuda, tremula e emite cintilações, consagrando o Autor como um poeta que governa, com maestria, a sua arte. Depois de ter lido os originais de **Pedra da Transmutação**, Marcus Accioly passou a considerá-los como parâmetro para o julgamento dos demais trabalhos inscritos. "Quando uma outra obra porventura se (in)surgia, sempre acabava ficando em seu (de) redor", acrescentou.



Yone Rodrigues

Encontro da empresa privada com a cultura

Além de premiar os autores, e garantir-lhes a publicação do livro, dois aspectos importantes no quadro de dificuldades dos meios editoriais brasileiros, de difícil acesso aos escritores novos, a Bienal Nestlé de Literatura possibilita, através de seminários específicos, o estudo da obra literária, e também o encontro de poetas, romancistas e contistas de várias partes do País com críticos literários e professores de literatura. Dá, também, embora de forma controlada, pois exige inscrição, oportunidade às manifestações chamadas independentes, marginais ou de vanguarda.

Na II Bienal, por exemplo, foi possível conversar com Jorge Amado, que está no ponto mais elevado de sua fama de escritor, e com Hélio Rodrigues, jovem poeta do grupo "A Poesia que vem de Santo André", publicada em mimeógrafo e que floresce, segundo ele, entre as fábricas. Como



Antonio Peres Filho, Adonias Filho, Jorge Amado e Iraty Ramos

Nélida Pinon,
Danilo Ucha,
Lygia Fagundes
Telles, Sinval
Medina e
Cremilda
Medina

seu "Grito Poético do ABC": "Tomemos uma colher de sopa/deste fino opium do povo/pára podermos dançar na ferrugem/dos campos magnéticos do ABC./... /A orquestra de tornos, contornos e fresas/não é mais o fantasma das falsas operetas".

Lado a lado, na II Bienal, estavam Rubem Braga, Lygia Fagundes Telles, Nélida Piñon, Adonias Filho, João Antonio, Ferreira Gullar, entre os mais conhecidos escritores brasileiros, e os jovens poetas como Alcides Buss, de Santa Catarina, um dos promotores do "Varal Literário", Jaime Prado Gouyeja, um mineiro calado e sensível, Sérgio de Castro Pinto, de João Pessoa, autor de **Domicílio em Trânsito** e **Outros Poemas**, recentemente lançado pela Civilização Brasileira. Os gaúchos Luis Fernando Verissimo e Moacyr Scliar aproveitaram para lançar livros novos, o primeiro com **A Mulher do Silva** (L&PM Editores), o segundo com seus **Melhores Contos** (Global Editora). Guilhermino Cesar, o mineiro-rio-grandense, e os gaúchos Gerd Bornheim, Antonio Hohlfeldt, Jayme Copstein, Tania Franco Carvalho e Flávio Loureiro Chaves foram debatedores e participantes nas discussões sobre a crônica, o teatro, o conto, a criação, a leitura e a interpretação do texto literário. O catarinense Salm Miguel lançou seu livro **A Voz Submersa**. Outros catarinenses presentes: Deonísio da Silva e Aglê Malheiros.

Uma "Praça do Escritor" foi especialmente montada para as sessões de autógrafos, mas esta foi a única atividade da II Bienal Nestlé de Literatura que não funcionou. Na verdade, como é um evento restrito a convidados especiais e a estudantes que se inscrevem para os debates — houve mais de 500 inscrições — não há grande público para comprar livros e pedir autógrafos. Nas próximas edições, este esquema será modificado, como informou o poeta e ensaísta Domicílio Proença Filho, coordenador da Bienal Nestlé de Literatura e seu verdadeiro criador. Outras inovações serão estudadas, inclusive a realização dos seminários em outras capitais, em momentos diferentes, para uma grande reunião final numa cidade especialmente escolhida. Não há por que fazer a Bienal Nestlé de Literatura Brasileira sempre em São Paulo, respondeu o coordenador, quando sugerimos que ela bem poderia ser realizada em Porto Alegre.

A 2ª Bienal, assim como a primeira, obteve sucesso, o que levou o secretário-geral da Nestlé, Iraty Marques Ramos, a garantir a realização da terceira edição. Um dos diretores da empresa que estava presente, Antonio Salgado Peres Filho, confirmou o entusiasmo com os resultados obtidos, reafirmando o apelo da iniciativa privada à cultura. O romancista Adonias Filho, que junto com Rubem Braga, Lygia Fagundes Telles e Ferreira Gullar, foi homenageado e recebeu uma estatueta de bronze simbolizando a deusa Caliope, Musa da Sabedoria, repetiu o que já escrevera: "Creio que, na história da Cultura Brasileira, este é um momento que ficará registrado rigorosamente à parte, o do encontro entre a iniciativa privada que opera no País, e a sua Inteligência".

Natural

Sugestões do editor

Ficção

- 1 – A Mulher do Silva, Luis Fernando Veríssimo
- 2 – A Casa dos Espíritos, Isabel Allende
- 3 – A Voz Submersa, Salim Miguel
- 4 – A Metamorfose, de Kafka
- 5 – Os Melhores Contos, Moacyr Scliar

Não ficção

- 1 – Cartas de Yage, Willians Bourroughs para Allen Ginsberg
- 2 – A Dupla Face da Corrupção, J. Carlos Assis
- 3 – Walden, Henry D. Thoreau
- 4 – Condição da Mulher, Marta Suplicy
- 5 – Repressão Sexual, Marilena Chauí

A lista local foi preparada com informações das livrarias Globo e Sulina. A nacional e as internacionais, com dados fornecidos pelas agências de notícias. Os números entre parênteses significam, primeiro, a colocação do livro na lista do mês anterior; depois, quantos meses consecutivos ele aparece na lista.

GLOBAL

Salim Miguel é autor, entre outros livros, de *Velhice e Outros Contos*, *O Primeiro Gosto* e *A Morte do Tenente e Outras Mortes*, todos bem recebidos pela crítica. Mais recentemente, ele lançou *A Voz Submersa*, romance que, a par das experimentações formais, compõe um painel da repressão que se instaurou no Brasil a partir, principalmente, da década de 70. Mas porquanto situe as personagens desse romance nessa época de obscurantismo, Salim Miguel, em nenhum momento, negligencia o texto e, muito menos, a estrutura do romance. // *Os Melhores Poemas de Cecília Meirelles* é o 9º volume desta coleção que já publicou, entre outros poetas, Carlos Pena Filho, Manuel Bandeira e Lêdo Ivo. A seleção de poemas que enfeixam este volume coube à Maria Fernanda, atriz e filha dessa poetisa que dispensa maiores apresentações. // Com prefácio de José Carlos Garbuglio, já se encontra nas livrarias o 13º livro de Ricardos Ramos. Trata-se de *O Sobrevivente*, reunião de contos que, segundo Garbuglio, "é uma forma de resistir às investidas da estupidez que ameaça o homem no universo da automação e de resgate de uma dimensão perdida". // Ary Quintella foi o responsável pela seleção de textos de Marques Rebelo que integram o volume *Os Melhores Contos de Marques Rebelo*, o 4º desta coleção.

SUGESTÕES do editor. **ZH Cultura**. Porto Alegre. 1 nov. de 1984. Segundo caderno p.5

Sugestões do editor

Ficção

- 1 – **A Chave de Vidro**, Rachell Hammett
- 2 – **Voz Submersa**, Salim Miguel
- 3 – **O Quarto Protocolo**, Frederick Forsyth
- 4 – **Manilha de Espadas**, Sérgio Faraco
- 5 – **Tantubá**, Luiz P. Cardoso

Não Ficção

- 1 – **As Portas da Percepção**, Aldous Huxley
- 2 – **Mensageiros das Fúrias**, Janer Cristaldo
- 3 – **Estado e Oposição no Brasil**, Maria Helena Moreira Alves
- 4 – **Diário de Guerra**, Jean-Paul Sartre
- 5 – **Vida, Paixão e Morte de Corisco, o Diabo Loiro**, Paulo Gil Soares

Sob o domínio do tempo

■ A VOZ SUBMERSA - De Salim Miguel. Global Editora. 199 páginas, Cr\$ 7.300

Na tarde do dia 28 de março de 1968, no Rio de Janeiro, tropas militares que tentavam fazer evacuar um grupo de estudantes reunidos em local universitário



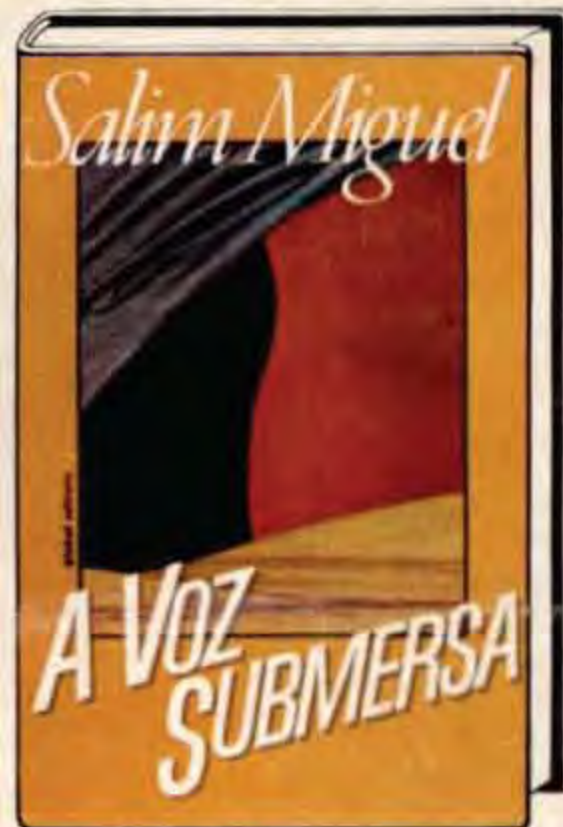
Salim Miguel: com técnica soberba, um painel sobre 1968 e arredores

acabaram ferindo mortalmente o estudante secundarista Édson Luís. Chegava a seu clímax a crise do Calabouço, um dos restaurantes universitários mais atingidos pela primeira etapa da reforma universitária, que, na administração Tarso Dutra do MEC, sob orientação americana, pretendia reduzir os custos da universidade.

É a partir dessa situação que o escritor catarinense Salim Miguel desenvolve seu novo romance, *A Voz Submersa*. Contista nacionalmente reconhecido, Salim excursionara pelo gênero romanesco apenas uma única vez, em 1955, com *Rede*, abordando a sobrevivência de uma colônia de pescadores na ilha do Desterro. Aos 60 anos de idade, retornando à narrativa longa, ele volta dono de uma técnica soberba, que lhe permite aprofundar de maneira radical um elemento ficcional que sempre o fascinou: o tempo e seus reencontros e desencontros na mente das personagens e na psicologia de suas figuras.

A Voz Submersa a que alude o título refere-se a Dulce, nascida em Santa Catarina, cujo pai sofre um baque eco-

nômico nos anos 30, vindo posteriormente a falecer. Em certo momento, transferida para o Rio, Dulce conhece Sílvio, filho de uma decadente família de plantadores de cana-de-açúcar de Campos, com quem se casa. Acossada pela gradativa fragmentação de sua personalidade, ante a contradição vivida a partir do envolvimento do marido com as trapaças financeiras da época, desde o jogo bruto da bolsa de valores até as negociações que contam com a oficialidade do regime militar ainda antes do AI-5, Dulce sente-se pressionada pelos dois filhos pequenos, pelas três cunhadas, pela prima nova-rica Nelinha, pelas empregadas etc. É junto à mãe, com quem entabola longas conversações, que ela tenta



encontrar sua reintegração, e é a partir desse diálogo monologado que o autor tenta reconstituí-la para o leitor.

Uma conversa ao telefone ocupa metade das páginas do livro. É conversa fragmentada, na qual o narrador raramente interfere. Montada dramaticamente, as demais figuras mencionadas na narrativa interferem com suas próprias vozes para expor, cinematograficamente, o drama de Dulce. Na segunda parte, o narrador dá a palavra às demais personagens, permitindo assim que as diferentes primeiras pessoas as completem, ou melhor, sugiram o retrato de Dulce. Por fim, ele próprio, narrador, interfere de maneira direta para concluir aquilo que já intuimos: por mais que queiramos dizer algo de alguém, os vários esboços servem apenas para nos confundir mais ainda. Com tal técnica, Salim Miguel, a partir da figura individual, realiza extenso painel sobre a época, ao mesmo tempo que aprofunda, nas páginas finais, a indagação sobre o poder do artista em relação à criatura, a partir de uma epígrafe de Marques Rebelo.

Antônio Hohlfeldt ▲

Vol. 261: A Voz Submersa, de Salim Miguel, romance, Global Editora, Coleção Múltipla, 200 pags. Segundo o prefaciador — Edda Arzúa Ferreira — “A Voz Submersa é, antes de tudo um romance que faz a radiografia da sociedade brasileira a partir de 1968 — particularmente da classe média em ascensão”. O livro recria episódios e acontecimentos, situações que ainda hoje estão vivos na nossa memória, como coisa presente e atual. Como todo grande romance, este faz ou traça uma linha de decadência de pessoas, seres angustiantes, doentes, num mundo de degradação e de confusão, num mundo caótico. Romance tenso, de narrativa muito equilibrada e segura, mostrando que Salim Miguel é hoje um dos nossos melhores autores, quer na área do conto, onde nos tem dado algumas obras-primas, como no romance, especialmente na narrativa de grande fôlego, como esta que resenhamos, que não é pra todo pé-rapado o escrever um livro destes; só pra cabra que tem fôlego e munheca, quengo também, senão cansa o camaradinho logo nas primeiras chapuletadas. O que não é o caso deste A Voz Submersa, livro denso e tenso, escrito por quem sabe o que é fazer arte, ser romancista. O leitor precisa tomar cuidado com a leitura para não sair demasiado angustiado e tenso, que a narrativa é fortíssima. Linguagem inovadora. Romance acabado, sim senhor!

Salim Miguel, escritor brasileiro

Nas livrarias de todo o País o livro **A VOZ SUBMERSA**, de Salim Miguel. O lançamento é da Global Editora, em sua coleção Multipla, dirigida pela escritora Edla van Steen.

Salim Miguel é jornalista e escritor. Em Santa Catarina, sua terra, onde nasceu em 1924, participou ativamente do movimento cultural do conhecido Grupo Sul, cuja animação artística ia do teatro até as artes plásticas, cinema, editoração e literatura. Sem abandonar o jornalismo, colaborou na Enciclopédia Delta-Larrousse escrevendo verbetes sobre escritores brasileiros. Lancou, entre 1976 e 1980, juntamente com Cicero Sandroni, Eglê Malheiros Fausto Cunha e Laura Sandroni, a revista **Ficção**. Escreveu no suplemento **Livro do Jornal do Brasil** artigos de crítica sobre ficção hispano-americana e brasileira. Sem parar um minuto no corre-corre da criação, Salim Miguel adaptou, com Eglê Malheiros e Marcos Farias, para o cinema, **A Cartomante: Fogo Morto**, conto de Machado de Assis. Trabalhou no **Jornal da Semana**, na EBN, e na Assessoria de Comunicação da Universidade Federal de Santa Catarina.

Atualmente é diretor-executivo da Editora da UFSC e assina a coluna **livros no Jornal O Estado**, de Santa Catarina. Aqui, uma entrevista com o escritor e jornalista Salim Miguel, onde ele fala de seu livro, de sua experiência, de sua vida. **Vamos Ler — Como vê o autor brasileiro hoje em relação com seu úblico leitor?**

SALIM MIGUEL — Vejo o autor brasileiro lutando para sobreviver, da mesma forma que o público leitor. Quanto ao inter-relacionamento, há, sem dúvida, necessidade de se buscar instrumentos que aproximem autor/leitor. Mas este é um processo que depende do esforço do País com um todo. Lógico que não se pode querer (num País em crise aguda e onde o gosto pela leitura inexiste, com outros meios de comunicação mais fáceis e superficiais avançando) que camadas amplas do povo se interessem pelo livro que, se é fascinante como proposta, exige maior participação. Mas: costume dizer que a não ser uma pequena faixa de fanáticos que sacrificia outros itens em favor do livro, entre escolher o chamado "pão-do-espirito" e o "pão-do-corpo", a maioria fica com este último quando lhe é possível optar. Sem falar nos que tudo podem comprar, mas não se lembram nunca dos livros.

Vamos Ler — Agora, como escritor e sendo ao mesmo tempo crítico de literatura, o que acha de estar do outro lado?

SALIM MIGUEL — Nunca me considerei "do outro lado". Na verdade, bem ou mal, em mim sempre procuraram coexistir o possível criador e o possível crítico. Se bem que, a meu ver, entre nós a crítica literária seja um animal em extinção. Veja, não se pode fazer crítica e engavetar, como se faz com a ficção ou a poesia. A crítica é para já como as eleições diretas para Presidente.



"Se algumas editoras insistem em publicar o lixo das linhas-de-montagem e os best-sellers estrangeiros, outras dão força ao autor nacional"

Então, o que hoje temos, é mais a resenha, que procura situar sucintamente obra e autor, dentro de limitados espaços. Os órgãos de comunicação, também afetados pela crise, se fecham cada vez mais para a área de cultura, que não oferece retorno imediato. Além da resenha, temos é o ensaio universitário, muitas vezes esotérico, feito "de entendidos para entendidos".

Vamos Ler — Muita gente tem achado que a crítica literária é pouco original. O que você acha?

SALIM MIGUEL — Em parte a pergunta já foi respondida no item anterior quando eu digo que a crítica literária entre nós (será só entre nós) praticamente deixou de existir, substituída pela resenha. Uma primeira observação é que a crítica não sendo um trabalho de criação necessita de um embasamento teórico. Para exatamente poder melhor atuar e analisar a obra de criação. Mas aceitando-se a formulação de "muita gente" (só para um exercício de raciocínio) ter-se-ia que chegar a uma conclusão mais ou menos óbvia: se a crítica é pouco original, a criação também será pouco original? Não sei. E uma colocação arriscada. Não me parece que assim seja. E veja aonde a manipulação das palavras pode nos levar.

Vamos Ler — De onde vem o seu gosto pela literatura? Há quanto tempo você se dedica à tarefa de escrever?

SALIM MIGUEL — Ao que me lembre, desde sempre me interessei por literatura. Será por que meus pais, libaneses, liam bastante, discutiam conosco, tendo meu pai sido professor em sua terra e minha mãe estudado inclusive inglês e russo? Ou por que, no interior de Santa Catarina, onde me criei, eu vivia ouvindo/reinventando cau-

sos, que me emocionavam e apavoravam, num jogo lúdico que persiste até hoje? De qualquer forma, ainda em Biguaçu, devorei todas as bibliotecas que encontrei, juntava tostões para comprar livros, lia e relia até os anúncios de jornal quando nada mais existia. Aos 13/14 anos, influenciado pelos Tarzans e Buridans da vida, escrevi uma rocambolesca aventura desenrolada numa África-Europa biguaçuense. Feliz (ou infelizmente) o cabuloso original se perdeu. Mas foi em Florianópolis, aos 19/20 anos, que começaram a aparecer os primeiros escritos, junto com trabalhos de outros jovens, desembocando a seguir no chamado Grupo Sul, que mexeu com as envelhecidas estruturas da terrinha. Quanto ao "dedicar-me à tarefa de escrever", não creio ter feito outra coisa na vida. Digo escrever em seu sentido mais amplo, pois tenho sobrevivido da profissão de jornalista. Ou então de profissões correlatas, diretamente ligadas ao livro e à escrita.

Vamos Ler — Em sua opinião a linguagem literária deve ser acessível?

SALIM MIGUEL — Em primeiro lugar a linguagem literária deve ser autêntica, refletir o escritor, sua maneira de ser, de sentir, de captar, suas preocupações, sabendo transmitir com inteligência sua visão de mundo. Quanto ao acessível, sem querer fazer qualquer espécie de jogo, eu diria que é uma palavra difícil. Acessível como, em que sentido? Se por "acessível" quer-se dizer simplificação e empobrecimento do texto, não creio.

Pois a vida nunca é simples ou simplificada. Ela é profunda e complexa. Por outro lado, quem escreve quer se comunicar, quer dar seu recado. E pre-

cisa dá-lo de modo coerente e compreensível. Então, o melhor é procurar realizar-se sendo fiel à sua maneira de ser, através de formas e fórmulas que levem em consideração a necessidade de expressão e a necessidade de se atingir o público. Mas existe outro componente que merece ser considerado: há temas e temas, e uns podem ser tratados com mais acessibilidade; outros não. Alcançar o tom exato depende da sensibilidade e da capacidade de cada um:

Vamos Ler — Você acredita que as editoras estão dando mais valor para a ficção brasileira?

SALIM MIGUEL — Parece-me que sim. Se algumas editoras insistem em publicar mais o lixo das linhas-de-montagem e os best-sellers estrangeiros, que já nos chegam pagos lá fora e com uma carga promocional enorme, outras dão força ao autor nacional, valorizando-o e valorizando-se. Veja bem que não sou contra o livro estrangeiro. Nem poderia. Temos que conhecer o que de melhor se produz em todas as regiões e em todas as esferas do saber. Inclusive para que possamos ter um parâmetro de valoração e não nos ilharmos xenofobicamente. Mas se as editoras não derem uma força ao autor nacional (e não me refiro estritamente a área de ficção, mas a todas de uma maneira geral) estagnaremos. E é também da quantidade que acaba por surgir a qualidade.

Vamos Ler — Como é seu livro A VOZ SUBMERSA?

SALIM MIGUEL — Rio, março, 1968. Involuntariamente, uma mulher se vê envolvida nas manifestações de protesto contra o assassinato de um estudante no Calabouço. Por entre a multidão, na Cinelândia, ela

tenta escapar do tumulto. Eis o elixo acionador da trama, que se desdobra em três blocos, o segundo com sete subdivisões. No primeiro, num longo telefonema, espécie de diálogo/monólogo, a personagem tenta contar à mãe o que foram aquelas horas de horror e de angústia, tenta apreender seu mundo interior. Não consegue. Há um bloqueio, uma voz submersa que não vêm à tona. Então, num jorro incoerente e tumultuado, ela fala de tudo, desordenadamente, avança e recua no tempo e no espaço, refere-se à infância em Florianópolis e Biguaçu, à vida no Rio, à família do marido originária de Campos. Ai temos, ao mesmo tempo, um relato angustiante e tenso, fátuo e dramático, fundindo o real e o imaginário, que busca ao mesmo tempo retratar aquela mulher e as quimeras da classe média, conforme acentua no prefácio a professora e ensaísta Edda Arzuza Ferrelira. Para o segundo bloco, o melhor exemplo que posso dar é: concluída a construção de uma casa, num olhar de avaliação vemos que existem minúcias para arrematar, coisas que não foram devidamente resolvidas. Foi isto que busquei, intencionalmente. Deixar na sombra e em recônditos desvãos algo da personalidade desta mulher e da trama que compõe a estrutura narrativa. Nos sete sub-blocos, então, tentei respeitar uma lógica interior, iluminando assim certos aspectos da trama, toda ela centrada na personagem principal. Gostaria de chamar a atenção para o fato de que tais sub-blocos não são arbitrários, há uma coerência intrínseca a comandar tudo, pois neles só temos situações e/ou personagens que interferem direta e basicamente na vida da personagem central. Enfim, no último bloco é o próprio autor, sob certos aspectos vencido, que se debruça sobre sua criação, dirigindo-se a ela e com ela querendo dialogar e lhe dizendo que muito embora todo o esforço dispendido, ela lhe escapa, não tendo ele conseguido transmitir a complexidade de vida que emana e explode daquele ser humano, personalidade deformada que vê deformado o mundo que a cerca.

Vamos Ler — Você vê saída para a classe média brasileira?

SALIM MIGUEL — Que classe média? Isto ainda existe? Aceitando-se que ela não foi de todo tragada, (parte infinitesimal chegando até a classe dita alta, é a grande maioria achatada), a saída não me parece só para este resíduo de classe média. A saída tem que vir para o País como um todo, principalmente para aqueles que sempre estiveram marginalizados e que são hoje a grande maioria do povo brasileiro. Sem profundas transformações estruturais, em tudo que aí está, não vejo saída nenhuma para ninguém. A crise que nos assola, e que vem se ampliando a cada ano, a cada mês, a cada semana, tem componentes dramáticos que merecem análise mais acurada; e para sairmos dela só com a participação efetiva de toda a Nação.

COUTINHO, Edilberto. Febre amorosa, romance corajoso e estória sem rei. **F&F**. [S.l.], 3 dez. de 1984. p.23.

LIVROS

Edilberto Coutinho

Febre amorosa, romance corajoso e estória sem rei

- *A Voz Submersa*, de Salim Miguel, em lançamento da Editora Global. Uma radiografia da sociedade brasileira, a partir de 1968. Um romance corajoso, pela temática e pelo estilo. Salim Miguel sabe criar densas atmosferas humanas, com a intensa "consciência criadora" que lhe reconhece o crítico Antônio Hohlfeldt.
- *Sete Estórias Sem Rei*, de Mário Souto Maior, em lançamento das Edições Grumete, do Recife. A ficção de Souto Maior, conforme acentua José César Borba, reflete sempre uma experiência que "comove e ilustra".
- *A Febre Amorosa*, de Eustáquio Gomes, é o novo título da coleção *Tirando de Letra* (da EMW Editores). O autor qualifica esta ficção como "um folhetim erótico e hilariante". Apresenta, entre outros personagens surpreendentes, um precursor do movimento *hippie* em pleno Segundo Império brasileiro.
- *Concurso da Editorial Caminho*, de Lisboa, aberto para brasileiros. Duas modalidades: ficção científica e história policial (romances ou coletâneas de contos). Três vias, mínimo de 160 páginas. Inscrições abertas até 31 de março próximo: Editorial Caminho, Alameda Santo Antônio dos Capuchos, 6 "B" Lisboa 1.100, Portugal.
- Em *Moreno Como Vocês* (Editora Record), Sônia Nolasco Ferreira conta histórias de personagens perdidos no sonho do consumismo. Em Nova Iorque (onde a autora vive) ou no Rio, a procura de saídas lúdicas que sejam também lúcidas. Uma barra.

À beira da ruptura

A voz submersa, de Salim Miguel. Global Editora; 198 páginas, Cr\$ 9 mil 600.

COM **A voz submersa**, seu sexto livro de ficção, Salim Miguel reescreve o romance, tantas vezes escrito, da inadaptação geracional — no caso o da geração que se fez adulta entre os 50 e os 60 — a um mundo cuja brusca aceleração deforma as almas e ameaça estilhaçá-las. Mas o faz trazendo algo substancial à safra literária de 1984, sobretudo pelo grande domínio das técnicas de narrar.

Construída ao longo de 30 anos, a obra de Salim Miguel não escapou a certos dilemas de época. Animador maior do Grupo Sul, que venceu a resistência de redutos tradicionalistas e impregnou de modernidade a atmosfera intelectual de Florianópolis, Salim, enquanto ficcionista, manteve-se durante muito tempo fiel às exigências básicas do realismo. Com este romance, porém, ele rompe de vez com as velhas amarras.

Dulce, figura central do livro, é uma criatura de sensibilidade meio adormecida, porém fadada a explodir ao impacto dos traumas. Um dia, em 1968, ela presencia a morte de um estudante nas ruas do Rio. A significação política do episódio escapa-lhe; porém, após anos de silêncio, desencadeia nela a necessidade da catarse. Dulce telefona à mãe, a fim de relatar-lhe o que acaba de presenciar; mas como um fato puxa outro, o telefonema só se completa uma centena de páginas depois.

Nesse monólogo interrompido apenas por pausas que fazem supor observações, conselhos e reprimendas no outro extremo da linha, Dulce ora infantiliza-se, ora cresce até assumir, ainda que passageiramente, a plenitude de sua personalidade. Chegar, porém, a algum porto, é algo acima de suas

forças. O romancista deixa-a pelo meio da viagem, a bracejar num oceano de confissões e memórias desconexas, com as quais o leitor reconstrói a sua existência feita de frustrações, espantos e terrores.

A inadaptação expressa no longo telefonema — um **tour de force** narrativo — não é, porém, privilégio de Dulce, cuja história começa com a falência do pai em Florianópolis, prossegue com o seu estupro quando adolescente e termina no Rio com o fracasso do seu casamento. Descendente é também a trajetória da família de Sílvio, o marido de Dulce, que despenha do aristocratismo canavieiro do norte fluminense para o anonimato pequeno-burguês do Rio de Janeiro. De todo o grupo, Sílvio é o único que tenta adaptar-se à nova situação, mas de maneira inepta e quase suicida, atirando-se à aventura perigosa da Bolsa de Valores. O pai vegeta e as irmãs refugiam-se no misticismo e nos preconceitos de uma ética superada.

Atingida por tantos conflitos, a mente de Dulce vai-se aos poucos desintegrando, e é à beira da ruptura que ela atravessa o romance. Ao seu drama, porém, subjaz o de uma geração e, por extensão, o de toda uma sociedade. Silenciadas pelas conveniências, permanecem submersas as outras vozes do círculo familiar da heroína; só na segunda parte do livro cada uma delas tem oportunidade de vir brevemente à tona, mas apenas para que os perfis se tornem nítidos e atitudes sejam melhor esclarecidas.

A voz submersa é um romance de muitas vozes (algumas irônicas) e de muitas técnicas no processo de construção. A sua complexidade, porém, não obscurece. Nada nele é conclusivo, mas tudo nele é inteligente.

MÁRIO PONTES

BREVES CONSIDERAÇÕES ACERCA DE "A VOZ SUBMERSA"

Sinceramente cremos que uma obra poliedricamente receptora e positiva como "*A Voz Submersa*", com transparências e insinuações de uma original dimensão imaginária, suscita um interesse polémico que pode transformar-se num quebra-cabeças para os críticos tradicionais e os estilógrafos de excepção, posto que para além dos visíveis valores estéticos e humanos, há nas páginas deste novo livro de Salim Miguel — um livro original, preciso, sem repetições nem anfibologias, que nos antolha denominar de ensaio romanceado — profundidades abissais de ampla psicologia e realismo lírico.

Rejeitando a trama tradicional ou canónica da narração, coisa que ensaiara já com comprovada solvência artística nos seus dois últimos livros de contos, o autor brinda-nos uma radiografia psicológico-social de uma sociedade altamente traumatizada. **Vivemos na selva**, desabafa Dulce, a protagonista. Numa selva em que os depredadores e as vítimas pertencem ao mesmo género e o sistema de rigor é altamente predatório. Salim Miguel renova a velha comédia humana com um transplante veraz, autenticado, altitudes e âmbitos que lhe são próprios. A

mensagem, história, discurso ou como queiramos chamar, posta na boca de Dulce, é uma história monologada que pressupõe o arquétipo da mulher burguesa em ascensões e retrocessos, contraditória, irreverente, carecente de objectivos, mas já algo liberado dos velhos tabus. Dulce sabe que está dentro da própria realidade, que é sua circunstância, mas afasta-se dela como mulher volúvel. Por seu estrato social contraditável com a posição económica desfrutada, Dulce não concita como tal a simpatia do leitor acostumado aos canones da heroína romanesca, mas tamizada à sua personalidade pelo tamiz literário do seu criador, acompanhamo-la através da narração (seu narrar em primeira pessoa, seu monólogo discursivo e seu monólogo interior, silencioso, insinuante) com sumo interesse e até mesmo com um entusiasmo imprevisível. Liberal, moderna, neurótica, não possui uma consciência definida de classe social, mas sente os desgarrões de corpo e mente produzidos pelas recordações da adolescência e de cenas truncadas do seu itinerário de mulher de um trepador: o pai morto na cama ao lado da mãe viva, o estudante assassinado, a polícia, os cavalos, correrias nas ruas,

genéricas, em Florianópolis, no Rio de Janeiro, despojada(nua) e o medo, medo que arranca da sua infância de menina pobre.

Como argumento romanesco o mundinho de Dulce não daria para muito nas mãos de outro autor menos talentoso e insuficientemente consubstanciado com o tema. Salim Miguel, profundo conhecedor da tematologia social da sociedade descrita e excelente estilista, suaviza o drama arrastado através de prolongados solilóquios que pretendem saltar a um diálogo real ou imaginário, com hálitos de lirismo. Para contar o que nos conta: a vida de uma mulher com desbordados sintomas de alienação mental que lhe agudizam as fibras íntimas e lucidam o intelecto que lhe permite criar um mundo de evasão ou contenção, dentro de um mundo hiante, agressivo, fantasioso, sofisticado, Salim Miguel serve-se de algumas particularidades idiomáticas já evidenciadas em livros anteriores, mas a frase curta é absorvida por orações coordenadas e densas, ora céleres, ora remansosas. Estas particularidades estilísticas que possibilitam um solilóquio contínuo, que o captam e reproduzem, são elevadas da súmula ao **summum**.

Para definir ou integrar "*A Voz Submersa*" em determinado género literário, teríamos de atualizar velhas teorias acerca da morte do romance, aceitar ou rejeitar a opinião de pensadores como Ortega y Gasset, críticos como T.S. Eliot, entre outros. O apogeu do romance, digam o que digam por este ou aquele motivo, não culminou em Flaubert, que sublimou o género, nem Joyce que sim o desprestigiou com essa coisa híbrida e indefinida que se intitula "*Ulisses*". Quanto a nós, não diremos que o Livro de Salim Miguel é um romance, como tampouco diremos que o não é. Já dizemos neste mesmo arraçoado que o consideramos um ensaio romanceado, uma original e valiosa maneira de escrever ficção. O resto é silêncio.

Como está concebida, "*A Voz Submersa*" não podia ser uma visão macroscópica de preceitos e consignas político-sociais. O autor não pinta a sociedade em seu conjunto (coisa praticamente impossível), mas analisa-a de vários ângulos e perspectivas coincidentes com o foco pretendido, como se quisesse meter-se na pele do protagonista e afirmar parafraseando Flaubert: **Madame Dulce sou eu!** Não encontramos o chamado primeiro plano, tão em voga na novelística moderna, no livro de Salim Miguel. Ao contrário, notamos certo linhamento conceptual e estilístico, somente fugazmente interrompido pelos três últimos capítulos, uma espécie de apêndice ilustrativo do que, como se dizia antes, ficava no tinteiro. Por

outras palavras: uma obra realizada com seus toques definitivos.

Escrever sobre o que se conhece ou se sabe, é sempre o melhor que pode suceder a um escritor. Concedor da diologia do ambiente descrito, reproduz a vida deslustrada, entontecida de uma mulher duplamente traumatizada na ante-sala da loucura, pela herança de uma infância provinciana empobrecida, com um fantasma ao fundo: o espectro hamletiano do pai, e a neurose contraída nos vaivéns de uma existência valetudinária.

A técnica usada por Salim Miguel neste seu último livro é de corte moderno, diferencial e memorial. Existem temas, mais felizes e oportunos que outros, mas não são tanto os temas como a maneira de abordá-los, que categoriza um livro. O enclítico que podemos ver no exprimir-se de uma heroína de Eça ou Camilo, v.g., é ignorado por Dulce. O seu linguajar fluído, é próprio de determinada zona geográfica, o que dá ensejo à eclosão do clímax que envolve os personagens do romance. Difícil será, imaginamos, pôr nos lábios de Dulce outro idioma com as suas equivalências lineais, como difícil tem sido para os tradutores a transplantação idiomática do mundo joyceano. "*A Voz Submersa*" é, reiteramos, uma obra de trama moderna, sem concessões a qualquer escolástica, fiel a si mesma, ao seu conteúdo estético e humano, servida por um realismo lírico.

Dulce, como também os restantes personagens, é produto do caldo de cultivo de uma sociedade de consumo, fantasiosa, sofisticada. Há no romance em questão cenas retrospectivas, memoráveis — o estudante morto cuja sombra assume projecções alegóricas, o pai descredido moralmente e morto, a obsessão onírica em que se a vê correr nua perseguida por seu Doca —, que se prestam as múltiplas interpretações. Já virá, se não veio ainda, um crítico psicoanalista que desarme Dulce, peça por peça, e diga coisas engenhosas; também virá o filólogo a escavar em certos modismos e giros idiomáticos, sopesará, analisará as palavras reais e as fictícias; e o realista, catador de realidades; e o metafísico exumador de essências. Na obra haverá material de análise para todos.

Acabaste de falar ao telefone, Dulce — diz o autor. Falar ao telefone, que não telefonar: esvaziar-se, despojar-se de uma carga emocional, cujo receptor indicado e natural é a mãe. Com a sua intervenção epilógica, Salim Miguel concita a simpatia do leitor para Dulce. E amando-a, cerramos "*A Voz Submersa*", dizendo com o autor: **Mas se te deixo, não te abandono.**

Antônio Simões Júnior
ficcionista e crítico português residente na Argentina

SALIM MIGUEL

A VOZ SUBMERSA

Global Editora, São Paulo / 1984

Nas linhas finais deste livro, Salim Miguel faz menção de uma data, o ano de 1968. Para o leitor atento do romance esta indicação assume um valor meramente referencial, ponto-origem de um universo de vivências e ocorrências, que são presente, passado e que subliminarmente também se estendem adiante do tempo, universo que se cria e se expande do interior da personagem Dulce. 1968 é um ano crucial da história brasileira, como é também um momento crucial da mente da personagem, em meio a outros momentos cruciais anteriores, como um conjunto de redemoinhos pressionando as águas para determinados centros, diversificados mas encaixados entre si.

Entenda-se que não há, no livro, narrativas de factos históricos, *realmente* acontecidos na data em questão, ou antes dela, a não ser o assassinato pela polícia de um estudante nas ruas do Rio de Janeiro. Populares conduzem o corpo do jovem, entre gritos de indignação e revolta. A cena é presenciada por Dulce, *re-presentada* por Dulce, num processo de associações ligadas a momentos de sua experiência humana e que cristalizam o cerne do romance. Na verdade, com essa rede de livres associações psicológicas, Salim Miguel estrutura o espaço interior, dentro do seu tempo próprio, da personagem Dulce, complexo, caótico, todo ele insegurança e neurose, a envolver e projectar acontecimentos e personagens de sua vivência no tempo e espaço exteriores, que giram em torno de Dulce como satélites, exercendo as suas diversificadas e recíprocas influências.

Um «quase monólogo» define e dá consistência, na primeira parte do livro, a

esse espaço interior. Longo desabafo pelo telefone de Dulce com sua mãe, nele se desencadeia a liberação da memória, consciente e subconsciente, quando então se levanta todo o universo da personagem, suas obsessões e angústias, na fusão de presente e passado, realidade e imaginação. Nele vão nascendo e se afirmando os demais personagens do romance, que são os personagens de Dulce, «o-bom-do-papai», a mãe, o marido Sílvio, aquelas pestes das cunhadas, «os queridos diabinhos» que são os filhos, os sogros, etc. Ali estão a infância em Biguaçu, a juventude em Florianópolis e a vida de casada no Rio de Janeiro. E ali está, subjacente e reflectido na existência e na acção de cada figura, um painel conturbado da sociedade brasileira dos últimos trinta ou quarenta anos, configurado no rosário de tensões e crises socio-económicas e políticas ainda hoje pendentes e ali simbolizados pela desestruturação de valores e pela perda de objectivos de uma classe média que, sem dúvida, sofreu a cutilada mais desnorteante e devastadora nesse âmbito de aceleradas (e celeradas) transformações institucionais.

Com a habitual segurança e maturidade literárias, já provadas nos contos de sua fase mais recente, Salim Miguel constrói um romance denso e forte, no qual a linguagem flui viva e precisa, envolvendo e instigando a inteligência do leitor na labiríntica trajectória psicológica e existencial de suas criaturas. Se há uma verdade dominante em extensão e que parece emanar de Dulce, relacionada aos acontecimentos e principais figurantes da trama, têm estes últimos também a sua oportunidade para uma versão particular dos factos, relacionada a eles próprios e a Dulce. Depoimentos, monólogos, fixação de instantes reveladores arrematam e equilibram o discurso narrativo, nas duas partes finais do livro, quando surpreendentemente o próprio Autor intervém no universo da sua criação.

A partir de dois dados reais, bastante vagos no contexto, o assassinato de um estudante no Rio de Janeiro e o ano de 1968, Salim Miguel em *A Voz Submersa* oferece uma lúcida e crítica compreensão do Brasil contemporâneo, utilizando-se com maestria de recursos estritamente ficcionais. E o leitor acaba por sentir, ao término da leitura, que o que realmente conta e cresce sob o peso de sua intrínseca importância é o que está submerso nas palavras, sentimentos e gestos de cada personagem e se dimensiona para além do factual da pura narrativa.

Silveira de Souza

Um autor procura dar voz à sua personagem fugidia

Salim Miguel. A VOZ SUBMERSA. Romance. Global Editora. 198 pg. Cr\$ 9.600.

Salim Miguel, contista competente e respeitado, não é de hoje, nos confirma a sua total seriedade de escritor neste romance em que a linguagem é fortemente trabalhada, num estilo por vezes nervoso, sínco-pado, sufocante, sobretudo quando se trata de trazer até nós a alma cambiante da protagonista. A partir de um fato de implicação política — o assassinato do modesto estudante Edson Luís junto do restaurante do Calabouço, no início de 1968, e que gerou comoção no Rio e provocou largo movimento de protesto — a ação se desata. Mas ela se desencadeia tão só no interior da personagem principal. Esboça-se aí, paralelamente, o quadro da situação política originária de 1964, no qual se envolve boa parte da burguesia, já se vislumbrando então o "milagre econômico" que viria a ensejar favoritismos e a despertar cobiças.

Dulce, aquela personagem, é uma constante incógnita, mulher dissimuladora, a revelar dependência neurótica em relação à mãe, com quem mantém demorados diálogos ao telefone, mais longos e reveladores que os sustentados com seu psicanalista. Através de freqüentes evocações e do recurso ao flash-back, habilmente se estabelece o eixo Rio-Florianópolis, de onde Dulce se origina. Marcada por traumas, imaginando-se perseguida, em busca permanente da própria identidade, Dulce naturalmente abafa as demais personagens, embora não faltem outras, patéticas, como aquele seu quase incógnito sogro, usineiro arruinado a sonhar com antigos canaviais de Campos.

Tendo como pano de fundo o painel político, muito tênue, esfumado e só ligeiramente referido, Salim Miguel traça, por tabela, um perfil da burguesia engolfada na mesquinhez, no cotidiano desprovido de alegria, no trivial neurotizado, no relacionamento familiar atritante, com invejas e críticas mútuas, tudo dentro de



uma visão em circuito fechado, num jogo obscuro e sem grandeza.

O romance termina com o autor tentando dramaticamente "dialogar" com a protagonista, a qual parece fugir ao seu controle, criatura também infiel ao criador, e já agora com vida própria, indiferente aos acenos da compaixão, embora profundamente sofredora. Aí está um enfoque original deste escritor empenhado em não copiar ninguém e disposto a não repetir a si mesmo. Mas não seria este também um recurso revelador de certa frustração, certo truncamento, como que intersecção numa obra inacabada, a lembrar esses filmes que além de nos negar um final feliz ainda por cima terminam sem nenhuma definição? (lembremos que o autor é experimentado roteirista de cinema). Seja como for, Dulce, essa voz distorcida e submersa, é personagem tocante, pungente, embora pudéssemos igualmente pedir-lhe que não fosse tão doentia, a enfeixar em si tantos e tantos males da alma, circunstância que dá à sua história uma conotação de psicologismo ou psiquiatrismo algo excessivo.

ALOISIO G. BRANCO

A Voz Submersa

A gente se ilude pensando que o tempo passa, quando na verdade o tempo é margem, nós é que por ele passamos — advertia Antoine Rivarol. E vemos a margem mover-se tanto para trás como para frente, como se ansiássemos abarcar de um só golpe de vista toda a variegada orla, às vezes acolhedora, outras ásperas, que nos balizam a caminhada. De fato, em qualquer instante, somos o somatório de todas as experiências vividas, resultando o presente na síntese de todo o passado. É o que sabe demonstrar o escritor Salim Miguel em sua admirável ficção, em que o tempo desempenha papel saliente.

Em "A Voz Submersa", recém lançado romance, SM aprimora a técnica alquímica de fundir num único tempo os tempos que marcaram a sensibilidade das personagens. A própria trama novelesca se baseia na fusão temporal, que implica na simultaneidade dos fatos e, de pessoa a pessoa, no desdobramento destes em versões contraditórias. São essas mesmas interpretações que, na vida, compõem o que chamamos de realidade, coisa não absoluta, que assume o feitio e a cor do modo de ver de cada um. Este o filão que o autor busca e explora com talento e agúcia, misturando o essencial da



Salim Miguel e sua obra mais recente

narrativa a minudências frívolas do dia-a-dia, para dar-lhe o tempero da verdade.

Não se pense, porém, que se trata de uma leitura fácil, correntia, que isente de esforço mental o leitor, tão ao gosto do grande público, ávido pelas intrigas do entrecho e inapetente ao que pode haver de efetivamente significativo na obra ficcional. Percebe-se até o desinteresse do novelista em cortejar o leitor, em

aliciá-lo oferecendo um prato feito que pouco lhe exija das meninges. Seu texto reclama do leitor mais do que a mera disposição para recrear o espírito. Nisto SM se aproxima de Virgínia Woolf, que parecia não ter a mínima preocupação com o leitor, um sujeito estranho para ela, a quem não fazia a menor concessão, a quem não facilitava a tarefa que afinal era ela que lhe impunha. Aproxima-se, apenas, pois SM condescende com o leitor, mas não muito. Com honesta

Arquivo

clareza, fornece-lhe todos os dados, não procura deliberadamente confundí-lo, contudo põem-lhe no caminho uns obstáculos que o compelem a participar da narrativa.

Sem inventar palavras, SM lembra Guimarães Rosa no desenho da frase, no efeito final do estilo, na desenvoltura do manejo e da composição dos vocábulos, que se soltam e aglutinam, formam parcerias surpreendentes e, sem excessos desvernacularizantes, constroem orações sobre orações, copiosa mas ordenadamente, realizando o propósito de bem expressar o real.

Graham Greene, em "Dr. Fischer", escreve: "Por favor, não vamos mais falar nesse sonho. É como quando você encontra o fim de um fio de lã num suéter. Você puxa e começa a desmanchar o suéter todo." Dulce, de "A Voz Submersa", puxa o fio das lembranças na tentativa de restaurar a sua personalidade fracionada pela intermitência da insanidade, no intuito de sobreviver pelas palavras, num permanente monólogo interior que lhe recomponha a auto-imagem desfigurada pelos fatos e pelas interpretações suas e alheias. Monólogo que procura exprimir uma voz interior que mal consegue distinguir, cujo sentido quase sempre lhe escapa, submersa no caos subconsciente.

Almiro Caldeira



Uma descida aos infernos

Rio, março, 1968. Restaurante do Calabouço. O estudante Edson Luís de Lima Souto é assassinado pela repressão do regime que, quatro anos antes, fora imposto ao país por um golpe militar. Nove meses depois desse assassinato, é decretado o AI-5, que vigora por dez anos — e a ditadura se torna ainda mais brutal. O Brasil vive, então, uma das épocas mais tristes e obscurantistas de sua história.

O que abre esse romance é a morte no Calabouço. Dulce, personagem principal, encontra-se no centro do Rio e, quando menos percebe, é atingida, tomada pelo acontecimento. O corpo de Edson Luís é levado para a Cinelândia por uma multidão indignada e colocado na escadaria da Câmara Municipal. Utilizando um texto ágil, seco, instantâneo, como uma sequência de Flashes dramáticos, Salim Miguel mostra o movimento da massa humana, que grita e protesta, rumo à Cinelândia, onde se concentra, para prosseguir em seu clamor — e, simultaneamente, o que se passa com Dulce, apavorada entre o que vivencia ali, naquele instante, e a lembrança de um pesadelo cujo cenário é Florianópolis. O real histórico do país e o onírico da criação ficcional se estilhaçam e se confundem. Aterrorizada, Dulce luta para fugir, busca a proteção da mãe. E começa a descer aos infernos.

Um dos pontos altos desse livro — e da pequena porém densa e vigorosa obra de ficção de Salim Miguel, 60 anos, quatro volumes de contos e dois romances, é sua linguagem literária, ora caracterizada por imagens rápidas, desconcertantes, quase hipnóticas, feito um caleidoscópio, ora direta, contundente. Uma linguagem, digamos, que tem muito de pictórico e de cinematográfico. O efeito é poderoso: a narrativa fica impregnada de vida, de elementos sensoriais. E nessa medida provoca, inquieta, chega a agredir o leitor. A primeira parte — a mais longa — de *A Voz Submersa* é quase toda narrada da perspectiva de Dulce e tem o título de "Tumentendes", fusão dos pronomes e verbo, que anuncia a fala torrencial, angustiada, caótica da personagem. Casada, dois filhos, Dulce mora no Rio e conversa por telefone diária e obsessivamente com a mãe, viúva, residente também na mesma cidade. Passa em revista sua infância e adolescência em Florianópolis — filha única e temporã, seus desejos, medos, alegrias, as pequenas misérias e choques familiares, o mundinho provinciano — de mistura com o ritmo atordoante e a solidão pavorosa que agora experimenta na metrópole. Por causa do marido ciumento demite-se do trabalho no banco. Submete-se a um tratamento analítico, que nada progride. Reprimindo cada vez mais os próprios conflitos, odiando as cunhadas e relacionando-se pessimamente com os filhos, Dulce é uma mulher aos frangalhos. Passa a maior parte do tempo em casa e agarra-se alucinadamente ao telefone para conversar com a mãe, seu alter-ego. Inútil. "... há uma voz submersa dentro de mim mamãe, será que tumentendes, e o que digo a nível de consciência não corresponde ao que sinto e quero explicar, quantas vezes já voltamos aos mesmos assuntos, e qual o resultado me diz, vamos tentar esquecer-los tá, como se nunca tivessem existido, quem quer que tu sejas minha analista, bobagem, quem, pra isto aí estão os doutores Castro da vida, esquecer é o melhor pra nós ambas, melhor, muito, mais tranqüilo não te parece, não vamos nos magoar dizendo coisas de que depois nos arrependemos, depois, depois, não vês que estou mais inquieta, depois já disse, depois, depois, amanhã noutra hora, é, retomamos o diálogo..."

A segunda parte, "Arremates", é composta de sete relatos curtos, narrados de diferentes pontos de vista, que acabam por convulsionar o romance, iluminá-lo: a loucura de Dulce; o contraponto feito pelas cunhadas; a família do marido (crônica da decadência); o cotidiano dos filhos; o incrível monólogo interior do marido — técnico bem-sucedido em especulação financeira — enquanto faz a barba; outro retrato da vida em Florianópolis; novamente a loucura de Dulce.

No final, o romancista subverte sua condição de narrador impessoal, o que é talvez inédito, e se solidariza com Dulce, teme por ela. "Como reagirás diante do que virá? Não sei. Não consigo prever com certeza. Posso apenas imaginar. Problemas se acrescentarão aos que já tens. Aos que já temos: cargas que virão juntar-se a tantas outras. Tem por ti, que não podes — ou não queres — te ajudar." Romance é feito de gente. Os sentimentos aqui expressos pelo autor mostram que, como gênero literário, o romance não é apenas instrumento de indagação, um modo de conhecimento sócio-histórico, mas sobretudo da própria condição humana. *A Voz Submersa*, publicado pela Global Editora, SP, é um romance para ser lido já.

Esta nossa

Voz Submersa

Nas linhas finais de *A Voz Submersa* (Global Editora, SP, 1984), Salim Miguel faz menção de uma data, o ano de 1968. Para o leitor atento do romance, a indicação assume no entanto um valor meramente referencial, ponto-origem de um universo de vicências e ocorrências que são presente, passado e possivelmente também se projetam adiante no tempo, universo que se cria e se expande do interior da personagem Dulce. 1968 é um momento crucial da história social e política brasileira, como é também um momento crucial da mente da personagem, em meio a outros momentos cruciais anteriores, como um conjunto de redemoinhos pressionando as águas para determinados centros, diversificados mas encadeados entre si. Entenda-se que não há, no livro, narrativas de fatos históricos, realmente acontecimentos na data em questão, ou antes dela, a não ser o assassinato pela polícia de um estudante nas ruas do Rio de Janeiro. Populares conduzem o corpo do jovem, entre gritos de indignação e revolta. A cena é presenciada por Dulce, é representada por Dulce, num processo de associações que se relacionam a momentos da sua experiência individual e que vão compor o cerne do romance.

Na verdade, dessa teia de associações, Salim Miguel estrutura o espaço interior, com o seu tempo próprio, da personagem Dulce, complexo, caótico, todo ele insegurança e neurose, a envolver e projetar os acontecimentos e personagens da sua vivência no tempo e no espaço exteriores, que giram em torno de Dulce como satélites, exercendo as suas múltiplas e recíprocas influências.

Um "quase monólogo" define e dá consistência a esse espaço interior, na primeira parte do livro. Longo desabafo pelo telefone de Dulce com sua mãe, nele se desencadeia a liberação da memória, consciente e subconsciente quando então se levanta todo o universo da personagem, suas obsessões e angústias, na fusão de presente e passado, realidade e imaginação. Nele vão nascendo e se afirmando os demais personagens do romance, que são os personagens de Dulce, o "bom-do-pai", a mãe, o marido, aquelas pestes das cunhadas, "os queridos diabinhos" que são os filhos, os sogros, etc. Ali estão a infância em Biguaçu, a juventude em Florianópolis e a vida de casada no Rio de Janeiro. É ali está, subjacente e refletido na existência e na ação de cada figura, um painel da sociedade brasileira dos últimos trinta ou quarenta anos, configurado no rosário de tensões e crises sócio-econômicas e políticas ainda hoje pendentes e ali simbolizados pela desestruturação de valores e pela perda de objetivos da classe-média, sem dúvida a que sofreu a cutilada mais desnorteante e devastadora, nesse âmbito de aceleradas (e celeradas) transformações institucionais. Com a habitual segurança e maturidade literárias - já conhecidas de seus contos da fase mais recente - Salim Miguel constrói um romance denso e forte, no qual a linguagem flui viva e precisa, envolvendo e instigando a inteligência do leitor na labiríntica trajetória psicológica e humana de suas criaturas. Se há uma verdade dominante em extensão e que parece emanar de Dulce, relacionada aos acontecimentos e principais, figurantes da trama, têm estes últimos também a sua oportunidade para uma versão particular dos fatos, relacionada e eles próprios e a Dulce.

Depoimentos, monólogos, fixação de instantes reveladores arrematam e equilibram o discurso narrativo, nas duas partes finais do livro, quando o autor mesmo surpreendentemente intervém no universo da sua criação. "Temo por ti, Dulce", diz-nos então o autor, refletindo sobre a sua personagem.

"Mais do que isto: temo-te. Temo não dar a dimensão exata do que és. . . Muitas vezes me escapas. Como alcançar a voz submersa a que te referes? A voz submersa que está dentro de ti e que a nível de consciência não corresponde ao que sentes, ao que procuras exprimir". Certo, a perplexidade lógica diante dos destinos que não se detêm nos limites da compreensão desejada pelo criador, por sofrerem o apelo incontornável daquelas forças maiores e obscuras que arrastam as vidas para as contingências (sejam elas quais forem, manifestas e inconscientes) de seu tempo. A partir de dois dados reais, bastante vagos no contexto, o assassinato de um estudante no Rio de Janeiro e o ano de 1968, Salim Miguel em *A Voz Submersa* oferece uma lúcida e crítica compreensão do Brasil contemporâneo, utilizando-se com maestria de recursos estritamente ficcionais.

E o leitor acaba por sentir, ao término da leitura, que o que realmente conta e cresce sob o peso de sua intrínseca importância, e o que subjaz nas palavras, sentimentos, atitudes e gestos de cada personagem e se dimensiona para além do factual da pura narrativa.

LIVROS

A safra do romance

Há muito tempo o romance brasileiro não apresentava uma safra tão farta, nem tão diversificada. Jorge Amado retoma o seu grande filão e com *Tocaia Grande* — *A Face Obscura* volta ao sem-fim do cacau e, forte e mágico, nos traz a formação de uma cidade. Nélida Piñon está em plena maturidade: *A República dos Sonhos* é um painel da imigração espanhola, quatro gerações de uma família a se confundirem com a própria vida brasileira. E Roberto Drummond, no seu *Hitler Manda Lembranças*, vê o nosso mais recente país seriamente, as cores jovens se mesclando a fundos cortes e cicatrizes.

Um tom de atualidade que talvez seja dado ainda mais por *Moreno como Vocês*, de Sônia Nolasco Ferreira. Escritores de prestígio aprofundam suas obras: Autran Dourado (*A Serviço del Rey*), Salim Miguel (*A Voz Submersa*), Esdras do Nascimento (*Os Venenos da Madrugada*), Adélia Prado (*Os Componentes da Banda*) e Lya Luft (*O Quarto Fechado*). E houve um pouco de tudo: o imaginoso de *O Cogitário*, de Napoleão Sabóia, o histórico de *Os Pa-receres do Tempo*, de Herberto Salles, o realista de *Quadros da Paixão*, de Álvaro Cardoso Gomes, e até o suspense cosmopolita de *Em Nome do Pai*, de Pedro Cavalcanti. E ainda *Tantubá*, onde Luiz P. Cardoso retoma o romance carioca em sua melhor tradição.

Na última hora, surgiram *A Condo-lência*, de Márcio Souza, e *Viva o Povo Brasileiro*, de João Ubaldo Ribeiro.

Nos últimos dias de 1984, dois romancistas (Márcio Souza e João Ubaldo) vieram confirmar uma tendência da literatura brasileira: é a vez do romance.



Jorge Amado: o sucesso com *Tocaia Grande*.

A novela trouxe *A Herança de Lundstrom*, de Sílvio Fiorani, um livro à altura do que de mais significativo tem surgido no gênero: pega uma pequena cidade do interior paulista e, na sua alegoria, projeta a temática de raça e assimilação.

Do conto foram editados autores conhecidos e aplaudidos, e surgiram novos escritores bem apreciáveis. Houve o destaque natural de duas excelentes antologias: *Os Melhores Contos de*

Lygia Fagundes Telles e Os Melhores Contos de Moacyr Scliar. E todo um cortejo de ótimos livros (com destaque para *Os Sobreviventes*, de Ricardo Ramos): *Os Jogos*, de Edilberto Coutinho; *Era Sempre Feriado Nacional*, de Julieta de Godoy Ladeira; *De Repente, às Três da Tarde*, de Orlando Bastos; *Dias Melhores*, de Modesto Carone, *Livrai-me das Tentações*, de Deonísio da Silva; *Uma Terra Só*, de Aldyr Schlee; *O Homem do Carro-Motor*, de Renato Moder-nell; *Enfeitiçados Todos Nós*, de Lourenço Cazarré, e *A Dentadura Postiça*, de Charles Kiefer.

Bastaria, no campo da poesia, a publicação de *Corpo*, de Carlos Drummond de Andrade, para alçar a poesia ao plano superior. Mas, além dele, houve bons poetas de inflexões diversas: Foed Castro Chamma (*Pedra da Transmutação*), Lindolf Bell (*Código das Águas*), Sérgio Sant'Anna (*Junk Box*)...

A crônica teve grandes momentos, com *Boca de Luar*, de Carlos Drummond, e *Recado da Primavera*, de Rubem Braga. Ou com *A Mu-*

lher do Silva, de Luís Fernando Veríssimo, ou *Deus é Brasileiro*, de Carlos Eduardo Novaes. E até mesmo as crônicas de viagem, de modo geral tão marginais, acertaram em cheio dois títulos: *O Verde Violentou o Muro*, de Loyola Brandão, e *Senhora Dona do Baile*, de Zélia Gattai.

Tudo isso sem esquecer que, no campo da literatura infantil, houve uma verdadeira avalanche de novos títulos. **(A)**

Resenha literária: Os Estigmas e A Voz Submersa

José Afrânio Moreira Duarte *

1 — Sendo mais conhecido como poeta e tendo também publicado um excelente ensaio sobre o G. Régio de Carvalho, Francisco Miguel de Moura é um nome que se projeta entre os valores maiores da literatura piauiense.

Agora Francisco Miguel de Moura ingressa num terreno novo, publicando o romance "Os Estigmas", lançamento da Editora do Escritor, de São Paulo.

Há quem diga que os verdadeiros poetas têm o privilégio de sempre se saírem bem quando escrevem prosa, o que já não é uma constante quando se trata de prosadores incursionando na poesia. Será mesmo assim?

Em "Os Estigmas", Francisco de Moura dá demonstração de possuir um inequívoco talento também para a ficção. Trata-se de uma história bem estruturada que vai sendo conduzida de maneira cativante, num estilo preciso e claro. Há beleza de linguagem e a narrativa se desenrola com originalidade, de tal forma que, mesmo depois de terminar o romance, o leitor parece ir deduzindo coisas novas, coisas sutilmente sugeridas no texto, mas que ficam mais patentes quando se conhece toda a trama.

Ciro é o personagem principal em torno do qual giram diversos outros, todos bem enfocados. A técnica ficcional de Francisco Miguel de Moura é moderna e convincente.

O entrelhecho desenrola-se em

ambientes nordestinos, a partir de Teresina, mas tem um cunho de universalidade e poderia passar-se em qualquer parte.

Francisco Miguel de Moura cria tipos com forte carga de humanidade e por isto mesmo eles parecem reais. Através das páginas de "Os Estigmas" há vida, sentimento e sensibilidade.

"Os Estigmas" demonstram que o ensaísta e poeta Francisco Miguel de Moura tem talento suficiente para vencer também como bom romancista. Basta ler para conferir.

2 — Salim Miguel começou a aparecer na literatura ainda nos anos cinquenta, quando dirigia a então famosa Revista "Sul", de Florianópolis, que marcou época não só na literatura catarinense como mesmo na brasileira.

Naquela época, Salim Miguel estreou em livro, com "Velhice e Outros Contos", onde já demonstrava sua garra para o gênero. Esse livro foi recentemente reeditado e prova que resistiu ao passar dos anos.

As atividades culturais de Salim Miguel são múltiplas, pois além de romancista e contista tem-se dedicado também a atividades cinematográficas, como roteirista, tanto em Florianópolis quanto no Rio de Janeiro.

Há pouco tempo a Global Editora lançou um novo romance de Salim Miguel, intitulado "A Voz Submersa", nome belo e sugestivo.

Trata-se de um livro dividido

em duas partes. A primeira, "Tumentendes", é um longo monólogo de Dulce, personagem principal, meio neurótica e muito prolixa. A segunda, "Arremates", é como que uma complementação da história ou, de certa forma, a visão da história sob novos ângulos.

Embora no prefácio Edda Árzua Ferreira diga que no romance não acontece absolutamente nada, "A Voz Submersa" parece-me um texto pleno de acontecimentos, com os fatos de um certo viver cotidiano que ficam submersos por muito tempo até que uma voz se alça e eles aparecem.

Em "A Voz Submersa", Salim Miguel consegue ainda ser original, o que se torna cada vez mais difícil, com tantos inovadores.

O escritor domina a linguagem e as personagens. O texto flui como um rio que corre, embora não com mansidão. Atrás do drama pessoal e familiar, há uma visão abrangente do Brasil nos últimos anos. Realmente, "A Voz Submersa" é "um romance que faz a radiografia da sociedade brasileira a partir de 1968", por sinal que uma radiografia muito bem feita.

A narrativa prende o tempo todo, num texto bem escrito, humano e belo. Indubitavelmente, "A Voz Submersa" confirma as qualidades de um notável ficcionista, tão bom no romance quanto no conto.

*Advogado e escritor de Belo Horizonte

SOBRE A VOZ SUBMERSA

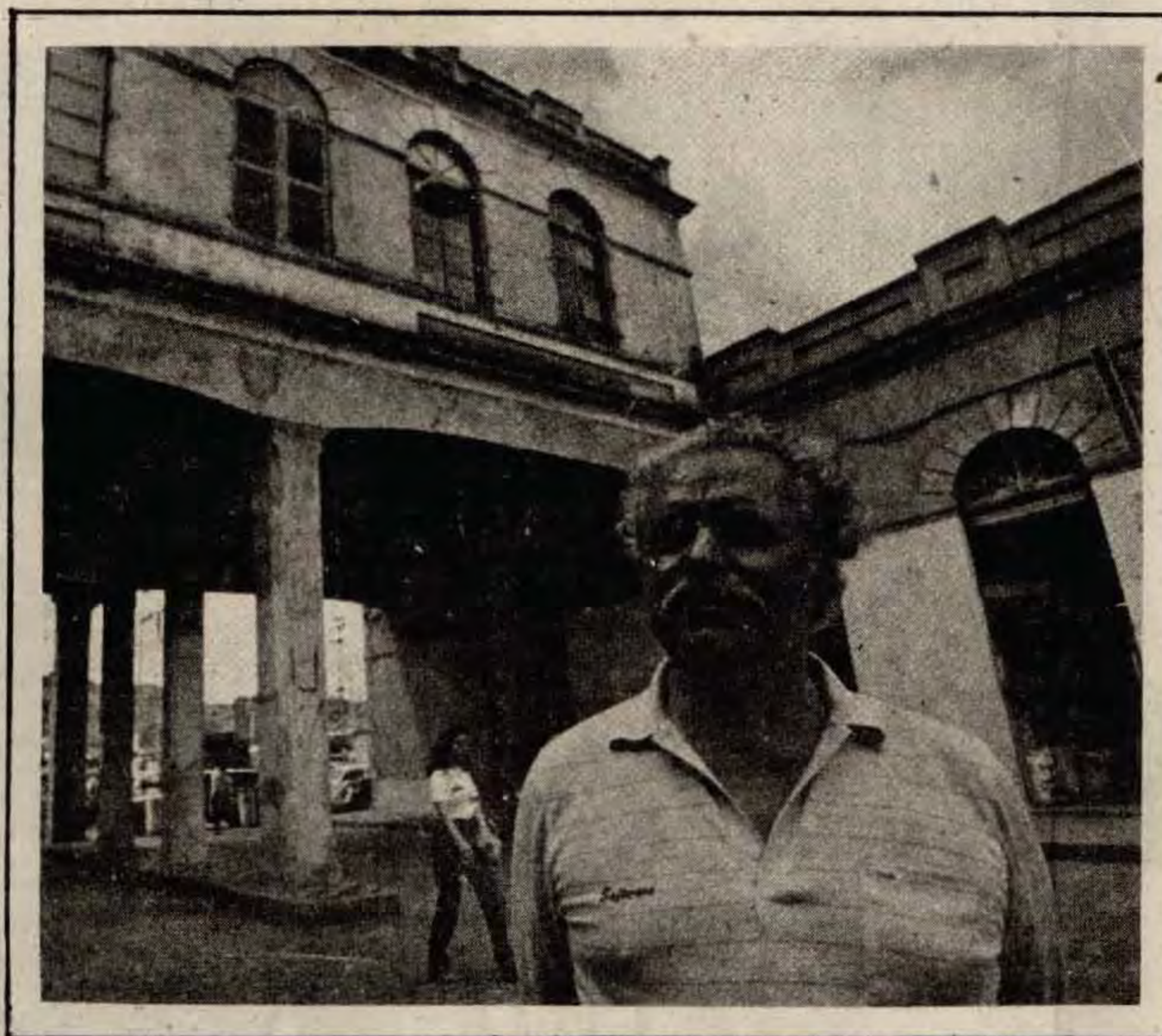
Ubiratan Machado*

Com quatro livros de contos e dois romances publicados, Salim Miguel é uma voz de boa ressonância na moderna literatura brasileira. Escritor identificado com a gente, o chão, os ventos e o mar catarinense, ele tem se mantido sempre fiel à sua terra. Fiel, mesmo quando seus personagens, como neste *A Voz Submersa*, vivem e penam em outro espaço geográfico. No caso, o Rio de Janeiro.

A latitude muda, mas persiste a presença obsessiva do Estado sulino. Dulce, a personagem central do romance, tal como seu criador, continua presa de forma irremediável ao seu feudo, aquela zona que se estende de Florianópolis a Biguaçu. Foi nessa região que ela passou a infância e adolescência, começando a acumular o paiol de recordações que explodirá no Rio de Janeiro, quando eclode a sua longa e pungente crise neurótica. Uma crise aguçada e detonada pelo momento histórico anômalo que o país vivia, no final da década de 60.

Na precisão com que o escritor captou o influxo do transe social na eclosão da crise individual está, a meu ver, um dos grandes méritos do romance. Aos poucos, com a superposição de dois tempos e dois espaços geográficos, vão sendo iluminadas as raízes da neurose de Dulce. Esse tempo, deve-se frisar, não se mede pelo relógio. Aliás, inexistente ação e todo o romance flui regulado pela hora interior da personagem. Daí, o embaraçamento de tempos reais, a aproximação de pontos geográficos afastados no espaço, a junção de fatos e acontecimentos separados por muitos anos de vida. Tudo isso, propulsionado por uma neurose que, por vezes, descamba em pura alucinação.

Alucinada, por exemplo, quase fantasmagórica, é a visão que temos



do Rio de Janeiro, no capítulo *Um Passeio*. Apesar da precisão topográfica com que o romancista assinala os acidentes do bairro do Catete, o que nos surge é uma cidade de pesadelo. Aliás, pesadelo proposital, o passeio de Dulce pela *urbs* vazia, que parece varrida por uma bomba de nêutrons, é uma das passagens mais instigantes e bem realizadas do livro. Isso nos alerta para uma peculiaridade: o Rio de Janeiro e a paisagem urbana carioca funcionam apenas como acessórios. O romance poderia se situar em qualquer outra grande cidade brasileira, sem perder a sua coerência ou a

sua força. Insubstituível é a presença de Florianópolis, pulsando por trás de cada reação de Dulce. Reações que, com frequência, refletem o clima sombrio e a repressão que sufocava o país, apesar do otimismo de fachada.

Este é um dado fundamental do livro: partindo de uma vida medíocre e incolor, o romancista nos traçou um nítido (por vezes, propositalmente desfocado) retrato do Brasil contemporâneo. E, sobretudo, soube sugerir como a atmosfera de terror político aguçou estados mentais patológicos, mesmo em pessoas que nem ao menos se preocupavam com a realidade

político-social do país. "Efeito de sugestão do clima envolvente de intranquilidade que paralisava o país.

Pois foi um dos momentos mais tensos da história brasileira dos últimos vinte anos, que detonaria a crise de Dulce. Ginelândia, março de 1968, dia do assassinato do estudante Edson Luís. Envolvida e arrastada pela multidão, Dulce entra em pânico. Já em casa, telefona à mãe, na ânsia de lhe contar os momentos de pavor que vivera. Não consegue. Há um bloqueio, uma voz submersa que não vem à tona. Mas esse diálogo, - na realidade, um monólogo, pois em nenhum instante o leitor sabe o que sua interlocutora lhe responde, - desnuda-lhe a alma. Nesse transe catártico, esboça-se também um angustiado painel da sociedade brasileira.

Romance de técnica apurada, essa obra reafirma as qualidades de um escritor que trabalha seu material com o rigor de um artesão. A linguagem é clara, sem malabarismos que deixem o leitor com torcicolo. Mas, *A Voz Submersa* não é uma leitura amena, que se espiche como linha de carretel. É um livro duro, áspero, quase intratável, como aquele cacto do poema de Manuel Bandeira. Exige um leitor arguto, resolvido a "penetrar nos meandros sutis da narrativa", como alerta Edda Arzúa Ferreira no prefácio. Para esses, o romance na certa se assemelhará a certas frutas dos desertos do Oriente, cuja aspereza exterior, oculta insuspeitado sabor. A polpa é boa.

* *Jornalista, tradutor, ensaísta, autor de O Espiritismo na Literatura Brasileira (de Castro Alves a Machado de Assis), Edições Antares, Rio, 1983.*